P. CARLOS TESCHAUER S. J.

Vida e Obras

do Padre

Roque González de S. Cruz S. J.

Primeiro Apostolo e Civilizador do

Rio Grande do Sul

3.ª edição cuidadosamente revista e publicada pelo
Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul

GRAPHIA DO CENTRO ☆ PORTO ALEGRE ☆ RUA DR. FLORES 108

1928

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO RIO GRANDE DO SUL

Séde: PORTO ALEGRE

Presidente: Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva
1.º secretario: Dr. Francisco de Leonardo Truda
Thesoureiro: Affonso Guerreiro Lima

Publica a sua Revista em fasciculos trimestraes ou semestraes, formando annualmente um volume de setecentas paginas, na média.

Condições de assignatura:

Por anno .... 15$000 rs.
Por fasciculo trimestral ...... 4$000 rs.

Preço de collecção até 1926: 200$000.

Para assumptos da Revista dirigir-se directamente ao Dr. Eduardo Duarte, á rua Duque de Caxias n.º 1231. Porto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.

VIDA E OBRAS

do Padre

Roque González de Santa Cruz S. J.

Primeiro Apostolo do

Rio Grande do Sul

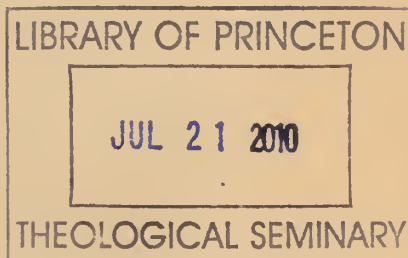
(Contribuição para a Historia da Civilização no Brasil)

por

Carlos Teschauer S. J.

3.ª Edição cuidadosamente revista e publicada pelo
Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul

TYPOGRAPHIA DO CENTRO ✡ PORTO ALEGRE ✡ RUA DR. FLORES 108

—

1928

O P. Roque González de Santa Cruz, martyrisado a 15 de novembro de 1628, segundo uma pintura recente de religiosa franciscana

Passando no proximo dia 15 de novembro a data tri-centenaria da morte do padre Roque González de Santa Cruz, o primeiro martyr da civilização do Rio Grande do Sul, resolveu a commissão redactorial da Revista reeditar o presente trabalho, obra do nosso eminente confrade P. Carlos Teschauer S. J.

„Vida e obras do Padre Roque González de Santa Cruz S. J." alcança dest'arte, em nossa terra, a sua terceira edição. Só esse facto bastaria para justificar o valor desse trabalho historico. O Instituto, porém, reestampando-o, quer contribuir com a sua homenagem á memoria do grande apostolo, fazendo uma larga tiragem de modo que o precioso livro possa penetrar no seio da familia rio-grandense e tornar conhecida e venerada a memoria santa de Roque González de Santa Cruz, o fundador dessa brilhante civilização de que são ainda nos dias que correm um eloquente attestado as ruinas dos Sete Povos das Missões Orientaes.

Prefacio

Não venho offerecer ao benevolo leitor uma hagiographia que apresente em cada capitulo uma virtude particular ou exemplo edificante. Conto apenas a vida de um varão apostolico, cuja santidade attestam obras estupendas, mas cuja alma as fontes escassas não nos permittem contemplar na medida dos nossos desejos. Não obstante, ninguem, ao percorrer esta monographia, creio eu, duvidará de quanto sejam solidas e sublimes as virtudes do protomartyr e apostolo do Rio Grande do Sul.

Com esta biographia do fundador das Sete Missões enceto a relação historica da catechese e civilização dos nossos indigenas, ou em outros termos, a historia primitiva deste nosso Estado. Comprehenderá este livro a phase inicial: em outros, sobretudo na *Historia do Rio Grande do Sul dos dous primeiros seculos,* relatei os progressos ulteriores. Espero, portanto, achar interesse entre quantos prezam taes investigações de historia particular e nomeadamente por ser o material desta parte novo e desconhecido, o que me foi confirmado por pessoa competentissima e actualmente talvez a primeira autoridade no campo da historia riograndense.

Julgo ser do meu dever relatar ao leitor a genese deste trabalho. Conhecia já as obras historicas mais importantes sobre

o Brasil e varios Estados, quando visitei os Sete Povos da banda oriental do Uruguay. Nestes estudos occorreu-me a miudo o nome do P. Roque González, mas nada me levara a vêr nelle o primeiro apostolo desta terra. Pesquizas e investigações prolongadas revelaram-me emfim o papel saliente que este santo sacerdote representou na christianização patria.

Ainda não existe monographia sobre homem tão benemerito da nossa civilização: as noticias sobre a sua vida andam espalhadas em documentos ineditos ou diversas obras, hoje extremamente raras.

Exigia, portanto, imperiosamente a historia, não menos que a gratidão dos posteros, fosse emfim tirada das sombras do esquecimento a sagrada memoria de quem tanto fez pela religião e patria.

Tendo conseguido, não sei por que feliz concatenação de circumstancias, o material necessario para tão ardua tarefa, esmerei-me em desempenhal-a conscienciosamente: com que fadiga, sabe-o Deus e o sentiu quem estas linhas escreve.

Resta-me ainda cumprir o grato dever de agradecer com effusão a quantos me coadjuvaram — alguns já passaram desta para melhor vida — aos amigos neste Estado que me proporcionaram os meios para tão dispendiosos estudos, aos senhores bibliothecarios, archivistas e mais amigos em Buenos Aires, a quem por tantos obsequios e zelo infatigavel serei devedor. A todos me confesso extremamente penhorado.

Porto Alegre, outubro de 1928.

O Autor.

INTRODUCÇÃO

O Rio Grande do Sul, que hoje occupa logar saliente entre os Estados da União, depois de descoberto nos primeiros decennios de 1500, continuou por todo aquelle seculo a ser uma terra incognita. Foi no principio do seguinte que o explorou e descreveu, pela primeira vez, o homem apostolico cuja vida pretendo esboçar. O conhecimento cabal só o trouxeram as luctas seculares em que as duas grandes potencias ibericas se disputaram mutuamente a posse deste territorio.

Quem, conforme a opinião ainda mais seguida, primeiro devassou as brumas do oceano que encobriam estas paragens do sul, foi João Dias de Solís,[1]) descobrindo o grande estuario platino, ao qual regressou, depois de ter attingido o grau 40 lat. sul. O Rio de Solís ou da Prata, apenas navegado, levou os exploradores ao conhecimento do Uruguay, em cuja banda oriental se havia de iniciar a civilização de nosso Estado.

Sebastião Caboto, chegado á foz do Prata em 1527, foi o primeiro europeu que subiu por aquelle poderoso affluente. Os guaranis, sempre pacificos, quando não provocados á vingança, abasteceram os viajantes de viveres. Na margem oriental encontrou um rio, que até hoje, segundo Guevara,[2]) se chama S. Salvador, offerecendo ancoradouro seguro para as

---

[1]) Foi o Dr. Conrado Haebler quem, por meio de uma copia manuscripta da „Gazeta Allemã", encontrada no archivo da familia Fugger, recentemente demonstrou que, em 1514, chegara lá uma armada de D. Nuno Manoel. (Hist. Geral do Brasil, por Varnhagen, 3.ª edição revista por Capistrano de Abreu, Secc. VI. Nota A. Rio 1905). Esta descoberta parece, porém. ter sido sem consequencia, como fôra a de Vicente Yáñez Pinzón a respeito do Brasil.

[2]) *Guevara,* Hist. de la Conquista. Cap. II. Dec. I 3.

embarcações. Levantou neste sitio um fortim, o primeiro monumento de conquista, mas os indios, como se comprehendessem todo o alcance daquella obra, negaram-lhe todo o auxilio e se retiraram com signaes inequivocos de rancor e despeito. Resolveu-se então o intrepido navegante a retroceder para explorar o rio da Prata, confiando a empreza a João Alves Ramão, a quem deixou dois botes e uma caravela tripulada por numero regular de marinheiros, a qual, porém, em breve naufragou durante um temporal. Em situação tão critica, determinou-se parte da gente a seguir por terra, guiados pelo proprio Ramão. Os indios yarós, conseguindo cortar-lhes a communicação com os botes, após lucta renhida, os destroçaram, matando e ferindo a muitos. O proprio Ramão pagou com a vida a ousadia.

Igualmente infeliz foi a expedição de Martim Affonso de Souza, em 1531, que experimentou na altura do Chuy tão forte temporal que perdeu a capitanea e um bergantim com alguma gente e „não se deixou ficar nas plagas da provincia do Rio Grande, onde o lançou de si o proprio mar.“ Parece que a Providencia havia decretado não passasse o dominio portuguez além do Chuy, assignalando-o com o naufragio de Martim Affonso. O diario de seu irmão Pero Lopes nos permitte lançar um rapido olhar sobre o paiz á margem do Uruguay.

Ouçamos a descripção:

„Terça feira, 6 dias do dito mez (Novembro de 1531) pela manhã se fez o vento sueste e com elle me fiz a véla no bordo de lessueste e á tarde fui surgir defronte da nau. . . Estando aqui. . . vêr se achava rasto de gente: mas nada achei senão rasto de muitas alimarias, muitas perdizes e codornizes e outra muita caça. A terra é mais formosa e aprazivel que eu jámais cuidei de vêr; não havia homem que se fartasse de olhar os campos e a formosura delles. Aqui achei um rio grande, ao longo delle tudo arvoredo, o mais formoso que nunca vi, e antes que chegasse ao mar, um tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamo-nos ao bergantim. . . depois parecia-me que nos podiamos manter com o mantimento que na terra havia e com o pescado, o mais formoso e saboroso que nunca vi.

„A agua já aqui era toda doce, mas o mar era tão grande que me não podia parecer que era rio; na terra havia muitos

veados e caça que tomavamos e ovos de emas e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel e muito bom; achavamos tanto que o não queriamos; e ha cardos, que é muito bom mantimento e que a gente folgava de comer."

Entrando no rio, exprime-se por esta forma:

„Quarta-feira, 11 de Dezembro, fui pelo rio arriba com bom vento, e vi um braço pequeno e metti-me por elle, o qual ia a noroeste e neste rio ha umas alimarias como raposas (lontras) que sempre andam na agua e matavamos muitas, tem sabor como cabritos. Esta terra dos Carandis é alta ao longo do rio, e no sertão é toda chã, coberta de feno, que cobre um homem: ha muita caça nella de veados, emas, perdizes e codornizes, é a mais formosa terra e aprazivel que pode ser.

„Eu trazia commigo allemães, italianos, homens que foram á India, e francezes, todos eram espantados da formosura desta terra, e andavamos todos pasmados que não nos lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomamos muito pescado de muitas maneiras, vive tanto neste rio e tão bom que só com o pescado sem outra cousa se podiam manter; ainda que um homem coma 10 libras de peixe, em as acabando de comer, parece que não comeu nada e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio é tão bom que nenhuma carne, nem pescado apodrece, e era na força do verão que matavamos veados e traziamos a carne 10 ou 12 dias sem sal e não fedia. A agua do rio é muito fria; quanto o homem mais bebe, tanto melhor se acha. Não se pode dizer nem escrever as cousas deste rio e as bondades delle e da terra."

Não obstante ser paiz tão attrahente, esqueceram-no e tanto que por muito tempo ainda permaneceu na sombra do esquecimento.

O fito que tinham em mira as explorações aventureiras dos hespanhoes, tão ricas em sacrificios de vidas e fortunas, era a communicação com o Perú, o El-Dorado daquelles tempos. Na verdade, mais avisado andaria Caboto, se chamasse o Rio da Prata, Rio do Ouro. Porém, os continuos desastres, devidos quasi sempre á resistencia tenaz e victoriosa dos guaranis, resfriaram emfim o enthusiasmo pela exploração de regiões desconhecidas.

Foi só na segunda metade do seculo XVI, em 1573, que João Ortíz de Zárate emprehendeu nova expedição. Nas bordas

do Uruguay experimentou a conhecida hospitalidade dos guaranis, que o proveram de caça, avestruzes e pescado, seu alimento usual.

Mas, quando o chefe hespanhol mandou prender o sobrinho do poderoso tuxava [3]) Sapican, foram os aventureiros vencidos na batalha de S. Gabriel e a victoria posterior de Garay não conseguiu salvar a posição dos hespanhoes, que evacuaram o povo do Salvador. Recahiu novamente o Uruguay num abandono de cinco lustros, que por mais tempo quiçá se prolongaria, se não surgisse em principios do seculo seguinte um estadista extraordinario, americano de nascença, oriundo de uma familia distincta e dotado de caracter energico e esforçado. Tendo exercido influencia decisiva nos destinos do antigo Rio Grande, justo é abrirem-se-lhe aqui de par em par as portas da historia. Foi *Hernando Arias de Saavedra* chamado tambem Hernandárias.

Os infortunios, disturbios e ambições desmedidas que encheram o ultimo quartel do seculo proximo findo, tinham patenteado de sobra a necessidade de uma mão firme e bem avisada que empunhasse as redeas do governo.

Os paes de Saavedra pertenciam á primeira nobreza; tanto mais extranho parece, portanto, que o filho não lhes tenha adoptado nome algum. Seu progenitor foi Martinho Soares de Toledo, que governara a provincia do Paraguay antes do adelantado Ortíz de Zárate; a mãe chamava-se D. Maria de Senabria, filha do adelantado do Rio da Prata Juan de Senabria.

De mui joven começou Saavedra a servir o rei com dedicação e habilidade em elevado grau. Diz Lozano que os exemplos de valentia, zelo, piedade e prudencia que esta vida offerece, igualariam em numero aos que a historia nos refere de varios seculos. Magnanimo e cavalheiroso, foi protector constante dos indios indefesos contra vexações e arbitrariedades, zelando entre elles a conversão e ensino religioso; mas sabia tambem humilhal-os, quando vinham em som de guerra, vencendo-os em varias batalhas campaes.

Releve o leitor referir-se aqui um episodio bellico que faz sobresahir tanto o caracter dos indios, como o do nobre guerreiro. Estando já imminente uma batalha, veio procural-o

[3]) Tuxava ou morobixaba é o mesmo que chefe.

o chefe indigena, homem de compleição herculea e aspecto terrivel para desafial-o com altiva presumpção a uma lucta corpo a corpo, a qual decidiria a sorte dos dois exercitos. Acceitou Hernandárias o repto. Travou-se o combate á vista dos arraiaes, dando ambos os contendores provas de singular destreza em adivinhar os lances ao adversario e aparar-lhe os golpes. Por longo tempo fluctuou indecisa a victoria, até que emfim veio declarar-se a favor do general hespanhol, que conseguiu prostrar por terra ao selvagem e cortar-lhe a cabeça. Os indios não só renderam-se conforme o ajuste, mas receberam o emulo victorioso por entre acclamações de enthusiasmo e admiração.

Pela morte de Diogo Valdez de la Banda, cujo governo de pouca duração nada offerece de notavel, entrou Hernandárias a dirigir os destinos da futurosa colonia, como oitavo governador.

Por entre os cuidados administrativos e emprezas guerreiras que encheram o primeiro periodo do seu governo, mereciam-lhe os indios desvelo especial. Protegia portanto todos os missionarios, dedicando porém um affecto particular aos da Companhia de Jesus.

Attrahiu a attenção do habil estadista a nação guarani, senhora das bordas do Uruguay, já pela valentia com que tinham resistido á entrada dos europeus, já e igualmente pelo desleixo com que os predecessores descuidaram a civilização de gente tão nobre e destemida.

Feitos os preparativos bellicos, poz-se em principios de 1603 á testa de um troço expedicionario de 500 hespanhoes. E vencendo quanto obstaculo a natureza lhes oppunha no longo trajecto de Assumpção ao Uruguay, chegaram á vista do inimigo, o qual em ataque tão impetuoso os acommetteu que lhes infligiu tremenda derrota. Dos pormenores nada nos chegou, parecendo aos historiadores demasiadamente lugubre o espectaculo de meio milhar de hespanhoes extendidos no campo da batalha.

„Nem a cavallaria, nem as armas de fogo, nem a reconhecida habilidade do general e superioridade de tactica resistiram ao desesperado arrojo dos filhos das selvas,“ diz Bauzá.

Convenceu-se o general derrotado que nenhum hespanhol pisaria o solo daquellas paragens, emquanto o poder da Cruz

não sujeitasse ao doce jugo do evangelho tão indomita geração. Foi neste sentido que escreveu á corte. A proposta, examinada e approvada pelo conselho das Indias, agradou a Felippe III, que em carta ao governador, datada em 5 de Julho de 1608, confirmou o plano da conquista pacifica.

„Cedendo aos rogos de Hernandárias, diz Lozano, acceitaram os jesuitas as missões guaranis, que são a coroa mais gloriosa desta provincia e até de toda a Companhia.“

Entretanto, devido ao proverbial vagar da administração hespanhola e aos enredos dos invejosos, passou o avisado estadista pelo desgosto de ver retardada a execução da empreza por quasi dois lustros. Após uma administração de nove annos, foi substituido por Diogo Maria Negrón, que, fallecendo já em 1615, teve por successor interino o general Francisco González de Santa Cruz, o qual no breve espaço de dois mezes conseguiu mais que outros em muitos annos.

Apenas se achou Hernandárias livre do peso do governo, retirou-se para Santa Fé, dizendo que já não desejava outra cousa neste mundo além do pão com que se nutrisse, e de um rincão solitario onde cuidasse da salvação de sua alma. Chegado á sua propriedade, reuniu quantos indios possuia e declarou-lhes que eram livres e poderiam servir a quem quizessem. Julgando-se com taes palavras despedidos, começaram todos a lastimar-se, pois tendo-os o amo tratado como pae, preferiram o serviço em casa delle á liberdade por outra parte. O caridoso patrão não teve outro remedio senão voltar, declarando-lhes que não fôra seu intento demittil-os, mas sim expor-lhes o direito que lhes assistia.

Chamado pela terceira vez ao governo por cedula real no anno de 1615, tomou a peito a execução das ordenanças de Francisco Alfaro, que livravam os indios do serviço pessoal, verdadeira magna carta de liberdade, em cuja elaboração tivera elle parte eximia. Deu vista ás casas de Santa Fé, bem como a todas as chacaras e habitações ruraes annunciando aos indios que agora gozavam da mesma liberdade que os hespanhoes: juntamente pedia informações se viviam contentes com seus amos e se delles recebiam os salarios estipulados. Achando muitos hespanhoes atrazados em contas neste ponto, mandou encarcerar uns quarenta, com o que alcançou maior pontualidade nos demais. Quem estava impossibilitado de pagar im-

mediatamente, era obrigado a dar fiança para dois mezes. Afim de evitar as fraudes, exigia que os respectivos pagamentos se fizessem em sua presença, ou, em sua ausencia, perante a justiça. Castigos severos reprimiam as vexações e arbitrariedades no trato com os naturaes, e as multas, que se impunham, redundavam em beneficio dos aggravados.

A todos e a tudo se extendia a actividade do governador. Ouvindo da situação precaria de algumas jovens hespanholas, montou-lhes uma officina, onde lhes fornecia a lã por fiar a proprio custo.

Um corsario hollandez aprisionara na foz do Prata tres navios e continuava a infestar aquellas paragens. Armou contra elle tres embarcações, confiando o commando a seu sobrinho, D. Jeronymo Luiz Cabrera. O corsario, talvez avisado dos preparativos, retirou-se, sem esperar pelo ataque.

Para augmentar entre os indios o respeito devido aos missionarios, visitou pessoalmente a primeira reducção, e á vista dos neophytos e pagãos, foi beijar a mão ao sacerdote com todas as demonstrações de sincera humildade.

Ainda nos resta relatar um facto, que é uma prova eloquente de sua circumspecta previdencia. Numa viagem de Assumpção a Buenos Aires, descobrira um sacco de herva mate que levavam os remadores.

Dissimulou na occasião o desagrado, mas, apenas chegado á cidade, mandou queimar a herva em praça publica, dizendo aos indios: „Não extranheis o meu proceder, é para o vosso bem que o faço, pois o coração está a dizer-me que esta será a fonte de vossa desgraça; oxalá nunca ensinasseis aos espanhoes o uso de uma bebida que tão caro vos ha de custar.“ A historia confirmou as apprehensões do grande bemfeitor dos indigenas.

O seu ultimo acto governativo foi requerer e procurar, com toda a insistencia e feliz successo, a divisão do territorio em dois governos, o do Paraguay e o do Prata.

Exonerado emfim do cargo que pela terceira vez desempenhara, retirou-se para Santa Fé, onde em 1634 veio a fallecer, chorado por todos como pae da patria, emquanto elle em sua modestia nem sequer admittira o tratamento de senhoria. Por se ter distinguido nas artes de paz e guerra,

collocou-se-lhe o retrato na sala de honra da afamada casa de Contratação de Sevilha. A historia, porém, perpetuou-lhe o nome, aureolado com a gloria de ter sido um dos primeiros propugnadores da liberdade da raça americana.

Diogo de Góngora, que assumira as redeas do governo em fins de 1618, foi quem iniciou a execução do plano da conquista pacifica da margem oriental do Uruguay, convidando o P. Roque González de Santa Cruz para tão gloriosa empreza.

Vida e Obras
do padre Roque González de Santa Cruz

I

Annos de juventude e sacerdocio

Dentre todas as missões confiadas aos cuidados da Companhia de Jesus, poucas haverá a que coubesse maior quinhão tanto nas bençãos de Deus como na admiração dos amigos e nas calumnias dos desaffectos, do que ás reducções do Paraguay e nomeadamente ás dos Sete Povos Orientaes no Estado do Rio Grande do Sul.

Passamos a narrar a vida do infatigavel apostolo que primeiro regou, com o suor e sangue, campo tão afamado, dando igualmente nova orientação a toda a actividade missioneira na America do Sul.

Infelizmente a escassez das fontes nos veda assistirmos ao desabrochar de tão elevado talento e acrisolada virtude. E' nos dado admirar a arvore gigante cujos ramos abrigaram milhares de selvicolas, mas não ha quem nos diga como brotara modesta e singela e se desenvolveu garbosa na esperança do porvir.

Foi pelos annos de 1570 que a cidade de Assumpção no Paraguay se encheu de contentamento e alegria. Pois uma das mais conspicuas familias da então capital do governo do Rio da Prata celebrava o nascimento e baptismo de um filho e o regosijo que experimentava, se communicou aos demais cidadãos entre os quaes eram communs não só os sacrificios e

privações daquelles tempos aventurosos e mal seguros, mas tambem as raras e portanto mais apreciadas alegrias e satisfações.

O menino Roque herdou com a nobreza de sangue a piedade e inteireza de costumes que distinguiam seus progenitores Bartholomeu González de Villaverde e Maria de Santa Cruz. Deram educação esmerada ao filho, o qual numa pronunciada affeição aos exercicios de piedade seguiu os impulsos da graça, entregando-se ás praticas de devoção. Seu entretenimento predilecto era estar na presença do seu Deus, e chegado aos annos da puberdade, recatou a virtude de forma que conservou a innocencia baptismal, prodigio quasi sem exemplo no meio da dissolução e desenvoltura de costumes, propria a colonias entre gente barbara.

Esta fidelidade, com que correspondia o joven Roque á graça, premiou-a o Creador, derramando com mão prodiga favores extraordinarios sobre aquelle privilegiado coração, parecendo apressar-se a tomar posse desta alma, para que, arrebatada pela formosura infinita, a nada mais aspirasse sobre a terra senão á gloria do Senhor e á salvação das almas.

Um só, mas significativo incidente da sua mocidade nos conservou a historia. Um dia, tendo apenas doze annos de idade, em companhia de dois condiscipulos e amigos, deixou secretamente a casa paterna e após uma viagem de quinze leguas embrenhou-se num deserto. Ao darem os pais com a falta do estremecido filho, foram cheios de angustia em sua procura, receando muito da sua tenra idade e dos perigos dos tigres e outras feras, até que finalmente o encontraram no meio de um denso matto, onde numa ermida com seus camaradas estava a ler as vidas dos santos. Perguntado, por que razão deixara a casa, respondeu que queria servir a N. Senhor e apartar-se dos perigos do mundo; e contra vontade e só a instancias dos paes voltou para o lar paterno.

Dali em diante vivia sómente para os exercicios da religião na igreja e aos estudos e seus livros no seu pequeno e pobre quarto. A communhão frequente elle já naquelle tempo pôl-a em pratica. Era de uma modestia e gravidade tal que ninguem em sua presença usava de uma palavra menos honesta ou indecorosa, e como si fosse já sacerdote, a todos que o conversavam exhortava ao serviço de Deus e a aborrecer os vicios. Alma de eleição, favorecida com taes bençãos do céo, não era para o mundo. Ao seu coração generoso e phantasia ardente

representar-se-iam as façanhas e acções heroicas, hoje para nós quasi sobrehumanas, em que no seu tempo os conquistadores rivalisavam; porém longe de invejar-lhes os mimos da fama e gloria, resolve envergar a humilde roupeta de missionario, para que, sobrepujando-os em acções heroicas de ordem superior, levasse sem outras armas que a cruz, a feliz effeito o que nunca teriam conseguido aquelles legendarios protagonistas da conquista.

Estando porém já em idade de tomar as ordens sacras, muito tempo hesitou em dar esse passo decisivo, considerando-se indigno deste alto ministerio, formidavel até a hombros de anjo, de sorte que precisava da animação do bispo diocesano.

Raiando o dia em que pela vez primeira ia offerecer o incruento sacrificio do novo testamento, é impossivel imaginar os affectos de generoso devotamento e santo jubilo que agitaram aquelle coração abrazado no amor do seu Deus. A cidade de Assumpção não pôde conservar-se apathica ante um acontecimento que tão de perto a interessava e acudiu em peso para ver aquelle espectaculo de piedade e modestia, aquelle joven de tão nobre ascendencia, a vergontea de uma das primeiras familias, que durante os annos da juventude tinha sido por suas virtudes a edificação e o encanto da cidade, e si seus patricios não chegavam a imital-o, queriam ao menos demonstrar o respeito que lhes impunha tão illibada virtude. „Chegado o momento de começar o santo sacrificio, se levanta um murmurio surdo no meio do templo e todos pedem como a uma voz que celebre com uma palma na mão,"[1]) symbolo da victoria já alcançada sobre as paixões e, sem o adivinharem, prognostico do martyrio com que annos mais tarde havia de consummar o sacrificio da sua vida, honra excepcional e significação singular de apreço que a modestia do neo-presbytero soube declinar.

Apenas de posse dos grandes poderes sacerdotaes, o P. Roque fel-os fructificar. O methodo que adoptou e o campo que escolheu, logo manifestam seu coração de apostolo. Dedicou-se á missão entre os indios de Maracajú que habitavam as regiões de um tributario da margem esquerda do rio Paraguay, umas trinta leguas ao norte de Assumpção. Sobre o tempo que trabalhou entre elles e a indole desses indios nada referem

---

[1]) *Gambón*, V. S. J. Los tres primeros mártires. . . pag. 7.

as fontes; o que é certo é que diversos annos doutrinou e prégou entre elles, convertendo muitos e deixando de si memoria santa que ainda depois de sua morte se conservava.

Encontrando-o em seguida cura da cathedral, podemos suppor que seus patricios, enthusiasmados por suas virtudes, o pedissem para seu parocho. O bispo diocesano, querendo conserval-o nas fileiras do clero secular, nomeou-o vigario geral, facto que determinou ou antes accelerou outro, decisivo para a sua vida, como veremos no capitulo seguinte.

II

Entra na Companhia de Jesus — Missão entre indios ferozes

Havia muito tempo que seus pensamentos e poucos dias que seus passos o encaminharam para a porta do collegio dos jesuitas, quando o honroso convite do bispo o moveu a apressar a execução da sua resolução. Renunciando ás lisonjas e honras do mundo, o parocho da cathedral de Assumpção apresentou-se como candidato á Companhia de Jesus no anno de 1609,[5]) julgando achar nella abrigo seguro contra os perigos das prelazias. Contava então cerca de quarenta annos.[6]) „Admirou-se a cidade e o reino e muito ganhou a religião e o noviciado.“ Outra fonte diz que foi com grande sentimento da cidade por ver o muito que perdia em tal cura e pai.

Mas o seu generoso coração exultava de satisfação de ser admittido e de escrever o seu nome no rol daquella phalange de heroes que, cobertos da humilde roupeta da Companhia de Jesus, já começava a encher a America com o renome de seus commettimentos mais que humanos. Os nomes de Diogo de Torres, Simão Mazeta, José Cataldino, Ruiz de Montoya, Marcello de Lorenzana, Durán de Mastrilli e outros representavam uma pleiade de varões apostolicos do Novo Mundo em cujos preclaros exemplos não tardou em retemperar-se e inflammar-se o zelo do humilde noviço.

---

[5]) E' incerto o dia, provavelmente em 9 de maio.

[6]) Techo, Hist. Parag. c. VIII. cap. 34.

Dotado de uma eloquencia natural, habituado como poucos ao manejo idiomatico da difficil lingua guarani, ainda aperfeiçoado na sua missão dos maracajús, tendo já alguma experiencia de tratar os indios, caracter de ferro, moderado pela suavidade e affabilidade da conversação, unindo a essas qualidades naturaes o brilho de uma virtude a toda prova, o P. Roque era fadado como poucos para as emprezas da grande obra e celebre missão entre os indios do Paraguay.

Ainda não completara o tirocinio da nova milicia, quando os superiores, considerando sem duvida compensada a falta do tempo pela solidez da virtude do noviço, mandaram-no para a missão dos guaycurús, campo que demandava dedicação e zelo heroico.

Os guaycurús, nomadas em extremo e sem domicilio fixo, eram entre as hordas do Grão Chaco a mais temida. Sobretudo depois da introducção do cavallo, tornaram-se o flagello dos europeus e das tribus vizinhas, com as quaes mostravam não ter parentesco algum. O idioma era de pronuncia branda, apezar das palavras sesquipedaes que pareciam tirar do fundo do peito. Os homens andavam nús, usando apenas a tanga; as mulheres porém vestiam uma saia, ás vezes guarnecida de caramujos, que lhes descia até o joelho.

Pintavam o corpo e usavam a tatuagem tanto os homens como as mulheres, porém esposas dos tuxavas a restringiam aos braços, deixando a do rosto ás subalternas e escravas.

As casas eram portateis e feitas com esteiras de junco, das quaes sempre tinham boa provisão para os frequentes concertos. Não conheciam a rede, servindo-lhes de cama o couro de veado ou de vacca extendido no chão.

Para amansarem os cavallos, levavam-nos a um pantano, onde montados se cansavam debalde e acabavam por serem domados. Tratavam os cavallos com especial cuidado e adestravam-nos para a caça e a guerra de sorte que possuiam a melhor remonta do Paraguay e os hespanhoes lh'os compravam a bom preço. Desde que introduziram o cavallo, modificaram tambem as armas, adoptando as bolas e exercitando-se no uso do laço.

Em suas migrações orientavam-se de dia pelo curso do sol e de noite pela posição das estrellas, entre as quaes sabiam distinguir os planetas maiores. Celebravam a festa das estrellas á volta dos pleiades, desfazendo nesta epoca todos os toldos

e limpando as esteiras para assegurarem a felicidade para o resto do anno.

Segundo parece, criam na immortalidade da alma: sobre o tumulo do chefe matavam o cavallo predilecto do fallecido. Procuravam apazigunar a ira dos maus espiritos; da divindade porém não pareciam ter nem uma idéa vaga. Não tinham leis nem propriamente governo; até na guerra deixavam-se guiar mais pelo instincto da propria conservação do que pelo mando dos seus chefes, conseguindo estes todavia por vezes executar manobras não indignas de um exercito disciplinado e até fataes aos soldados hespanhoes.

Assassinios e mortes injustas não eram punidos, antes era applaudido o malfeitor victorioso.

Não deixavam socegar a população de Assumpção, donde um dia levaram captivas, entre outras senhoras, a propria irmã do governador Hernandárias.

Tal era a gente a que foi mandado o noviço de seis mezes, dando-se-lhe por companheiro um joven sacerdote, o P. Griffi. Se em geral para a catechese dos indigenas se exigiam virtudes solidas, bem se comprehende em que elevado grau as devia possuir quem se destinava á de tão barbara e indomita nação.

Despedindo-se do provincial, este lhe disse: „V. R., meu padre Roque, ainda no noviciado e V. R., meu padre Vicente, ainda de não muita idade, têm alcançado o que outros, brancos de cans, e veteranos na nossa milicia desejaram com ancia e não podem conseguir." Acompanharam-nos até a praia, onde se embarcaram o governador Hernandárias, parente mui chegado do P. Roque, e a principal nobreza da cidade, assombrados da coragem e alegria com que se iam expor aos perigos certos daquella expedição com o fito glorioso de converter os barbaros cujo furor já tantas vezes tinham experimentado.[7])

Sem duvida teria sido preferivel adiar missão tão espinhosa para quando houvesse á disposição dos superiores maior numero de missionarios. Para inicial-a comtudo sem tardança, moveram ao provincial duas razões: a communicação mais facil com a provincia de Tucuman e a segurança dos colonos, que já desesperavam de poder vencer inimigo tão temivel. Novamente vemos pois confirmada a experiencia antiga que,

[7]) Lozano, Historia de la Compañía de Jesús en la provincia del Paraguay, lib. V, cap. 24.

aonde não chega o poder das armas, ahi se encarrega da conquista a cruz do missionario. O bispo e o governador, approvando o plano, comtudo pouca esperança lhe deram de exito favoravel. Não negava o jesuita a grandeza e variedade dos obstaculos, mas terminou dizendo que em homem apostolico não devia ir tão longe a previdencia que só acceitasse emprezas cujo resultado lisongeiro não admittia duvida.

III

Perigos e obstaculos

Partiram, pois, em fins de 1609 ou principios de 1610 para a região occupada pelos guaycurús os dois missionarios, levando poucos em sua companhia, entre os quaes um indio guarani, que, tendo vivido entre aquelles selvagens, serviria de interprete. Entrando terra a dentro, jornadearam tres dias por entre pantanos e terrenos alagadiços, quando foram percebidos pelos postos de observação, que os annunciaram como vanguarda dos hespanhoes.

Sôa o rebate, de bocca em bocca vôa a nova que os christãos vêm, não instruil-os na religião, mas escravizal-os; convocam-se em conselho os chefes para deliberarem sobre os meios de se evitar qualquer surpresa. Concordaram emfim em mandar espias a Assumpção, para indagarem o verdadeiro intento dos hespanhoes.

O P. Roque, tendo avisado os seus do perigo que corriam, avançou confiadamente como se ao certo soubesse que iam ser optimamente recebidos, e chegando ao primeiro acampamento ou toldo, declarou, por meio do interprete, que viera unicamente para lhes dar conhecimento de Deus e estabelecer uma paz duravel com os hespanhoes.

O interprete acrescentou por propria conta serem os padres protectores declarados da liberdade dos indios. Mas o morobixaba de quanto ouvia não se mostrava movido. Os dois jesuitas, longe de com isto se enfadarem, exprimiram a sua firme resolução de ficarem morando no toldo á discrição dos barbaros, para lhes aprenderem a lingua.

O idioma guaycurú era com effeito uma das primeiras e não a menor das difficuldades que urgia vencer. Ao cahir da noite costumavam os missionarios assentar num canhenho os vocabulos apprendidos durante o dia, para mais facilmente os poderem recordar. Ora os indios desconfiaram do cuidado com que os viam tomar notas durante a palestra com o interprete, e imaginaram que levantavam uma carta do paiz. Já estavam decididos a matal-os, quando o P. Roque, que algo suspeitava, lembrou-se de ler publicamente o que escrevera. Ouvindo que se tratava dum resumo da doutrina christã, até os mais exaltados aquietaram e o chefe parecia impressionado pela simples leitura dos artigos da fé.

Quando ao cabo dum mez julgavam ter grangeado a confiança geral, trataram de transferir a aldeia movel para mais perto de Assumpção, onde o P. Roque fundou uma povoação fixa, assegurando-lhes que nada tinham que temer da parte dos hespanhoes. A tudo se prestaram os indios, avidos que eram de quanto lhes quebrasse a monotonia do viver quotidiano.

Correu porém a transmigração grave risco, ao divulgar-se que morrera um indigena ás mãos dum hespanhol. O que salvou a vida aos missionarios foi patentear-se em breve a falsidade da noticia e inteirarem-se os indios de que gostavam os hespanhoes de lançar taes boatos. Além disto, quando ouviu o tuxava que por ordem do governador foram presos os novelleiros, arraigou-se-lhe mais no espirito o intento de viver em paz com os europeus.

O primeiro anno passaram os missionarios entre privações incriveis. Era o alimento, á excepção dos animaes peçonhentos, o commum dos indios; a agua pessima e escassa, a casinha estreitissima, armada com esteiras e portanto accessivel a tigres e cobras venenosas. Para remediarem a falta de viveres, tentaram os missionarios aprovisionar-se por si mesmos. Mas em vão. Lavraram um campo e fizeram sua sementeira de trigo e milho, mas o trabalho da colheita pouparam-lhes os guaycurús, devorando os grãos antes de sazonados.

Respiravam um ar corrompido pela exhalação pestifera dos pantanaes e o cheiro insupportavel do oleo rançoso de peixe com que os indios untavam o corpo. O que porém mais que tudo mortificava os servos de Deus eram os costumes da gentilidade, os ritos de superstição, as noites de embriaguez com vozeria desconcertada e toda a impudencia da lascivia.

Foi só pouco a pouco que conseguiram reprimir taes abusos. Explicavam com assiduidade a doutrina, sobretudo aos meninos, tendo muita vez que supprir um signal ou gesto a palavra que não acudia. Mas tudo era falar a surdos e malhar em ferro frio. Veiu-lhes então o céo em auxilio. Declarou-se naquella comarca a peste que, victimando os corpos, a muitas almas foi occasião de salvação.

Os dois padres repartiram entre si o immenso trabalho. Medicos improvisados, sangravam os doentes, e enfermeiros solicitos, proviam-nos de comida e lenha e até chegavam a dar a propria roupa para os cobrir. Caridade tão heroica moveu emfim muitos corações e cincoenta adultos, vendo-se ás portas da morte, pediram o baptismo. Receberam este sacramento igualmente não poucos meninos moribundos e já anteriormente um filho de um tuxava.

Trabalhando desta sorte por pouco menos de dois annos numa missão que com tão escasso fructo respondia a sacrificios de toda a sorte, preludiou o P. Roque ás emprezas gloriosas que depois emprehenderia.

IV

Pacificação dos guaycurús

Neste tempo, em 1611,[8]) chegára o visitador regio D. Francisco de Alfaro, trazendo as celebres ordenanças reaes, que, entre outras disposições, libertavam os indios em todas as provincias da servidão pessoal. Tinha porém o magistrado ordem de regular tudo de forma que não fossem prejudicados os hespanhoes em seus interesses, que consideravam direitos.

Oppondo-lhe ao principio os colonos tenaz resistencia, resignaram-se emfim a pagarem salario aos indios por onze mezes, havendo um de trabalho gratuito, praso que o rei ampliou ao depois a dois mezes. Mas paulatinamente voltou tudo ao antigo estado, que se prolongou, como diz Southey, até á epoca da independencia, a qual veio emfim trazer a liberdade a uma colonia pela metade escravizada.

---

[8]) *Guevara,* Anales VI, p. 2 e p. 158.

Voltando porém á viagem de visitação, encontrára o commissario regio em Cordova o provincial dos jesuitas e o governador do Paraguay, os quaes o acompanharam até Assumpção. Já se iam acercando da cidade, quando lhes sahiu ao encontro um grande barco adornado de folhagem e flores em que vinha o filho do morobixaba guaycurú em cujo toldo se hospedara o P. Roque. O chefe influente mandára o filho dar as boas vindas ao illustre hospede e pedir-lhe a permissão de ir em pessoa apresentar-lhe os cumprimentos pela chegada e as homenagens de subdito.

Tão galhardamente desempenhou o joven indio a missão de que vinha incumbido, que encantou a todos a graça nativa das palavras e a distincção ingenita das maneiras.

Em testemunho da inteira fé que Alfaro dava aos protestos de fidelidade, passou com os companheiros para o barco dos indigenas. Nisto sobreveiu o velho chefe, acompanhado do P. Roque e numerosa comitiva. Trazia comsigo mais um filho, pedindo ao padre provincial que lh'o baptisasse. Fel-o o P. Torres, servindo de padrinhos Alfaro e o governador.

Rogou a estes seus compadres o guaycurú que insistissem com o mesmo padre não lhes tirasse o P. Roque. Claro é que pedido tão bem apadrinhado não deixaria de ser recebido com agrado, comtudo declarou o superior previdente que só poderia attendel-o, se os trabalhos apostolicos do missionario não continuassem tão infructiferos como até então.

Declarou em seguida o visitador regio que tanto guaranis como guaycurús, sendo de ora em deante subditos immediatos do rei, não poderiam ser dados em commenda, mas, entregues aos cuidados da Companhia de Jesus, haviam de instruir-se na religião, manter-se na obediencia ao soberano e adquirir a civilisação christã. E, dirigindo-se ao provincial, communicou-lhe que os missionarios empregados nesta tarefa receberiam da caixa regia a congrua dos parochos no Perú. Respondeu o P. Torres que a quarta parte bastaria para religiosos a quem o voto da pobreza lembrava o dever de reduzir as suas despezas. Bellas palavras, que por si só bastam para refutar a opinião tão frequente que o intento dos jesuitas, ao se encarregarem das missões, era o de enriquecerem a ordem.

Seguindo viagem, chegou Alfaro a Assumpção, onde publicou as ordenações regias. Mal se ausentára porém, quando o povo, attribuindo a autoria moral dos novos decretos aos jesuitas, de tal modo os guerreou que julgaram conveniente re-

tirar-se da cidade. Talvez se aggravasse a situação, se um cidadão dos mais respeitados não désse raro exemplo de desprendimento e obediencia. Com todos os indios de suas commendas apresentou-se ao governador, declarando que antes queria ser pobre do que viver á custa da liberdade alheia. Tão nobre acção não podia deixar de influir na disposição do povo que não só se aquietou, mas tambem convidou os jesuitas a voltar. „Porém o fermento do descontentamento continuou a lavrar, diz Southey, e creando estava um espirito de partido, que nunca mais se extinguiu.“

Se a sorte das ordenanças patenteia a fraqueza do governo hespanhol na administração colonial, comtudo põe ella em relevo o espirito de caridade que as inspirara, contrastando vivamente com o systema de exterminio adoptado na America do Norte.

V

O P. Roque no Paraná

O baptismo do joven guaycurú, que relatamos no capitulo precedente, despertára esperanças, que infelizmente não se realisaram. Mas ao menos conseguira o P. Roque o que tanto desejavam em Assumpção, a pacificação dos guaycurús. Os superiores deram-lhe portanto ordem de dirigir-se para Ignacio-guaçú, doze leguas distante da margem esquerda do rio Paranapanema, no actual Estado do Paraná, reducção fundada pelo P. Lorenzana em 1610.

Logo ao chegar em 1612 [9]) achou o P. Roque a povoação assolada por dois flagellos. Sobre fome devida á má colheita, grassava a variola. Felizmente foi abundante a novidade do anno e tambem o estado sanitario melhorou. Notando, porém, que os galpões dos indios em dias de chuva mal lhes davam abrigo, vencendo toda a opposição, mandou transferir a aldeia para local mais commodo e arejado.

Traçou a planta da nova povoação, dividindo-a em nove quadras, uma para a praça, as outras cada qual com seis edi-

[9]) *Guevara*, Anales VI. p. 124.

ficios de cem pés de frente, contando cinco habitações para as familias, que ordenava morassem sobre si. Desta forma foi o P. Roque autor da planta que, ao depois, foi seguida em todos os povos jesuiticos.

Mas onde se esmerou o mais que poude, foi na construcção da egreja, cujo escorço trazia ideado. Fez cortar nas brenhas uns setecentos esteios de mais de quarenta pés de comprido e dois de largo, falquejal-os e, depois de esquadriados, arrastal-os com juntas de bois ao local da obra. Sem mais conhecimentos da arte, além dos que lhe inspirava o zelo da gloria de Deus, era o P. Roque architecto, carpinteiro e pedreiro. O P. Francisco de Valle, seu companheiro, de genio alegre e faceto, nol-o pinta em plena faina numa carta dirigida ao provincial: „O P. Roque por sua caridade é superior a tudo, agora está feito um Salomão, não pensando senão na obra da egreja: é um rei de Tyro, cortando madeiras e conduzindo-as com summo trabalho; mas não pára nisto, porque elle em pessoa é o fac-totum e exerce todos os officios, até o de carreteiro, juntando os bois. Comtudo não se descuidou de ensinar aos indios a cultura de algodão."

Causava pasmo aos vizinhos a belleza da nova povoação, que em breve augmentou consideravelmente, pois, attrahidos pelas commodidades que offerecia, muitos dos visitantes pediam serem alistados entre os catechumenos.

Da grande pericia com que dirigia o P. Roque a administração interna, dá-nos idéa o facto de ter sido elle o primeiro que introduziu o castigo corporal no regimento das aldeias, como refere o P. Guevara para o anno de 1613.

Passado o periodo da fundação, metade de 1614, empregou o zeloso missionario as horas de lazer em diversas traducções para a lingua guarani, em que era sobremodo versado. Falaremos mais adiante desta sua actividade.

No meio do afan e fadigas da fundação, o P. Roque não descurava nem os exercicios espirituaes nem a cura d'almas dos seus guaranis, conforme elle mesmo relata numa carta ao provincial, P. Torres: „Quanto ao espiritual, escreve elle, por mais occupações que temos tido, nunca faltamos aos nossos exercicios espirituaes e seu methodo, e no que toca ás almas de nossos filhos, temos exercido todas as obras de caridade que pudemos; porque entre esses pobres indios necessariamente se exercem todas; e os que estão entre elles, não só têm de ser paes da sua alma, mas tambem têm de cuidar de seu corpo,

não esperando retribuição humana senão a celestial gloria, que não fenece e que unica procuramos. Faço-lhes pratica cada domingo e festas que guardam, ensinando-lhes a doutrina antes de ouvirem missa; enterramos e dizemos missas pelos defuntos; visitamos e curamos os enfermos; ensinamos os meninos e as meninas. Os meninos de escola são cento e cincoenta e outras tantas meninas, sinão mais; todos esses apparecem cada tarde na igreja, separados os rapazes das raparigas, rezando duas horas e assim sabem muito bem as orações e o catecismo e muitos ajudam a missa e agora com a vinda de V. R. começaremos a ensinar-lhes a ler, escrever e contar. Emquanto os meninos estão rezando essas duas horas, acompanham-n'os os catechumenos e depois de sahirem os meninos, ficam os catechumenos mais uma hora para serem instruidos e catechizados para o baptismo."

Não só da grei, mas de cada ovelha cuidava este bom pastor. Abundando as cobras venenosas, foram em um anno mordidas não menos de doze pessoas; um indio ficou a seis leguas de distancia da reducção completamente paralisado, de sorte que seus companheiros não poderam trazel-o e resolveram deixal-o no matto e só depois de dois ou tres dias avisaram o P. Roque. „Logo parti, escreve na citada carta, com toda a pressa possivel para vêl-o, ainda que sem esperança de encontral-o vivo, porque seus companheiros disseram que a vibora que o tinha mordido, era muito venenosa e além disso havia muitos tigres que o podiam ter devorado; apezar de tudo eu resolvi ir vel-o, ainda que com o dito receio de não encontral-o mais em vida. Chegando ao logar onde o tinham deixado, duplicou-se-me a pena e receio, porque vi na vizinhança muitos corvos que, pensava, se teriam cevado no corpo morto; cheguei e achei-o estendido no chão, nú e cheio de cinza, com que nas ancias do soffrimento se tinha manchado; pois os companheiros lhe tinham accendido uma pequena fogueira ao retirar-se; a bocca e o nariz estavam cheios de cinza e capim. Vi que se não mexia e, chamando-o, não respondia: tive-o por morto, ainda que o coração me dissesse que não o estava; mandei vir agua, lavei-lhe a bocca, o nariz e os olhos que tinha cerrados de sangue que o veneno fizera brotar. Pareceu-me que olhava para mim; e elle começou a respirar e, assim que abriu os olhos e me reconheceu, animou-se tanto que parecia ter visto um anjo do céo; disse-me que queria confessar-se; fel-o muito bem e apenas acabei de dar-lhe a absolvição, deu

sua alma ao Senhor e eu fiquei com a maior consolação que jamais me parece tenho tido em minha vida, por testemunhar caso tão singular da providencia de N. Senhor para com as suas creaturas. Enterrei-o com o auxilio dos indios que levava e colloquei uma cruz sobre o seu tumulo e voltei muito contente para a reducção."

Releve o leitor essa citação algo extensa e circumstanciada; pois nada caracterisa melhor o bello e apostolico coração do P. Roque González.

No fim da sua extensa carta, depois de exprimir sua satisfação pela docilidade dos indios de S. Ignacio, narra como acodem regularmente á missa dos domingos e festas que celebram com muito prazer, mas particularmente a do padroeiro da igreja e da reducção que é Santo Ignacio ao qual têm muita devoção; gabam-se de tel-o por orago, chamando-se com innocente desvanecimento os do povo de S. Ignacio.

Para a festa preparavam-se muitos dias, levantando arcos na praça, onde havia de passar a procissão. Sahiam na vespera a cavallo e á noite faziam grande illuminação e estrepitoso alarido com flautas, campainhas, tambores e trombetas; e todos a uma chamavam por S. Ignacio, parecendo estarem fóra de si de contentes. Mas o que levou o regosijo ao auge foi verem subir uns foguetes, cousa inteiramente nova para elles. Desta forma passaram toda a noite em claro, ultimando os preparativos.

No dia da festa apinhou-se a igreja de gente, de sorte que muitos tiveram que ficar fóra. Depois da missa cantada começaram as danças apropriadas. Muito agradaram uns rapazes pintados e adereçados com gosto, que vieram em nome dos tuxavas principaes do povo com seus presentes de papagaios, perdizes, porcos, tatús e outros animaes para offertal-os ao Santo. „Direi, continua o P. Roque, o que disse o primeiro menino ao Santo. Vinha em nome do morobixaba principal que se chama Diogo Anhagara que quer dizer — dia do diabo —: tomando, pois, o menino a etimologia deste nome, disse ao Santo que vinha em nome de Diogo Anhagara para dar-lhe as graças do que por sua intercessão havia recebido, tendo-lhe por intermedio de seus filhos amanhecido o dia de Deus, a elle e a seus subditos, passado já o dia do diabo, que elle era antes da sua conversão.

Depois seguiram os outros meninos, observando a mesma ordem nos seus presentes e ditos segundo os nomes dos tuxavas.

Acabada essa cerimonia, sahiu a procissão em boa ordem, indo um andor ricamente enfeitado e nelle a preciosa reliquia com que V. R. os mimoseou e ao pé da reliquia uma bella imagem de N. Santo Padre, propriedade da reducção. Levaram o andor quatro tuxavas com suas camisas grandes que lhes emprestamos para a festa. O prestito passou por baixo de arcos muito bem adornados e vistosos pela variedade de fructos e animaes de caça que os rodeavam, tendo-se esmerado os indios em levar vantagem uns aos outros.

VI

Fundação de Itapúa

Os neophytos de S. Ignacio viviam em continuo sobresalto, por causa dos selvagens indomitos do Paraná inferior, os quaes tambem obrigavam a levar forte escolta a quem vinha de Tucamán.

Tamanho era o odio que votavam aos christãos que parecia ser obra de indios apostatas e transfugas das missões. Já o P. Lorenzana tentára travar relações com inimigo tão feroz, mas a honra de annunciar-lhes o evangelho estava reservada ao nosso heroico desprezador de perigos e mestre eximio no trato com os indigenas. Levando por unica arma uma cruz e um quadro da Virgem intitulado „A Conquistadora", emprehendeu a conquista espiritual daquella região em que as armas hespanholas debalde procuraram penetrar.

Em dois de janeiro de 1615 poz-se a caminho que o levou por um terreno pantanoso e quasi intransitavel até que se poude embarcar em canoa que o conduziu á lagôa de Apupe, chamada de S. Anna pelos conquistadores, a mesma que hoje é conhecida pelo nome de Iberá. Chegaram uns indios dos arredores, convidando o missionario lhes designasse um local onde construissem uma povoação. Como anteriormente lhes tinham prégado o evangelho padres franciscanos, mas que não os tinham mais visitado, seja pelos continuos ataques dos indios paranás, seja por outros trabalhos de maior importancia, parecia conveniente primeiro entender-se com elles. Baixou

pois, á cidade de Corrientes e combinaram os padres franciscanos que, se no prazo de seis mezes não enviassem missionarios de sua ordem, poderia tomar posse em nome da Companhia.

Satisfeito com a resposta volveu á lagôa e consolou seus habitantes, dando-lhes a palavra que em pouco tempo veriam cumpridos os seus desejos.

A posição deste sitio parecia ao P. Roque tão favoravel para as expedições apostolicas, que o considerava como chave de toda a bacia do rio Paraná e, caso seus planos malograssem, tencionava fazer da futura povoação o seu refugio. Ainda não tinha passado o mez de janeiro quando partiu Paraná acima e tendo subido quarenta legoas, não tardaram os indios a tolher-lhe o passo num estreito guarnecido de numerosas ilhas. Estavam pintados como para a guerra e brandiam seus arcos, macanas e lanças. O morobixaba, dirigindo-lhe a palavra, perguntou como ousara entrar sem armas numa terra por onde nem os exercitos hespanhoes conseguiram passar, pagando sempre a ousadia com a morte quem se atrevera a devassar aquella região. Se vinha para prégar um novo deus, soubesse que elle, o morobixaba, era senhor absoluto de quanto via.

Nem o apparato bellico de tanta gente, nem as bravatas do chefe atemorisaram o P. Roque, que, cheio de zelo, declarou haver um só Deus e senhor do céo e da terra, accrescentando que o missionario não temia quantas armas traziam e bem as dispensava para si quem vinha para lhes fazer bem, tornando-os filhos de Deus pelo baptismo. Tanta placidez havia no rosto e persuasão tão santa nas palavras, que os selvagens, esquecidos do seu natural indomito, lhe deram livre passagem, e alguns até lhe pediram a graça de os fazer christãos. Mais adiante teve que vencer igual resistencia e emfim encontrou, num sitio chamado Itapúa, a quatro tuxavas com numero consideravel de subditos. Tambem ahi triumphou a santa intrepidez do missionario, que, achando o local aptissimo para uma reducção, erigiu uma grande cruz.

Desejando, porem, dar o mais cedo possivel noticia de sua proxima viagem ás autoridades seculares e ecclesiasticas, apressou-se a voltar para Assumpção, onde tambem esperava receber quanto necessitava para a nova fundação.

Mal os indios souberam de seu regresso, levantados por um apostata, declararam guerra aos tuxavas de Itapúa, por

Mappa hist.-ethnogr. do
Guayrá
Est. do Paraná. 1610-1630
por C. Teschauer S. J. 1924
12
11
10
9
8
7
6
5 Rio de Jan
23
24
25
26
Rio Paranapanema
Maracaná
Itamaracá
Araras
1610 Loreto
S. Ignacio 1610
ÍPAMBUÇU
TUCUTI
S. José
1625
R. Ivahy
GUAYRÁ
Villa rica
1616
TAIATI ou Mitirembetá
S. Paulo
S. Xavier 1622
S. Thomé
1628
Salto Grande de Guayrá
Cidade Real
de Guayrá
Rio Piquiri
N.S. de Paranapá
Tamoo
TAI AOBA
Archanjos
1628
Incarnação
S. Antonio
de Ibiticoy
1627
S. Miguel de Ibhanguí
1626
ou Ibitiruçú
Itararé
Rio Paraná
CHIQUIS
Jesus Maria
1628
Guarapuava
CAMPEIROS
ou COROADOS
Conceição 1627
S. Pedro 1627
Curitiba
Rio Iguassú
GUALACHOS
ou GUAYANANÁS
S. CATHARINA
Ibituruna
Oceano
Atlant

terem hospedado o estrangeiro, e marchando sobre elles, tentaram derrubar a cruz ha pouco arvorada. Mas os Itapuanos, cercando-a em derredor, defenderam-n'a, apesar de pouco numerosos, com tal denodo e felicidade que, não perdendo um só homem, puzeram em fuga os aggressores. (Vide ns. I e II).

Por morte de D. Diego Martín Negrón, em 1615, veiu a governar interinamente a provincia do Paraguay, o irmão do P. Roque, D. Francisco González de S. Cruz. Desejando augmentar o lustre de sua casa, decidiu-se a sujeitar aquella região do Paraná ao dominio hespanhol. Após larga conferencia com o irmão, o autorizou a fundar quatro povos nas margens dos rios Paraná e Uruguay, a levantar capellas e até a prover os cargos de administração civil. O provincial, além dos vasos sagrados, forneceu a ferramenta necessaria.

A pequena caravana, voltando, chegou na vespera da festa da Annunciação de 1615 sã e salva a Itapúa,[10]) onde fica a hodierna Villa Incarnación em frente a Posadas, capital das Missões Argentinas. O P. Roque que ouvira da bocca dos Itapuanos o que tinha acontecido, louvou-lhes o valor e o respeito com que na sua ausencia tinham defendido a santa cruz. No dia seguinte consagrado á incarnação do Verbo divino (dia particularmente memoravel para o padre como anniversario da sua primeira missa) celebrou em uma pobre choupana o incruento sacrificio que offereceu pela conversão dos seus Itapuanos. As circumstancias do dia e de sua devoção ao mysterio determinaram-n'o a consagrar a nova povoação a N.ª Senhora da Incarnação de Itapúa. Deram-lhe os tuxavas uma casa de taipa que tambem serviria de capella interina. Correu elle as immediações e mandou emissarios para mais longe, convidando os indios a virem residir em Itapúa. Desde já conseguiu reunir numero regular. Quando no fim do anno chegou o P. Boroa, marcaram o terreno para o novo povo, e iniciaram-se todos os trabalhos que já descrevemos nas transmigrações de S. Ignacio, como sejam derruba, falquejo e carretagem de madeira, transporte não raro braçal dos outros materiaes, principalmente barro e palha para a edificação das primeiras

---

[10]) Informe del P. Provincial Manuel Querini al Rey D. Fernando VI, sobre el estado de la provincia del Paraguay en 1750. — Tanto Gay, Rep. Jesuit. cap. 20, art. 1.°, como Moussy, Descript. de la Conf. Argentine, III. pag. 662, reproduzindo ambos o erro de Azara (Descripción e Hist. del Paraguay, c. 13, pag. 357) fazem fundar a reducção de Itapúa em 1614.

casas e do templo, grangeando nisto a coadjuvação dos indios mais pelo exemplo que por palavras. E sobre tanta fadiga havia falta do mais necessario; o alimento ordinario eram cardos ensossos e farinha de pau, como denominam os hespanhóes a que nós chamamos de mandioca. Para accrescentar e variar lista tão breve, juntaram umas hervas, de que viam comer os papagaios, o que induziu os indios a alcunhal-os com o nome destes trepadores.

Acabado o templo, a elle se transladou o quadro de N. Sra. a Conquistadora. Certamente iam quebrando o poder do inimigo de todo o bem os santos mysterios do nosso culto, que agora se celebravam com mais regularidade; mas taes e tantas eram ainda as adversidades que parece milagre não terem succumbido os missionarios.

O fructo de tão heroica paciencia não se fez esperar. Mais de seis mil pessoas chegaram a baptisar-se, numero muito superior ao de outras reducções.

Que as „fabulas jesuiticas" tinham curso já muito cedo tambem na America do Sul e até entre os selvagens, é facto que a historia por vezes attesta. Assim agora os indios jarós espalhavam contra os missionarios que escondiam entre seus livros e papeis um veneno muito energico de que em certas occasiões lançassem mão com exito seguro. Não tendo idéa o P. Borôa de tal balela que corria e querendo explicar a dois indios vindos de fóra um mysterio de nossa fé com maior clareza, tomou seu livro em que tinha algumas estampas. Começou a olhal-as e os indios a fugir; chegou-se mais perto e elles recuaram medrosos; chamou-os, mas debalde, debandando com assombro dos ademanes carinhosos do padre; retiravam-se do supposto veneno. Só pouco a pouco desimpressionaram-se da dita invenção dos jarós.

VII

Fundação de S. Anna — Visita do governador

Passados mais de seis mezes e não tendo apparecido missionario algum na lagôa de Apupe ou S. Anna, resolveu o P. Roque, segundo a combinação, fundar aqui nova reducção na segunda metade do anno de 1615. Entregando pois Itapúa,

cuja fundação se podia considerar acabada, aos cuidados do P. Boroa, atravessou, seguindo o curso do rio, as trinta legoas que o separavam da lagôa, com mais ousadia que segurança; pois eram habitadas por indios ferocissimos, aos quaes comtudo chegou a prégar o evangelho. Os apupenses receberam-n'o com os braços abertos como a um anjo do céo e por certo o era daquella terra que ia conciliar com o céo, estando convencidos que podia livral-os de toda a sorte de vexações a que andavam expostos.

Reuniram-se os dispersos no sitio que lhes designára o padre, construiram-lhe casa e capella, lavraram uma roça commum e trabalharam com tão desusada actividade que ao cabo de quatro mezes contava a nova povoação seiscentos visinhos.

Chegou neste comenos a noticia da reeleição de Hernandárias e julgou o P. Roque ser de grande utilidade conferenciar com homem tão bem intencionado sobre a grande obra que trazia entre mãos.

O excellente estadista havia pouco lhe desposara a irmã, esperando talvez encontrar nelle mais decidido apoio para o plano predilecto da sujeição do Paraná ao dominio hespanhol. Dissuadiu-lhe, porém, o padre o intento por inopportuno, ponderando não estarem os indios sufficientemente preparados, antes andarem desconfiados por uma balela de serem os missionarios espias dos hespanhoes e bem poderia a precipitação deitar a perder completamente o que circumspecção, paciencia e tempo haviam de alcançar; emfim não faltava por outra parte vasto campo para o zelo e talento administrativo. Hernandárias, porém, obstinou-se em que tudo se preparasse para recebel-o a elle e mais um destacamento de cincoenta hespanhoes. Cumpriram-se ordens tão formaes. Chegados a Itapúa, saudaram os soldados a cruz com salva de arcabuzes e honras militares e entrou o governador pela aldeia e templo, que tinham adornado, quanto a pobreza o permittia. Refere Techo que Hernandárias dirigiu aos companheiros as seguintes palavras: „De joelhos demos graças ao Senhor, pois ao poder da sua cruz é que devemos pisar hoje esta terra, que a espada e a valentia hespanhola não conseguiram conquistar em muitos annos.“ (Livro V, cap. 6). Agradecendo em seguida aos missionarios o zelo, os felicitou pelo resultado obtido; aos indios, porem, exhortou ao respeito e obediencia, dando elle proprio, como já em outra occasião referimos, o exemplo de humilde deferencia.

Mas, entretanto, já se iam realizando as apprehensões do experimentado P. Roque; pois os indios da outra banda do rio, descontentes da visita governamental, tomaram attitude hostil, o que obrigou Hernandárias a retirar-se no mesmo dia que chegára, pretextando urgencia de voltar para Assumpção.[11]) Trezentos indios, porem, lhe tinham armado uma espera e o teriam atacado, se não interpuzesse o P. Roque toda a autoridade. O governador, esperando ainda grangear as boas graças do chefe indio, lhe offereceu, em nome do rei catholico, um bastão como insignia de commando, com que lhe conferia a autoridade de chefe supremo em terras do Paraná. Desdenhosa foi a resposta do régulo: „Até agora, retrucou, exerci esta supremacia sem aquelle pau; portanto não lhe vejo, para o futuro, serventia alguma."

A visita, se merece este nome a estada tão rapida como timida do governador, ainda annos depois deu ensejo a um pleito renhido entre a cidade de Assumpção e os padres da Companhia. Pretendiam os moradores desta cidade o dominio sobre os Itapuanos pelo titulo de conquistadores de Itapúa. Negaram os padres como insubsistente a razão allegada e os de Assumpção a provavam com a visita do governador Hernandárias, a que qualificavam de conquista, pretendendo que entrar e vêr indios já reduzidos era o mesmo que conquistar rebeldes. Correu o pleito as vias ordinarias e diversas instancias, mas o supremo tribunal decidiu em favor dos indios.

Quando o governador chegou a Apupe, tinham por fim voltado os franciscanos, que fizeram valer o seu direito de prioridade, accrescentando que tencionavam transferir os habitantes para uma aldeia proxima, á qual faltavam moradores. Consentiu o P. Roque, pois a Companhia de Jesus tinha a cultivar campo vastissimo.

De volta de S. Anna fundou o P. Roque em 1616 outra reducção na região denominada Jaguapua quatro legoas distante de Itapúa, donde a visitavam os missionarios, emquanto nella não estabeleceram residencia. Eram essas duas povoações uns como postos avançados que ligavam a capital da colonia como o Paraná. Deste modo penetrando as brenhas

[11]) Veiu, viu e sahiu de Itapúa o mesmo dia de sua chegada: veio temeroso, vio admirado e sahiu receiando um ataque daquelles mansos cordeiros. Que não temeria quando eram bravos leões? pergunta Guevara. Hist. do Paraguay. Anot. VI p. 193. — A nota de Groussac, sobre descabida aqui, não resiste á critica.

millenarias, o P. Roque abriu caminho á civilização, intento que as armas hespanholas, mui longe de o conseguir, nem sequer tinham ousado por espaço de mais de um seculo.

VIII

Expedição ao Alto Paraná

Em principios de 1617 o novo provincial, P. Oñate, encarregou o P. Roque duma expedição Paraná acima, recommendando-lhe explorasse as ribanceiras com o duplo intuito de achar os sitios mais aptos para novas fundações — questão sempre tida em conta de importantissima — e de indagar simultaneamente a indole e disposição das tribus indigenas. Nenhum europeu lá chegara e os proprios neophytos tal medo tinham aos habitantes daquella região, que recusaram terminantemente acompanhar o intrepido explorador sacro. „Porque, diziam, com tanta pressa nos queres levar para o açougue? Aonde vaes com os olhos fechados? Sejam teus guias os que desejam ver-te morrer; pois nós, que te amamos, jamais tocamos nos remos nem te damos viveres nem embarcações. E' a perfidia dos pagés, a perversidade dos apostatas e o odio que os indios guardam aos europeus que nos impedem de acompanhar-te. Não se devem qualificar de desobedientes aquelles subditos que, não obedecendo a seus donos, teem em mira o bem destes.“

Porém o P. Roque respondeu resolutamente que levaria a cabo seus intentos, sem temor da morte que lhe era bemvinda por Christo.

Viu-se, pois, obrigado a dirigir-se ás aldeias administradas pelos franciscanos. Mas os indios que, attrahidos por grandes promessas, annuiram, logo desanimaram com o que ouviram aos Itapuanos.

Nesta situação embaraçosa offereceu-se um recurso donde menos se esperava; apresentou-se contra toda a espectativa Arezipandú, tuxava de Santo Ignacio. Este indio outrora o guia dos missionarios, o maior zelador da fé na reducção, e christão modelo deixára-se seduzir pelo influente tuxava Taba-

cambi, conjurando-se com elle para a ruina da florescente christandade. Mas ainda a tempo cahira em si o apostata e pedira humildemente perdão, estando agora resolvido a resarcir e compensar a infamia da sua apostasia por esta acção heroica. Animado pelo P. Boroa, viera com doze dos seus pôr-se á disposição do P. Roque, affrontando a morte em prol da propagação da fé — resolução heroica que moveu a doze moradores de Itapúa a seguir-lhe o exemplo. Com tão diminuta comitiva emprehendeu a exploração, como nol-o attesta numa carta ao P. Valle.

Apenas tinham vencido umas dez leguas, soou alarido bellico, ouviu-se o som de buzinas e viram-se subir columnas de fumaça, signaes que todos sabiam ser de alarma. Succederam as peripecias já por vezes descriptas: grande tropel de indios chefiados por varios tuxavas, a passagem do rio tomada por chusmas de selvagens pintados e armados para guerra e todo o arsenal de armas indigenas, brandidas por entre uivos de ameaça. Quando os companheiros do padre a primeira vez toparam com tão temeroso apparato, faltou-lhes o esforço, a ponto de exigirem prompto regresso.

Animava-os o P. Roque González, dizendo: „Se Deus estiver comnosco, quem será contra nós? Faça-se a sua santissima vontade, porém confio que nos ha de salvar, favor que cumpre peçais com preces fervorosas.“ Apenas o chefe indio, depois de ouvido o fim da empresa, intimára aos viajantes que voltassem, affoitamente respondeu o padre que não viera para ceder ao primeiro obstaculo, tinha de executar ordem superior e, como ministro de Deus, havia de cumprir com o dever sagrado. Interveiu o sobrinho do morobixaba e, receando o velho Arepizandú alguma violencia, com ares de quem manda, rogou venia de passar, porque o padre era o grande bemfeitor dos indios, que entre elles nunca offendera a quem quer que fosse. De facto puderam seguir avante, mas não tardaram a encontrar outros selvagens capitaneados por tres apostatas, os quaes sahiram ao encontro do missionario, dando declaração categorica que dispensavam ouvir o antigo estribilho que lhes vinha salvar as almas, sendo que não pretendia na realidade senão entregal-os aos hespanhoes. Enchendo-se de santa indignação, respondeu o P. Roque com a explicação dos principaes mysterios da fé, com que conseguiu apaziguar algum tanto os indios.

Proseguiu o padre sua navegação rio acima. As aguas lhe franquearam o passo, mas as ondas dos gentios, diz Gue-

vara, que das margens o ameaçavam com feros esgares, procuravam pôr a pique ou destroçar-lhe a embarcação. Tabacambi, morobixaba poderoso de um povo ribeirinho a que impoz seu nome, convocou duzentos guerreiros e enviou-lhe um sobrinho ao qual instruira na arte de enganar. Para ganhar tempo e não deixar fugir a quem já considerava presa sua, ordenou-lhe detivesse o P. Roque com o pretexto de que não fora prevenido da sua vinda. Não escapou ao missionario a astucia; porém oppondo dissimulação á dissimulação, mandou dizer ao chefe indio que agradecia a attenciosa urbanidade e esperava as ordens de entrar. Effectivamente foram dadas quando Tabacambi tinha reunido sua milicia para a recepção. Collocou em duas alas seus guerreiros armados de arco e flechas e adornados com vistosas plumagens de avestruz, unico enfeite admittido quer em festa quer em guerra; extendiam-se desde o povo até á margem do rio, deixando no meio uma larga e comprida rua, onde havia de passar o padre, aos olhos dos selvagens já sacrificado á paixão do chefe. Este appareceu com seu distinctivo particular, insignias de sua majestade e dominio: uma camisa larga que lhe pendia dos hombros até os talões, uma especie de diadema de plumas e por sceptro um varapao comprido em que se apoiava. Passou do seu palacio ou antes tugurio pelo meio de seus subditos até á margem do Paraná donde sahiu o P. Roque; saudaram-se mutuamente, porém com intenções bem differentes: o padre com a sinceridade de varão apostolico; Tabacambi, porém, com dissimulação, só esperando o momento proprio para dar o signal de acommettel-o com barbara ousadia.

Chegados á casa do morobixaba, começou este a pôr por obra seus dislates, proferindo phrases bombasticas e ocas de sentido, quando o missionario, revestindo-se de santa intrepidez, com auctoridade e apostolica altivez interrompeu o loquaz orador mais ou menos assim: „A ti, Tabacambi convem ouvir-me como a ministro do Todo-poderoso, cujo embaixador eu sou, para te annunciar sua palavra que deves ouvir com reverencia e executar com promptidão." Estavam presentes os guerreiros de Tabacambi, sim armados, mas sem animo de manejar as armas que empunhavam e admirados do santo arrojo do P. Roque, da resignação e paciencia do seu chefe esperavam em vão o signal combinado. Ninguem ousou interromper o missionario e quando concluira, declararam-se muitos em seu favor e supplicaram-lhe que os não desampa-

rasse. Prometteu visital-os; porém, por emquanto, disse, chamava-o o dever aos demais povos para annunciar-lhes a boa nova. Tabacambi e seu sobrinho quizeram oppor-se a isso, porém o padre fel-os calar. Ninguem fez mais opposição; sahiu do porto em demanda da terra de Acancurú „tão antigo apostata como máu e perfido christão.“ Confiando na protecção de Deus ousou o missionario entrar e se não conseguiu converter o chefe, este lhe franqueou a passagem rio acima. Mas vendo o P. Roque tão pouco dispostos os indios daquellas regiões, resolveu regressar convencido que, antes de prégar-lhes o evangelho, urgia ganhar-lhes a affeição com toda a sorte de beneficios.

Toda essa tão difficultosa como perigosa expedição effectuou-se em um mez, conseguindo em tão pouco tempo o glorioso apostolo o que nenhum dos valorosos capitães, quantos se celebrizavam no Paraguay, alcançou em mais de sessenta annos. O imperterrito missionario explorou o Alto Paraná e abriu-o á navegação desde Itapúa até os celebres saltos de Guayrá entre o 24° e 29° de latitude meridional.

Não sabemos o que admirar mais, se a santa intrepidez deste grande varão e o dominio que exercia sobre os selvagens, ou a rapidez com que venceu as distancias e os inumeros obstaculos, amparado pela protecção divina que a tudo presidiu.

IX

Peste e outras provações

Grande foi a consolação do P. Valle que se achava em Itapúa, ao tornar o companheiro salvo de tamanhos perigos por quem tantas vezes offerecera o santo sacrificio da missa. Arepizandú e seus magnanimos amigos receberam os encomios tão justamente merecidos. Mas a occasião não era para festas. A fome dispersára os moradores pelas mattas e Itapúa estava deserta.

Ao que parece ainda não tinham os missionarios a praxe, depois tão corrente, de abastecer os neophytos com viveres ou, quem sabe, ainda não conheceriam o appetite ou antes a

voracidade dos indigenas. Tornou á adeia a maior parte dos habitantes, mas o alimento improprio, a que os obrigára a fome originou um mal pestifero que atacou a muitos, entre elles ao P. Valle. Cahiram em peso sobre o P. Roque os trabalhos, que já por duas vezes experimentára e de que tornou a dar conta com sua saude ferrea e paciencia invencivel.

Teve a satisfação de abrir a muitos moribundos a porta do céo pelo baptismo. Aproveitando esta circumstancia, os pagés ou feiticeiros divulgaram entre aquella gente simples que o baptismo dava morte certa. Acharam fé entre alguns neophytos. Uma mãe lavou por diversas vezes seu filho baptizado, como para tirar-lhe uma mancha damninha. Outra india oppoz-se com tanta vehemencia, que descarregou contra o P. Roque uma paulada, que não acertou. Um indio por igual motivo arrojou-se a elle e tel-o-ia deixado em estado lastimavel, se não fosse soccorrido por outro. Os pagãos odiavam aos missionarios e lhes prohibiam de entrar nos seus toldos. Finalmente refugiaram-se com seus filhos ás mais densas e emmaranhadas brenhas. Porém não desanimou o homem de Deus, envidando antes todo o esforço de sua energia e caridade.

Qual pae que não teme as ameaças dum filho que enlouqueceu, desprezava todos os perigos, corria as povoações, cruzava os campos, penetrava os mattos e, aonde não podia chegar em pessoa, mandava neophytos zelosos, convidando os fugitivos a voltar e inculcando-lhes a necessidade do baptismo. Triumphou o incansavel desvelo: todos os moribundos, com excepção de vinte obstinados, se fizeram baptisar.

Um catechumeno, que andava longe da aldeia, sentindo-se atacado do mal, embarcou, sentando-se a cavalleiro sobre um tronco que rolára para o rio. Ao chegar a Itapúa, foi avistado e levado á presença do padre. Pouco depois de baptisado, expirou o neophyto fervoroso.

Mal se restabelecera o P. Valle, navegou o P. Roque rio abaixo, devassando ribanceiras e ilhas na extensão de setenta leguas, onde conseguiu baptisar a muitos.

A epidemia grassou tambem na região do Paraná, donde elle tivera que regressar pouco antes, e a mortalidade foi grande, accrescenta o P. Techo.

X

Inicio das missões no Rio Grande do Sul

Já relatamos as tentativas infructiferas de Ortiz de Zarate na segunda metade do 16.º e de Hernandárias em inicios do seculo seguinte, para sujeitar á dominação hespanhola as terras ao longo do Uruguay. O triumpho que debalde intentaram as armas, havia de alcançal-o a cruz, e os primeiros louros regados do proprio sangue colheria quem sempre a levava na mão e lhe trazia a invocação com feliz prognostico no appellido.

A fama das florescentes reducções sobre o Paraná penetrara até a região na margem oriental do Uruguay. Desejosos de se convencerem com os proprios olhos da verdade do que ouviam dizer, chegaram a Itapúa alguns indios da banda oriental, pretextando commerciar com os reduzidos e conhecer os missionarios. Acolheu-os o P. Roque o melhor que poude, e, vendo a boa impressão que de tudo recebiam, entrou a pensar em estender o systema das reducções á patria daquelles hospedes curiosos. Diminuto era o numero dos missionarios, mas o provincial, reconhecendo a alta importancia de se abrirem tão vastas regiões á prégação do evangelho, consentiu em que fosse o conquistador sacro ás terras do Rio Grande. „Entregam a V. R., lhe disse, a Companhia e esta provincia a empresa mais gloriosa e suprema de que dispõe nosso instituto, que é a conversão da gentilidade e de tantas almas que se acham nas ditas regiões (do Rio Grande) e o mais necessario é que V. R. conceba um espirito apostolico com que deseje abraçar no amor de Deus todas essas almas, padecer muitos trabalhos e até, se fosse necessario, derramar o sangue por ellas como genuino filho do nosso Padre e da Companhia. E como para tão ardua empresa, como é claro, fallecem as forças humanas, toda a confiança deve V. R. pôr no auxilio divino, pedindo a N.º Senhor a benção para esta conversão com continuos sacrificios e gemidos ao céo, como se praticará tambem em toda a provincia.“ Apenas receberam este glorioso destino, entrou o P. Roque a tratar dos preparativos immediatos da viagem, jejuns, oração e penitencia: foi esta a matalotagem com que se preveniu para attrahir a graça divina sobre os corações dos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul. „Raiou, escreve Guevara, o dia 25 de Outubro de 1619, dia felicissimo para o Uruguay; adornou-se com a maior pompa que a pobreza lhe permittia, a igreja de Itapúa, deu-se um repique para chamar a gente á

missa; disse-a o P. Roque, offerecendo-se a si em sacrificio pela conversão dos povos gentios, recebeu a communhão um menino que devia acompanhal-o na sua evangelica excursão; disseram-se outras missas e cantaram-se as ladainhas de todos os Santos para o bom exito da jornada que todos se promettiam da divina clemencia e do patrocinio de Maria Santissima cuja devota imagem trazia o missionario comsigo e chamava a conquistadora. Mas desta vez a expedição não devia passar de tentativa.

Depois de longa e fervorosamente encomendar a empresa ao Altissimo, poz-se o obediente missionario a caminho, levando poucos companheiros. Por invias regiões chegaram até Aracatin, affluente do Uruguay. Lá os aguardavam muitos indios em som de guerra, tendo os corpos completamente nús, pintados de genipapo. Brandindo furiosamente as armas, exigiam que não passassem além. Respondeu o P. Roque que a sua vocação não lh'o permittia e tão eloquente perorou sobre os principaes mysterios da fé, que os indios admirados e confusos se retiraram para as aldeias.

Os companheiros, porém, tão violento abalo soffreram com o perigo a que acabavam de escapar, que instantemente pediram licença de tornar a Itapúa. A todos deixou partir, menos dois jovens, aos quaes encarecidamente rogou que ficassem para lhe servirem de acolytos da missa, a qual diria sobre altar portatil. O tempo de penetrar a banda oriental ainda não chegou.

Recolheu os hospedes Nieza, chefe influente, conduzindo-os á sua aldeia, que ficava á distancia de duas leguas. Logo ao chegar, levantou o missionario á vista da numerosa turba pagã uma grande cruz, sobre a margem direita do rio Uruguay. Sem detença explicou em quanta veneração deveriam ter o symbolo da redempção e como lhes convinha acceitar o doce jugo de Christo. E dando-lhes o exemplo de acatamento, tirou o barrete e, de joelhos, beijou reverentemente a cruz que acabava de arvorar. A impressão produzida nos animos foi quanto podia ser salutar e benefica. (N. IV).

Os indios seguiram-lhe o exemplo, desde o maior até o menor, tão transidos de reverencia ao imprimirem os osculos que enterneceram o P. Roque por ver que a semente da divina palavra não cahiu sobre pedras.

XI

Grandes e varios obstaculos

Não se illudia, porém, o experimentado conhecedor da raça indigena sobre a grandeza e variedade dos obstaculos que se lhe oppunham. Viva e profunda era a antipathia contra a doutrina christã e não provinha tão sómente duma quasi instinctiva aversão. natural em gente de indole selvagem e inculta, mas baseava-se em vicios profundamente arraigados e mais que tudo no pessimo exemplo e trato que davam aos indios os colonos portuguezes e hespanhoes.

A polygamia, tão commum entre aquellas tribus. tinha por esteio não só a incontinencia, mas tambem o vicio da embriaguez; pois quanto mais servos se occupassem na preparação dos vinhos feitos com milho, fructas e mel silvestre. maior seria a provisão com que poderia o indio saciar a paixão pelas bebidas fermentadas. Os chefes chegavam a ter cincoenta mulheres, porque lhes augmentava a autoridade possuirem com que prover ao sustento de familia tão numerosa.

Comprehende-se perfeitamente como gente affeita á liberdade de costumes rejeitaria a lei da pureza christã e com que desdem o selvagem da vida nomada e errante olharia para a reclusão das reducções. Uma tribu despediu-se um bello dia de quem a reduzira, allegando como motivo que não lhes agradava um Deus. que. presente em toda a parte. lhes via todos os actos.

Outro impedimento, quiçá maior que o que deixamos exposto. era o pessimo exemplo dos europeus. tanto portuguezes como hespanhoes. Certo portuguez, em S. Ignacio Miri. ia de casa em casa. roubando quantos indios e indias podia. quando, admoestado pelo missionario. que. como bom pastor. se oppunha aos estragos feitos no indefeso rebanho, apontou-lhe á fronte com a arma de fogo. Os hespanhoes atropelavam todos os direitos divinos e humanos para abastecerem as fazendas de escravos. chegando a correr as reducções com espada em punho á cata de indias. outros as arrastavam pelo cabello de dentro das casas para as embarcações. Quando as indias vinham offerecer viveres, convidavam-n'as a entrar nas balsas. que logo largavam rio abaixo, e pouco se lhes dava a elles se as captivas eram solteiras ou casadas.

Estratagema ainda mais abominavel inventou a cobiça dos caçadores de escravos. Indios jovens e de boa presença,

capturados por outra parte, eram mandados aos ranchos das indias com ordem de lhes ganhar a affeição e trazel-as comsigo. Esta malicia diabolica rendeu aos inventores numero avultadissimo de indigenas, as quaes ou passavam para o serviço domestico ou eram vendidas.

Afim de não espantarem a caça appetecida, inventavam quanta mentira lhes lembrava contra os padres, inimigos das crenças e usos indigenas. Como refere o Dr. Jarque, até tiveram a desfaçatez de aconselharem os indios das reducções a abandonar estas e a se mudarem para perto das villas, dando morte aos missionarios. Outros disseminaram por entre os infieis a calumnia de que o fim de se juntarem em reducções era o de os poderem os padres mais facilmente vender. Alguns portuguezes entraram em S. Paulo e no Rio com espantosa multidão de indios, e perguntados como os puderam juntar, respondiam que lh'os venderam os padres do Guayrá.

Propagando-se a calumnia por longas terras, creou grande embaraço á propagação da fé.

As difficuldades que enumeramos, augmentavam de vulto entre os habitantes das bordas do Uruguay, o mais que podia ser, como inimigos do extrangeiro e orgulhosos de suas valentias e tradições patrias. Não admira, pois, a resposta do bispo Zúñiga de Assumpção com que despachou o pedido de Hernandarias, solicitando missionarios para as missões entre os guaranis: „Nenhum dos meus clerigos, disse o prelado, se atreverá a metter-se entre anthropophagos." O governador, extranhando estas palavras, foi ter em pessoa com o bispo, mas nada alcançou.

XII

Systemas de catechese dos indios

Não é este o logar de tratarmos da administração que adoptou o P. Roque para reducções já constituidas — fal-o-hemos quando lhes descrevermos o ulterior desenvolvimento; aqui nos cumpre tão sómente expôr o methodo que seguiu em arrebanhar os selvagens e attrahil-os para as povoações que iam ser fundadas.

Naquelles primeiros tempos do Paraguay havia duas especies de catechese, uma que poderiamos chamar volante e outra a que cabe o nome de estavel. A primeira, adoptada por S. Francisco Solano, era como que a preparação para a segunda. Sobre qual das duas convinha seguir houve reiteradas deliberações entre os missionarios.

Discutiu-se a mesma questão na grande consulta em Salta, para a qual convocara o visitador Estevam Paes, recem-chegado da Europa em 1602, todos os jesuitas de Tucuman e do Paraguay. Ponderou-lhes o inconvenente das continuas viagens, a instabilidade de conversões feitas de corrida e a inconstancia quasi certa de neophytos abandonados a si mesmos.

Allegou o methodo de Solano que, percorrendo Tucuman e grande parte do Chaco, baptisara uma multidão quasi infinita: vivia ainda, assim dizia, o apostolo, mas de seu trabalho apenas restava vestigio. Como as searas descuradas se abafam com o matto que tão de pressa se desenvolve, sobre tudo na America, assim definhavam as christandades solitarias e sem pastor no meio da infidelidade. Não havia que oppôr a tão justas observações, sómente lembraram os missionarios que eram necessarias as viagens apostolicas para se explorarem aos infieis a terra e disposição dos animos e grangear-lhes a affeição, no que concordou o visitador. Vemos, pois, postos em pratica ambos os systemas, sendo, porém, preferida a catechese estavel.

Nas viagens costumavam acompanhar ao missionario alguns neophytos, os quaes iam armados, quando os superiores o julgavam opportuno, para a defesa propria ou dos futuros catechumenos contra a aggressão de pagés e tuxavas, que ás vezes empregavam violencias, tanto contra os hospedes como contra os subditos que a estes quizessem seguir.

Sabia-se porém geralmente, mesmo entre os indios bravios, que taes turmas de indios guiados pelos missionarios nunca vinham com intenções hostis, e até quando os christãos eram mais numerosos que os visitados, não lhes incutiam terror. Os pagãos, ao ouvirem donde vinham os hospedes, logo largavam as armas e o tuxava ia beijar a mão ao padre, o qual como refere o Dr. Iarque (Rev. do I. Hist. Brazil. t. 26), lhe agradecia pessoalmente ou pelo interprete a urbanidade, louvando-lhe a elle a valentia e á tribu a fama de guerreiros, a qual enchera a terra toda e por si só bastava para se emprehender tão longa viagem, cumprimentos estes que enchiam

de fumos de vaidade ao barbaro, impando como se fosse o maior triumphador que jamais entrou Roma a dentro.

Emfim recebendo um pequeno presente, corre o régulo a chamar a familia e os amigos. Hospedado perto do toldo do tuxava, tem o missionario ensejo de examinar a disposição daquella gente. Se o chefe com todos os subditos não acolhia a boa nova da salvação, o que affirma o Dr. Iarque ter sido caso excepcional, nunca faltava quem a ouvisse, sobretudo entre os captivos. Já vimos, porém, que as expedições sacras a indios mais ferozes eram de feição algum tanto differente.

O systema de catechese estavel veio a ser novamente objecto de discussão em 1615, anno em que o padre Oñate entrou a governar a provincia do Paraguay. Duvidaram alguns se convinha viverem a grande distancia dos collegios dois ou tres padres, entre os indios, á maneira de parochos.

Ponderaram os perigos que ameaçavam a virtude no meio de gente nua e licenciosa e o risco que corria o fervor do espirito de entorpecer pouco a pouco, emquanto nos collegios o bom exemplo da communidade e a disciplina paternal exercida pelos reitores impediam que o tropel dos negocios absorvesse toda a attenção. Estas e outras razões pareciam militar em favor de uma catechese feita por missionarios, que, sem residirem entre os indios, os fossem visitar de quando em quando.

Os adeptos da opinião contraria invocaram primeiro uma longa experiencia de muitos annos e, quanto ao perigo de se perder o fervor, nada obstava que o religioso a espaços voltasse ao collegio; de mais a mais, não era para esquecer que, mesmo entre pessoas que deixaram paes e patria com todas as esperanças mundanas, ainda se fazia rigorosa escolha, quando se tratava de mandar alguem ao desterro voluntario entre os selvagens.

Se, apezar de todas as precauções humanas, houvesse alguma defecção, tão pouco havia de comprometter a Companhia, como a apostasia de Judas infamou o collegio dos apostolos. Emfim era cousa sabida que excursões apostolicas de padres residentes em collegios muito aproveitavam a povoações que já tinham cura, porém de nenhum modo bastavam ás que delle careciam. Os indios, que geralmente recebiam sem difficuldade o baptismo, em breve largavam a observancia dos preceitos, se não houvesse quem com praticas frequentes e administração dos sacramentos lhes acudisse.

Allegaram a bulla de Pio V, que motivára com esta mesma razão a reserva que impunha em baptisar os indios onde fal-

tasse sacerdote que os pudesse doutrinar. Terminaram o arrazoado, citando o exemplo do P. Anchieta, que no Brasil fundára muitas residencias de dois ou tres religiosos, a grande distancia dos collegios. O resultado da deliberação foi a confirmação das reducções com missionarios que nellas residissem, condição vital para tal genero de aldeiamento.

XIII

Fundação do povo da Conceição no Uruguay

O P. Roque, chegando ao Uruguay, tomou posse de tão extenso territorio, em nome de Christo e do rei e determinou fundar uma povoação numa localidade denominada Ibitiracua, que, distando uma legua do rio, era ponto de reunião a muitos tuxavas. Para angariar neophytos, passou o Uruguay e pisou, pela primeira vez, o solo riograndense em 1619.

Mas, apenas encetára a faina, chegou-lhe a triste nova que os selvagens da outra banda, descontentes do acolhimento que tivera por Nieza, o principal tuxava da região, preparavam um levante e já tinham queimado a cruz plantada pelo missionario.

As forças de Nieza eram insufficientes, bem o sabia o P. Roque, por isso foi ter com o chefe dos revoltosos e, depois de lhe apaziguar o furor com alguns presentes, a força de eloquencia o mudou de tal forma que o selvagem deu a promessa formal de paz e sujeição. Partiu logo o santo missionario para tranquilisar os indios rio acima, aos quaes os boatos de guerra tinham afugentado. Regressou ao depois para Ibitiracua e lá, onde a Companhia havia de alcançar os mais bellos triumphos, começou um longo exercicio de paciencia, esperando por sete annos o momento propicio para iniciar o trabalho apostolico em terras do Rio Grande.

Os pagãos não se cançavam de espalhar que elle não passava de emissario secreto dos hespanhoes, e que, servindo-se do pretexto da religião, procurava escravisal-os.

Entretanto não era para desprezar o fructo que colhia. Em seis mezes juntára mais de 200 familias e, quando chegou o coadjutor P. Affonso de Aragón, augmentou o numero de forma que foi preciso construir uma egreja espaçosa. Benzendo-se no dia 8 de dezembro e tendo fundado o P. Roque a povoação em 1619, na mesma data recebeu a invocação de N. S. da Conceição.[12] Foi na mesma occasião exposta á veneração dos fieis uma imagem da Virgem, donativo do provincial, que a enviára de Tucuman. A dupla solennidade tanto impressionou os indios que tornou a augmentar o numero dos catechumenos.

Foi por este tempo que se effectuou a divisão politica e ecclesiastica de que já fizemos menção. Continuaram sujeitas á Assumpção as reducções do Paraná e Guayrá, passando, porém, para a diocese de Buenos Aires as terras do Uruguay e do hodierno Rio Grande.

D. Diogo Góngora, primeiro governador da nova provincia, tencionava explorar o rio Uruguay desde a foz até as nascentes, mas era empresa, diz Southey (Hist. do Brasil, cap. 22) que ninguem, a não ser jesuita, poderia tentar com alguma esperança de escapar com vida. Entregou por tanto aquella região aos trabalhos apostolicos da Companhia, pois com a vinda de alguns tuxavas que pediam missionarios, julgou ter achado occasião opportuna. Foi este o primeiro acto por parte do novo governo do Rio da Prata que diz respeito aos jesuitas (Lozano, Conquista, liv. III, cap. 16).

O provincial, a seu turno, quando visitou a nova residencia da Conceição, passou ordem ao P. Roque de explorar por 150 leguas o valle do Uruguay. Porém antes de o acompanharmos, pedimos venia para inserir aqui uma breve resenha da sua actividade literaria no idioma guarani, a que se dedicou durante os mencionados longos sete annos em Conceição.

---

12) Charlevoix e Guevara apontam erroneamente como dia da fundação deste povo o 8 de dezembro de 1620. Reproduziram o mesmo Gay e Moussy, Description de la Conf. Argentine III. pag. 662; pag. 721 marca até o anno de 1616; Gay , A Republ. jesuitica cap. 20 art. 10. Pfotenhauer, Die Missionen der Jesuiten in Paraguay (I, pag. 120) copiou tambem este como outros erros.

XIV

A lingua guarani

Os sete annos que passou o P. Roque em Conceição formam a epoca a que devemos assignar o catecismo, os sermões e relatorios que nos deixou.

Sabia a fundo a lingua guarani, o que não era de admirar, porque, falando-a de menino, lhe fôra como que uma segunda lingua materna, e chegara a manejal-a com

Frontispicio da igreja de São Miguel, das Missões guaraniticas, fundadas pelo P. Roque, outrora um dos maiores templos da America, antes de começada a obra de conservação pelo governo riograndense.

mestría consummada. A eloquencia com que falava aos indios em sermões e discursos de occasião, de tal modo lhe grangeou a sympathia daquella gente admiradora do dom da palavra que o estimava como a um dos seus, dando-lhe as honras de chefe. Era, pois, o homem da providencia para quebrar a resistencia obstinada das tribus mais indomaveis, quaes eram as que habitavam as margens do Uruguay. Delles diz judiciosamente Bauzá, historiador de renome:

„Se as mais tribus resistissem com o mesmo denodo e constancia, como as da margem esquerda do Uruguay, a Hespanha se retiraria, não só vencida, mas exhausta.“ (Dom Esp. I Append.).

Outrosim não havia quem igualasse o P. Roque como mestre e guia dos noveis missionarios, quer em desvendar-lhes os segredos da lingua indigena tão differente das européas, quer em instruil-os na maneira de tratar com os selvagens.

O que porém mais lhe realça o merito é o catecismo, o qual, mais do que os de Anchieta, Bolaños e Montoya, havia de ter fama, — verdade obliterada numa epoca em que eram desconhecidos os que com mais viva luz espancaram as brumas daquelles primeiros tempos da christianisação do Paraguay. Até ha pouco se opinava ser o P. Montoya quem primeiro escrevesse um catecismo indigena nos dominios hespanhoes na America do Sul. Veremos que não lhe cabe a honra.

Os synodos celebrados em Assumpção nos annos de 1603 e 1631 consideraram como tarefa da mais inadiavel urgencia induzir os parochos á catechese dos indios residentes nas respectivas parochias. Era obvio que para este ensino se exigia o conhecimento do idioma do paiz, mas havendo tantos e tão diversos, já estabelecera o synodo de 1603 na constituição 2.ª o que se segue:

„Por haver muitas linguas nesta provincia e mui difficultosas, de sorte que seria grandissima confusão dar instrucção em cada uma, e muitos indios de menos capacidade entenderiam que a doutrina tambem differia na substancia... ordenamos que a doutrina e o catecismo se ensinem na lingua guarani, por ser clara e mais geralmente se falar nestas provincias.“

A 3.ª constituição prescreve, para desempenhar o officio de parocho, o conhecimento do catecismo do P. Frei Luiz de Bolaños e aquella pratica da lingua que se exige na administração dos sacramentos.

O synodo de 1631 torna a recommendar o mesmo catecismo, acrescentando, porém, um ponto que chama a nossa attenção. „Por não ter traduzido Bolaños os artigos da fé e a Salve Rainha, o synodo pede e encarrega o P. Diogo Boroa, reitor, da Companhia de Jesus, que edite e communique a traducção dos artigos de fé e da salve que fizera o veneral Roque González.“ Executando-se pontualmente esta disposição, foi introduzida parte importante do catecismo do P. Roque no

manual official de doutrina prescripto com toda a solemnidade pela autoridade competente.

Tal distincção acarretou-lhe violento ataque, que não visava menos que eliminar o dito catecismo do rol dos livros orthodoxos.

Foi D. Bernardino de Cárdenas, bispo de Assumpção, que instaurou processo de heresia, não contra o missionario que havia annos já fallecera, mas contra os irmãos da ordem. Accusou-os de terem, por ignorancia da lingua, introduzido no catecismo guarani monstruosas e gravissimas heresias.

A incriminação julgou-se tão grave, que do palacio de Buen-Retiro, então residencia habitual dos reis de Hespanha, se expediu ordem ao arcebispo de Chuquisaca que submettesse a causa ao juizo de uma commissão composta dos mais graves theologos e abalisados conhecedores do idioma guarani. Tambem D. Cárdenas foi convidado a formular por menor a sua arguição.

„Fel-o, diz Southey, com a habitual violencia." Incriminou de hereticos principalmente tres vocabulos, attribuindo-lhes significação inaudita, á qual o decoro da lingua recusava emprestar termos. Accrescentou que o demonio não poderia excogitar heresias mais abominaveis do que comprehendiam aquellas poucas palavras e que se julgaria réo do mesmo crime de heterodoxia, se não as impugnasse.

Por ordem do arcebispo de Chuquisaca reuniu-se a junta em Assumpção, cujos membros, quasi todos de elevada posição, eram reconhecidos geralmente tanto os ecclesiasticos como os seculares, por bons theologos e peritissimos na lingua guarani.

Presidia D. João Blasque de Valverde, ouvidor da audiencia real de Charcas e capitão geral da provincia do Paraguay. Depois de apresentar o documento official da sua nomeação de presidente pelo bispo de Buenos Aires, desde já observou que o catecismo incriminado fôra prescripto sob pena de excommunhão e não era permittido usar de outro. Os membros da commissão, entrando em maduro exame dos termos taxados por Cárdenas de hereticos, concordaram em que não havia outros mais proprios e que não era licito alteral-os, andando, como observavam alguns, unicamente o catecismo do P. Roque em mão de todos os parochos, tanto do clero secular como regular. Mas o que mais extranharam foi a prova com que se pretendera demonstrar serem aquelles termos nomes de demonios. Fôra procural-a Cárdenas nas alturas do seculo VIII,

nas actas do concilio de Roma convocado em 745 pelo Papa Zacharias, nas quaes se acha a condemnação de um certo Aldeberto, que invocava demonios, cujas denominações alli se citam. Nestes nomes, depois de truncados, achara Cárdenas os vocabulos que tanto o escandalisavam.

O accordão foi unanime, e o protocollo por todos assignado dizia que o catecismo do P. Roque era isento de qualquer erro. Desta forma, passou a prova de fogo da calumnia e o exame critico da sciencia a obra catechetica do nosso apostolo.

Pouco conhecido aos historiadores é um opusculo em cuja redacção se esmerou o P. Dias Taño, refutando com diaphana clareza e logica irresistivel as arguições de Cárdenas. O já citado Bauzá conclue a narração dos factos que acabamos de expor, com as seguintes palavras:

„Livres de toda a suspeita, sahiram triumphantes os catecismos e vocabularios jesuiticos do julgamento a que os tinham submettido, e, para demonstrar mais uma vez quão benefico seja sempre o uso de critica em investigações historicas, revindicou-se para dois sabios até então obscurecidos, o P. Roque González e Frei Luis de Bolaños, a gloria de terem iniciado a traducção do catecismo castelhano para o guarani, emquanto a historia, até agora desencaminhada a este respeito, só nos falava do P. Ruíz de Montoya." (Bauzá, Dom. Esp. vol. I livro 4, pag. 379, 2.ª ed.).

(Quem desejar esclarecimentos mais minuciosos sobre a questão que esboçamos, poderá colhel-os no *Annuario do Estado do Rio Grande do Sul*, para 1906, no qual publiquei o artigo *A lingua guarani e o veneravel P. Roque González.*)

XV

Tentativa de explorar o Uruguay — Tempos de lucto e dias de festa

Deixamos o P. Roque encarregado pelo provincial da exploração do rio Uruguay, que em vasto semi-circulo cinge o nosso estado. E' um espectaculo sublime que offerece a natureza, onde a violencia do homem ainda não lhe tirou o encanto nativo. Parece lembrar ainda aquella manhã primordial, em que sahiu pura e bella das mãos do Creador.

Desprezando, pois, as fadigas, aprompтemo-nos a singrar com o explorador apostolico o veio do rio possante, que serpeia já por entre campinas dilatadas, já pela espessura multisecular das brenhas. Nas ondas habita a capivara e abunda peixe variado e saboroso. De quando em quando apparecem na margem umas como columnas de granito, mas, vistas de mais perto, mostram serem troncos de arvore petrificados. Bandos de papagaios multicores, erguendo o vôo, enchem os ares com seus gritos desconcertados. As conchas são tantas que não se sabe se é a ellas ou aos papagaios que o rio deve o nome.

Entre a caça abundante das ribanceiras nota-se a anta e a paca, cujos trilhos cortam o cerrado; o veado e a avestruz, que atravessam, qual mais ligeiro, a extensão das campinas; o tatú sahindo da toca em noites de luar e emfim o tamanduá, que de passo vagaroso, porém firme, anda á cata de algum formigueiro ou cupula de cupim; a todos, porém, vence e espanta o terror das selvas e do campo, o esforçado e agil jaguar.

Tal era a região que em 1622 se dispunha a devassar o imperterrito investigador de terras incultas. Mas apenas se divulgou o seu intento, oppuzeram-se os indios, suspeitando que ia abrir caminho aos espanhoes. Aquelle chefe que primeiro se rebellara por occasião da vinda do padre, foi tambem desta vez o autor de uma opposição geral.

Uma noite ouviram-se á beira do rio, entre alarido formidavel, gritos de ameaça contra a vida do P. Roque. As trevas lhe permittiram fugir para Conceição, onde os companheiros o aconselharam a adiar a expedição para mais tarde.

Não podendo levar a cabo a empresa que lhe fora confiada, entrou a pensar em fundar mais uma reducção na margem do Uruguay. Para remover as primeiras difficuldades, deveriam os neophytos convidar os indios da circumvizinhança a uma das grandes caçadas, que de vez em quando se costumavam fazer. Numero conveniente de caçadores cercava bom espaço de campo, e estreitando paulatinamente o circulo, chegavam a apanhar toda especie de caça, com a qual depois se banqueteavam. Tal diversão, que sempre attrahia muita gente dava ao missionario optimo ensejo de reconhecer a condição da terra e dos habitantes e de ganhar com alguns presentes as boas graças das pessoas mais influentes.

O convite, porém, aliás sempre attendido, desta vez foi baldado, porque tinham apparecido entretanto dois hospedes

terriveis: a fome e a peste, que não pouparam nenhuma povoação recem-fundada. O panico foi assáz grande e muitos se dispersaram pelos campos, fugindo ao contagio e procurando um alimento qualquer, ainda que nocivo á saude. O P. Roque voava de um logar a outro para acudir a tanta necessidade corporal e espiritual e tanto elle como o companheiro empenhavam todo o esforço, para salvar a existencia da povoação. Os pagãos aproveitavam para os desacreditarem quanto podiam

Parte lateral da igreja de S. Miguel, construida pelos indios guaranis, sob a direcção dos antigos missionarios da Companhia de Jesus

e os pagés diziam a bocca cheia que ahi tinham o castigo de terem tantos indios deixado os usos avoengos.

Qual astro aclarando com um raio de esperança as trevas duma noite de temporal, calhou chegar em meio de tanta calamidade a noticia da canonisação do fundador da Companhia de Jesus, S. Ignacio. Entre os festejos com que se celebrou tão fausta nova, despertou pela graça e novidade a attenção de todos um combate simulado, que ao compasso da musica exe-

cutaram dois bandos de meninos, representando dois exercitos rivaes de pagãos e de christãos. Como nos refere Techo, ensaiava-os o P. Roque de forma que, tendo vencido a turma christã, aprisionasse os contrarios, lançando-os por terra, com bons modos, já se vê, como convinha a prisioneiros voluntarios, e em seguida os levasse á presença da autoridade ecclesiastica e civil. Por fim todos, tanto vencedores como vencidos, se prostrariam deante do altar de S. Ignacio, agradecendo-lhe a graça da santa fé, que os filhos espirituaes do recem-canonisado lhes tinham communicado. De certo foi esta a primeira vez que nas margens do Uruguay se apresentou uma scena completamente analoga ás cavalhadas e, quem sabe, talvez tenham contribuido as representações allegoricas usadas nas reducções jesuiticas para a acceitação daquelle jogo dramatico, outrora tão pronunciada em todo o Rio Grande do Sul.

Por este tempo foi o P. Roque á Assumpção, levando comsigo o celebre morobixaba Guaracipú e vinte catechumenos do Uruguay, que com geral satisfação foram baptisados pelo reitor do collegio, servindo de padrinho o governador D. Manoel Frias. Ahi tambem festejaram a canonisação de S. Luiz Gonzaga.

A situação do povo da Conceição continuou, porém, tão melindrosa, devido aos estragos da peste e fome e á perseguição da parte dos pagés, que quando em 1625 chegou o provincial Nicoláo Durán, deliberou seriamente com os missionarios se não convinha abandonar aquelle posto occupado havia annos. Depois de bem discutida a questão, venceu o parecer do P. Roque, que optára pela conservação. Exhortou-os, pois, o provincial á paciencia e constancia no amanho de campo tão sáfaro e escabroso. E em breve foi recompensado o zelo desinteressado daquelle trabalho.

O chefe dos pagãos desaffectos concebera o plano de fundar uma aldeia nas proximidades da reducção, para guerreal-a mais de perto. Propalou-se o intento fóra de tempo e os christãos indignados prenderam o régulo e o expulsaram para longe. A desgraça lhe abriu os olhos e chegou a converter-se com todos os seus, augmentando a população de Ibitiracua com 144 christãos. Percorriam agora livremente os missionarios aquella região, onde se fundaram varias reducções.

XVI

Um pagé ou feiticeiro uruguayo

Não tardou em surgir novo perigo que, por interno, maior estrago ameaçava. Um feiticeiro famoso, chamado João Guará, recebera o baptismo no Guayrá, só para combater efficazmente a religião christã. Começou a viajar por terras do Uruguay e Paraná, dirigindo-se de preferencia a neophytos, com o fito de fazel-os apostatar da fé catholica e imbuil-os duma doutrina que elle proprio inventára.

Levando a ousadia a ponto de fazer propaganda em Assumpção, foi condemnado á forca por varios crimes que commettera, mas perdoado, não se sabe por que intercessão, o relegaram para Santa Fé. Conseguindo evadir-se, entrou furtivamente em Itatim, povo de neophytos sob a direcção dos reverendos padres franciscanos. Pediu aos indios não o trahissem e como lh'o promettessem, começou a semear naquelle campo recem-arroteado o joio do seu ensino pernicioso, cuja substancia se concretisava, segundo Techo, nos seguintes pontos: Separação do missionario, inimigo mortal da raça indigena, desprezo da confissão como meio ignobil de devassar os segredos da vida alheia, abominação da chrisma e santos oleos, como de immundicie, e do sal que se dá no baptismo, como de veneno mortifero para crianças e adultos.

De mais a mais, aconselhava com o exemplo e a doutrina a polygamia, dizendo que os padres a prohibiam para não se augmentar a população, e exhortava a voltar ás usanças antigas, sobretudo ás libações em honra dos defuntos. Emfim chegava a dizer que, em logar de venerar os santos, o tivessem a elle por santo e até por deus, caso contrario havia de transformal-os em sapos e rãs. Ensino tão subversivo, acompanhado da desenvoltura de devassidão, mudou em breve a christandade em Itatim, de sorte que o cura frei João Gamarra, perito na lingua e trato dos indios, começou a indagar solicito e afflicto a causa de tão rapida perversão, a qual lhe foi emfim apontada por um menino, que lhe revelou o verdadeiro caracter de Guará. Deu-se immediatamente ordem para o prender, mas o astuto impostor, com seus mais dedicados adeptos e a grei de concubinas que sempre o rodeava, tinha conseguido acoitar-se num esconderijo, donde fazia excursões a varios pontos e tambem á margem do Uruguay.

Apenas lhe sentira o P. Roque em Conceição os effeitos

da deleteria actividade, recebeu, por uma carta de frei Gamarra, aviso de que deram caça a tão perigoso pseudo-mestre; mas refugiado a um cannavial escapára, se uma das suas mulheres não o trahisse. Carregado de ferros, foi levado em escarmento pelo Paraná e Paraguay, passando tambem por Itatim. Em Assumpção os tribunaes o condemnaram á pena capital, que executada, veiu livrar as missões do Paraná e Uruguay de gravissimo perigo.

XVII

Fundação de S. Nicoláo, a primeira das Sete Missões

Sete annos estivera o P. Roque em Conceição, como atalaia em posto avançado, sempre com os olhos fitos na margem oriental do Uruguay, quando, em congregação provincial do anno de 1626, foi pelo P. Nicoláo Durán Mastrilli nomeado superior das missões sobre o Paraná e Uruguay.

O novo cargo, como se o obrigasse a actividade mais intensa, não lhe parecia consentir que differisse por mais tempo a execução do plano que havia tanto tempo concebera. Removidos algum tanto os impedimentos, passou o rio e, guiado por um catechumeno, alcançou a foz do Piratiny. Avançando mais duas leguas, achou-se em local que lhe pareceu proprio para uma povoação. Soube ganhar a affeição dos indios e no dia da invenção da Santa Cruz do mesmo anno,[13]) depois da missa, arvorou o symbolo da redempção e tomou posse do sitio, que chamou S. Nicoláo, em deferencia ao prenome do provincial.

Logo no primeiro tempo escapou a dois perigos de vida gravissimos. Foi o primeiro que, caminhando de noite pela selva, desencadeou-se medonho temporal e á luz dos coriscos viu dois tigres, dos quaes mal teve tempo de fugir. O segundo o ameaçou na choça dum indio, que traiçoeiramente o acabaria a golpes de macana, se Deus não estorvasse ao malfeitor o criminoso intento.

Não podendo como superior prolongar sua estada na recem-fundada povoação, a entregou ao P. Aragón, que soube

[13]) Tambem o provincial M. Querini — *Informe al Rey D. Fernando VI* — aponta o anno de 1626 como o da fundação de S. Nicoláo. Lozano, porém, dá o de 1625 (Conquista I, pag. 33); Moussy (Description III, pag. 663) até o de 1627. Gay, p. 707, reproduziu a mesma inexactidão.

captivar a estima geral a ponto de poder reunir em tres mezes 280 familias, numero que em breve se elevou a 500. (Techo, livro VII, cap. 31.)

Poucos annos depois, quando o apostolico e virtuosissimo P. Rançonier visitou esta reducção, pôde-lhe apreciar o progresso e o profundo espirito de fé. Conta-nos que com tanto affecto e impetuosidade se atiraram á porfia sobre elle os neophytos para lhe beijar a mão que por pouco o não suffocaram. Foi preciso que os dois padres, que estavam presentes lhe valessem, arredando a multidão. Os tuxavas prepararam-lhe uma demonstração extraordinaria: tres indias, esposas dos principaes e mais influentes chefes, sahiram a visitar o missionario em signal do maior respeito e apreço. Pois os indios conservam as mulheres recolhidas e estas observam tanto recato, que sempre andam retiradas nas casas nem são visiveis para outros.[14])

XVIII

Viagem a Buenos Aires e brilhante recepção

Em Conceição encontrou o P. Roque um hespanhol, Hernando de Zayas, conhecedor da lingua guarani e dos costumes dos indios, que atravez de mil perigos viera entregar-lhe uma carta do governador do Rio da Prata, D. Francico de Céspedes.

Como o antecessor, estava aquella autoridade convencida que a conquista do Uruguay não se faria á viva força. Desejando, porém, levar a cabo uma empresa que tanto recommendaria sua pessoa e casa á liberalidade real, determinou valer-se dos prestimos do P. Roque. Naquella carta o exhortava a descer

[14]) P. Rançonier (belga), Litt. Ann. scriptae nomine et jussu P. provincialis, Antverpiae 1636. Reductio S. Nicolai Piratinensis.

„Huic item Reductioni initium dedit P. Rochus González. Leucis non amplius septem a Conceptione distat. Prope amnem Piratini sita est, qui in Uruaig influit. Anno 1626 crux hic fuit exaltata, eo die quo ejus Inventionem alibi Ecclesia celebrandam proponit... Cum hanc Reductionem visitavi, omnes ad manum meam deosculandam tanto affectu atque impetu certatim venere, ut parum omnino abfuerit quin suffocarer, nisi duo Patres mihi assistentes irruentem turbam semovissent. Solae tres praecipuorum caciquiorum uxores ad me videndum egressae sunt, idque in summum honoris signum. Indi enim eas ita abdunt, atque hae tanta sunt verecundia praeditae, ut semper in suis domibus delituerint neque ab ullo videri se sinant.“

o Uruguay até Buenos Aires, para combinarem um plano de se levar adiante a exploração do dito rio.

Por tão promettedor convite rendeu as devidas graças a Deus o zeloso missionario e sem tardança se embarcou, no dito anno de 1626. Escolheu por companheiros os homens mais destemidos de Conceição e conseguiu tambem levar o chefe da tribu, Diego Nieza, para quem muito esperava duma visita á capital.

Logo no primeiro dia abriu o P. Roque, com grande pasmo de Zayas, apenas com a sua palavra eloquente, caminho por entre 400 indios que lh'o queriam embargar. Outros selvagens de differentes tribus accorriam, só para ver a quem tanto ouviram celebrar.

Com 25 dias de viagem chegaram emfim a Buenos Aires. O governador, satisfeitissimo com tão prompta obediencia e querendo dar aos indios uma idéa, quanto possivel fosse, elevada, da civilização hespanhola, determinou fazer-lhes brilhante recepção. Entre salvas de artilharia e o repique festivo dos sinos, foi á frente dum luzido esquadrão dos cidadãos mais grados receber os hospedes fóra da cidade, seguindo-o dois filhos seus, um commandando uma força de cavallaria e o outro um batalhão de infantaria.

As tropas das tres armas desfilaram diante dos indios e executaram diversas evoluções. Ao som de trombetas foram em seguida levados ao palacio do governo, onde se lhes serviu uma refeição. O governador em pessoa os quiz apresentar ao bispo e, pondo ambos os joelhos em terra, beijou-lhe o anel para dar o exemplo do respeito que se deve aos principes da igreja.

Nem tanto havia mister para causar aos filhos das selvas profundissima impressão, mas a que produziu tamanho apparato passou a espectativa geral. Diego Nieza declarou-se com todo o seu povo subdito obediente do rei da Hespanha e dos governadores mandados pelo soberano.

O instrumento publico, que desta sujeição se lavrou, dizia expressamente que os novos subditos não seriam dados em commenda nem teriam outros sacerdotes que os da Companhia. Nieza foi nomeado supremo morobixaba de quantos indios sobre as margens do Uruguay abraçassem o christianismo. O bispo, a seu turno, delegou para todos os effeitos ao P. Roque, entregando-lhe uma patente, em virtude da qual poderiam os jesuitas fundar reducções em toda a extensão do bispado, e se

lhes concediam todas as faculdades que os reis catholicos communicavam aos delegados da Santa Sé e os padroeiros das igrejas da America do Sul podiam entregar aos missionarios. De tudo se lavraram documentos authenticos, que o reitor do collegio assignou em nome do provincial.

Informou Céspedes ao rei que o rio Uruguay em pouco tempo seria povoado de christãos, se o P. Roque fosse auxiliado por numero maior de missionarios; antes de tudo enviasse trinta jesuitas. O bispo escreveu no mesmo sentido e estas cartas encontraram a approvação da côrte e não tardaram em produzir o desejado effeito. Dois annos mais tarde trouxe o P. Gaspar Sobrino novos missionarios para o Uruguay.

Passados dez dias em regular estes negocios, volveu o P. Roque, explorando ao mesmo tempo as margens do Uruguay numa extensão de cem leguas. Pouca esperança de fundar um povo neste trecho lhe davam as observações feitas nesta viagem, mórmente porque seus habitantes não tinham moradas fixas. (V. ns. V e VI.)

XIX

Um interinado perigoso

Céspedes, não se póde negar, fez todo o possivel para coadjuvar a propagação da fé entre os indios do Uruguay, mas infelizmente não soube separar bastante o interesse proprio dos da religião. Pretendia fundar uma cidade que figuraria no titulo de marquez a que aspirava. (Lozano, Hist. de la Conquista).

Esquecido do trato que fizera com Nieza, enviou tres hespanhoes: Zayas, já nosso conhecido, Bravo e Payá, para presidirem como corregedores ás novas reducções. Bem previa o P. Roque as consequencias funestas, mas não ousando contrariar a vontade formal do governador, permittiu que assumissem o cargo Zayas em Conceição, Payá entre os yaguarités e Bravo em Yapeyú, e exhortou os indios a acceital-os. Mas os pagãos da margem oriental, vendo na vizinhança os odiados hespanhoes, reuniram forças e, cahindo sobre um troço, sahido de Conceição, o despojaram e com insultos o mandaram voltar.

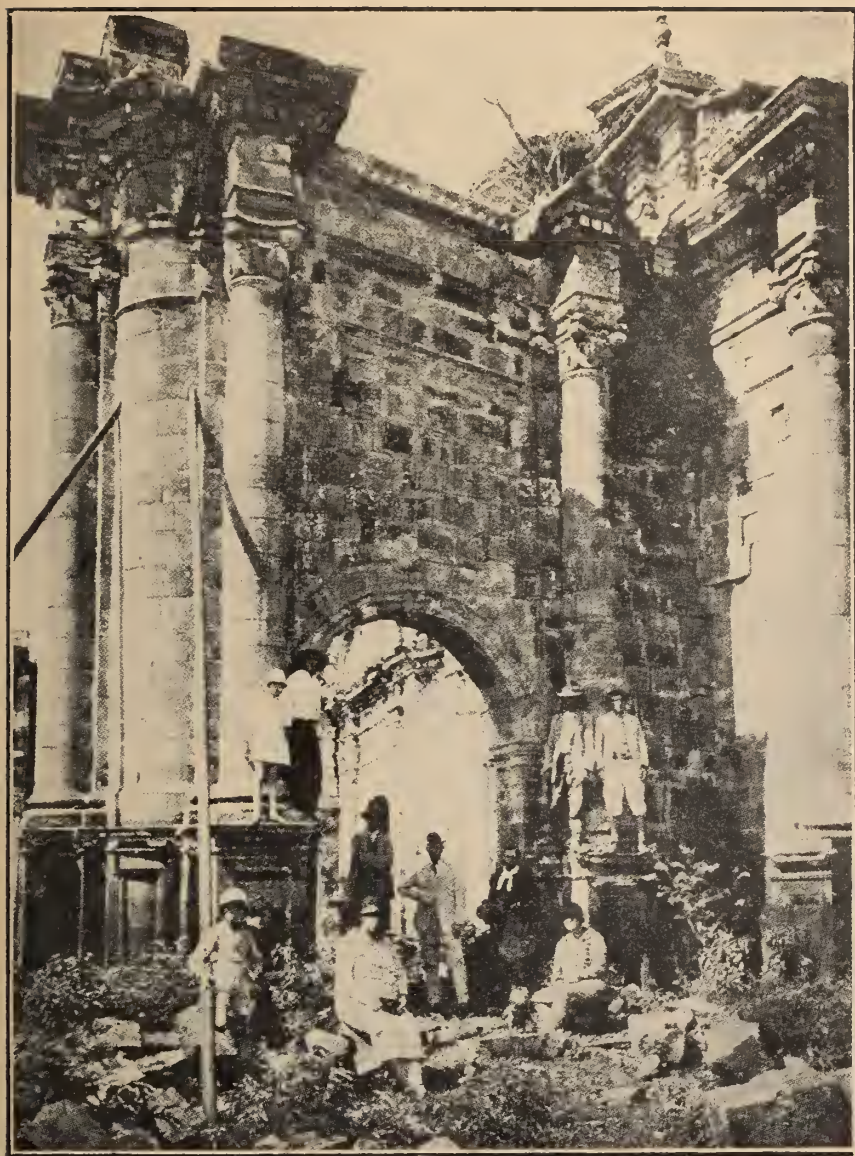
Foi aggravada a situação pela imprudencia de Zayas, o qual, sobre ser imperioso e, o que pesava mais, pouco respeitador da modestia das indias, chegára a insultar um joven aparentado com as familias mais notaveis.

Rebentou emfim em chamma a indignação que lavrava por entre a população; pegam em armas e sitiam o imprudente corregedor na casa dos missionarios, aonde se acoitára, exigindo a extradição do culpado para o sentenciarem. E não escaparia ao furor popular, se o P. Alfaro não fizesse valer toda a sua autoridade. Zayas ficou na aldeia, mas já não ousava sahir de casa e mudou completamente de proceder.

Entre os yaguarités já tinha o P. Roque reduzido quantos bastavam para constituir uma povoação, á qual o governador dera o nome de S. Francisco Xavier. Payá, mal se viu só entre os indios, começou a tratal-os tão aspera e voluntariosamente, que o poderoso tuxava Potivara resolveu matal-o. Mas Tabaca, o chefe da aldeia, não lh'o consentiu.

O resultado foi uma fuga geral das autoridades. Payá metteu-se num esconderijo. Potirava retirou-se para os campos, acompanhado de mil indios e Tabaca, temendo uma aggressão do chefe poderoso, a quem contrariára, internou-se pelas selvas.

Informado de quanto se passára, recorreu o P. Roque ao provincial, pedindo viesse dar cabo a tanta desordem. Quando se soube da chegada desta autoridade a Conceição, compareceram diante delle os tuxavas, não com supplicas, mas com a exigencia formal de serem removidos os corregedores, caso contrario acabariam com as nascentes christandades, porque não se lhes observavam as condições sob as quaes se tinham sujeitado ao dominio hespanhol.

Differiu o provincial a resposta para o dia immediato. E, quando tornaram, lhes declarou não poder despedir os corregedores, mas que havia de mandar um padre ao governador, levando-lhe a exposição exacta da situação, bem como dos seus pedidos, e não duvidava obteria despacho favoravel. Nisto convieram os indios e tiveram, decorrido algum tempo, a grande satisfação de receberem por intermedio do P. Miguel Ampuero, que fôra a Buenos Aires, não só a revocação dos corregedores, mas tambem valiosos donativos para as reducções do Uruguay. (Techo, VII, c. 36).

Paredão, de admiravel belleza architectonica, amparado por escoras, do grandioso templo de S. Miguel, antes de iniciadas as obras de conservação.

XX

Em caminho ao paiz dos Tapes

Durante o anno de 1626, tão fertil em importantes empresas, funda o P. Roque a reducção de S. Nicoláo, emprehende a longinqua viagem a Buenos Aires, realisa ao mesmo tempo a exploração do rio Uruguay, tenta a do Ibicuhy, funda mais duas reducções, entra na vasta região do Tape, estuda-a, como elle mesmo nos informa e nisto gasta ainda parte do anno seguinte. Não é o trabalho de um homem, mas de muitos ou antes de um gigante: e ao passo que se approxima do termo de sua actividade, esta parece crescer e até multiplicar-se.

Considerava o P. Roque a foz do Ibicuhy (29° 29′ lat. S.) ponto de entrada para a vasta região que se estende do rio Uruguay até o Atlantico. Veremos como mais tarde reformou esta sua opinião. Para a explorar, subiu com numero reduzido de remeiros o Ibicuhy, em cujas margens encontrou, depois de vencidas umas quarenta leguas, o dominio de Tabaca,[15] chefe poderoso, que os acolheu optimamente.

Não só mostrava inclinação a abraçar a fé, mas congregou tambem numero de indios sufficiente para formar uma aldeia.

Querendo confirmar auspicios tão promettedores, fez o P. Roque, de uma arvore secular, cruz tão gigante, que para a erguer foi preciso chamarem-se em auxilio homens, mulheres e meninos. Demorando-se mais algum tempo, edificou uma capella provisoria, demarcou os predios e baptisou as crianças. Dedicou-se a aldeia recem-fundada, com toda a pompa que as circumstancias permittiam, a N. Sra. da Candelaria.

Chegara entretanto a noticia da viagem do P. Roque aos indios do interior, que indignados vieram com força armada sobre Candelaria, onde o julgavam encontrar. Tendo elle entretanto seguido avante, escapou não só á morte, mas tambem lhe foi poupada a dôr de ver a cruz derribada, a capella destruida e os neophytos ameaçados.

Mal, porém, lhe chegou a noticia dos tristes factos e de um ataque planejado contra Yapeyú, malbaratando a vida, voltou, por mais que lh'o dissuadissem os companheiros. De volta soube que Tabaca e os mais tuxavas, ausentes durante o assalto, ainda não tinham conseguido reunir guerreiros para fazer frente a inimigo tão poderoso. Não desanimou o P. Roque;

[15] Differente do tuxava acima mencionado.

pelo contrario, procurando os chefes da multidão hostil, vinda do interior, já com dadivas, já com palavras de severa autoridade, alcançou não só que o deixassem seguir viagem, senão tambem que lhe servissem de guias á região do Tape, depois tão afamada pelos trabalhos bem succedidos dos missionarios.

XXI

Entra no Tape, hoje Cima da Serra [16])

Explorava á vontade o Tape ou Serra Geral, angariando ao mesmo tempo indios para uma reducção, quando soube que do sertão vinha um exercito inimigo para lhe tirar a vida. E, de facto, não se fizeram esperar. Bem puderam os morobixabas sustentar-lhes o primeiro embate, mas sobrevindo sempre novas forças contrarias, pegou o missionario em uma serra que lhe servia para cortar as arvores e fabricar as cruzes que costumava erguer, e empunhando aquella arma singular, foi ao encontro dos selvagens. Estes tomados de subito panico fugiram, bradando aos seus que o missionario usava terrivel instrumento munido de dentes agudos com que cortaria a gente, e que nas folhas de um livro lia as cousas mais secretas. Deu-se este encontro na região de Itayasacó, nome que Guevara interpreta por pedra inclinada, á margem do Ibicuhy-mirim, onde ao depois foi fundada a reducção de S. Miguel, no centro do Rio Grande do Sul, não longe da actual cidade de Santa Maria da Bocca do Monte.

Livre do grande perigo, poude o padre continuar a exploração, mas sempre de sobreaviso pela inconstancia dos indios.

E' aqui o logar de completar a descripção já encetada em capitulo anterior, do antigo Rio Grande, qual nol-a deixaram os primeiros missionarios. Entramos na Serra Geral, aquelle vasto planalto, que com suas escarpas e contrafortes atravessa em rumo leste-oeste todo o Estado. Se os autores não con-

16) Não pretendo indicar que o paiz dos Tapes comprehendesse tão sómente a região serrana. A respeito dos seus limites são assaz obscuros os autores e divergem entre si.

cordam nos limites daquella região, são unanimes em tecer-lhe os maiores elogios. Nós que a atravessamos, acceitamos como Southey, sem hesitar, o que della narraram os jesuitas, descrevendo-a como terra privilegiada, ornada de todas as bellezas imaginaveis de valles e montes e tendo um clima fecundissimo.

Campos se extendem a perder de vista, desdobrando paizagens variadissimas e rasgando horisontes de vastissima extensão. Alternam elles com valles risonhos, que adorna a odorante e esbelta arvore de mate, emquanto lá no alto das serras negreja o verde-escuro pinhal de copas arredondadas, imponente em seu silencio quasi religioso e luz abafada, onde erguem os braços ao céo, como em supplica muda, mil candelabros gigantes formados pelas esguias e possantes araucarias.

Em face de quadro tão encantador, enche-se a alma ao visitante de respeito e admiração, por ver a mão do Creador tão largamente prodiga com aquelle abençoado torrão.

Depois de descreverem a feição geral da terra, não deixaram de mencionar os chronistas varias curiosidades, que chamaram a attenção dos que primeiro a percorreram. Entre ellas occupa o primeiro logar a arvore escapú, ou escapis segundo Charlevoix, hoje quasi desconhecida, da qual, com o sol fóra, cae tão abundante orvalho que semelha aguaceiro. Encontrei o curioso vegetal nos arredores de S. Luiz Gonzaga de Missões, onde o chamam arvore de chuva e fiz uma descripção no folheto *Poranduba Rio-Grandense*, pag. 10.[17])

A palmeira rasteira, cuja fibra referem que dá um fio delgado (como seda), é sem duvida a tucum. No passaro branco que chamam sineiro, porque em seu grito acharam analogia com o toque do sino, reconhecemos immediatamente o nosso ferreiro ou araponga, cuja voz nos parece imitar o som de martello batendo em bigorna ou de lima afiando serra. Infelizmente já vae rareando, com a extincção das mattas, este melodioso amigo das solidões silvestres. Tambem o urutáo, no fundo da matta, solta as suas graves e espaçadas notas que echoam ao longe como plangentes sons de abandonados no deserto.

A anta, — que Lozano, autor do seculo 18, descreve tão minuciosamente, referindo entre outras curiosidades que os indios chamavam a via lactea *caminho das antas*, — ainda não vem mencionada no seculo do P. Roque.

---

[17]) Cf. tambem „Annuario do Rio Grande do Sul“ de 1902.

Em compensação encontramos repetidas referencias a um animal hoje desconhecido no Rio Grande. Neste paiz, refere Southey, estribado em autores do seculo 17, vive um amphibio feroz chamado *ao*, de conformação analoga á da ovelha, mais voraz porém do que o tigre e com não menos formidaveis presas e garras. Se um indio, para lhe escapar, sobe a uma arvore, o animal, ou espera pacientemente até que a presa venha a tombar desfallecida, ou com berros chama os companheiros que quaes castores, se põem a roer o tronco.[18])

E' provavel ser o *ao* o famacosio dos primeiros naturalistas, do qual dizem Techo e depois Lozano que do pêlo se fazia uma peça de fato, á qual deram o mesmo nome, de maneira que não se sabe qual das duas concepções seja a mais antiga.

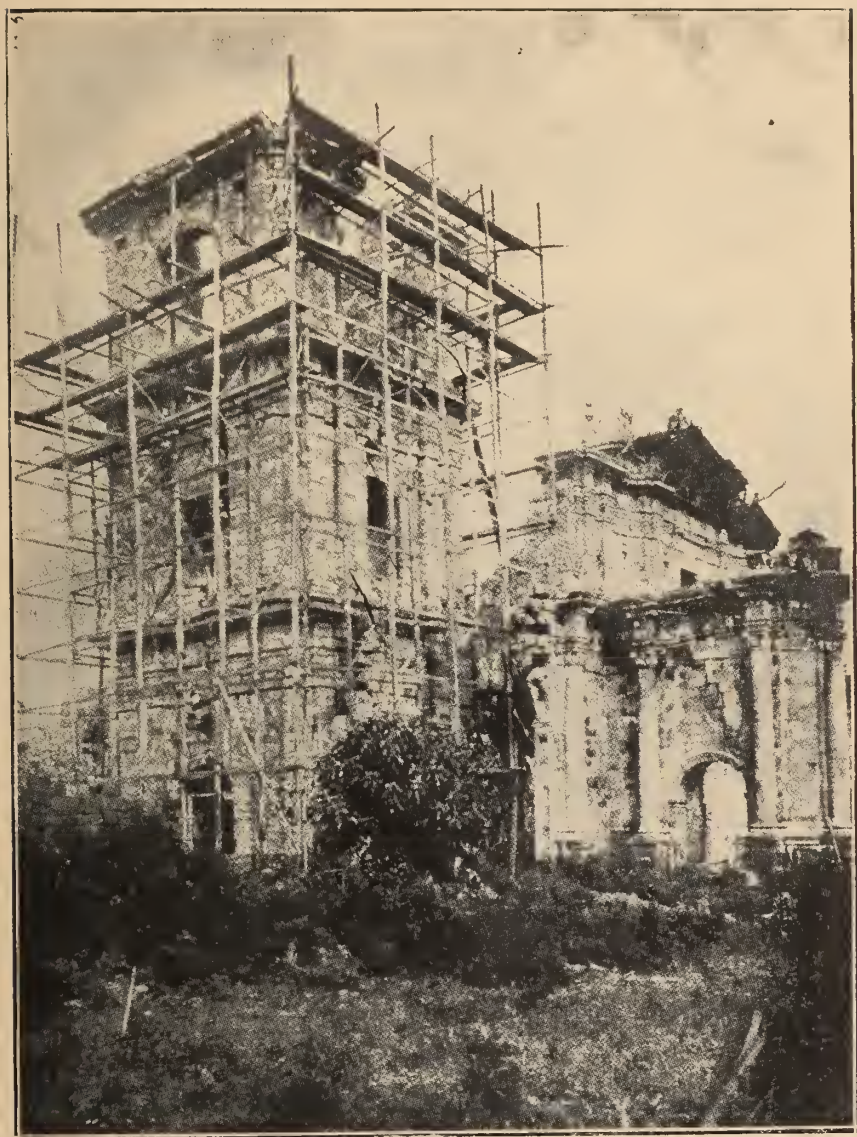
Que os campos do Rio Grande já estivessem povoados tambem de gado vaccum é provavel.

Quanto ao reino mineral, só temos as informações de Techo, que fala da abundancia de pedras cristallinas, as quaes poderiam aproveitar á industria européa. Serão, sem duvida, as agathas e cristaes de rocha tão communs na região serrana.

A nação tape, pertencendo ao grande tronco guarani,[19]) era tão numerosa que o nome se tornou designação generica de muitas tribus. Diziam que era a gente mais disposta a acceitar o evangelho, mas tão feroz a achou o P. Roque e tão alheia á doutrina, que se convenceu de ainda não ter chegado o tempo propicio para a catechizar.

---

[18]) Parece extincta essa singular fera. Uma passagem de uma carta que vem nas Lett. Edif. t. 15, podia dar essa explicação dizendo: Hallaron los indios el secreto de deshacerse de estos animales. Se juntan en cierto número y forman una fuerte palizada, en la cual se encierran. Luego dan grandes gritos y acuden de todas partes los animales; y entretanto que trabajan en sacar tierra para que caygan las estacas, los matan los indios sin riesgo alguno con sus flechas.

[19]) Vide. *Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul.* Rio Grande 1911.

A torre da igreja de S. Miguel durante as obras de conservação.

XXII

A mais antiga descripção do Rio Grande do Sul

Tendo o P. Roque voltado de tão longa excursão aos Tapes, dirigiu ao P. Nicoláo Durán um relatorio que contém a mais antiga descripção do Estado do Rio Grande do Sul. Foi escripta na reducção dos Reis em 15 de Novembro de 1627, um anno antes do martyrio.[20]) Deste precioso documento colhemos que não foi de corrida que visitou a região missioneira e a Serra Geral.

Descreve primeiro a posição e extensão do territorio. De Buenos Aires á reducção dos Reis na foz do Ibicuhy ha 100 leguas de distancia, deste ultimo ponto até S. Nicoláo vão 50 leguas, que é o melhor terreno em todo o Uruguay e Paraguay, — certamente grande e insuspeito louvor em bocca de quem tantas terras andou.

Da densidade da população dá-nos o seguinte calculo. Todo o Uruguay é habitado por 20.000 indios que cultivam a terra, com excepção de dois ou tres mil que vivem da caça e da pesca na planicie entre Buenos Aires e Yapegú.

„E' falso, accrescenta, haver milhares de indios no Ibicuhy, como dizem os governadores, e quem affirma viverem 100.000 indios no Uruguay funda-se em informações de indios, que não sabem dizer a verdade: a quatro chamam muitos e de cem dizem que são tantos como as hervas do campo."

Com o que acabamos de referir concordam os missionarios brasileiros, que abertamente chamam aos tupis mentirosos: *Tupis et Guaranis eiusdem furfuris, semper mendaces,* i. é „tupis e guaranis são da mesma laia, sempre mentirosos."

„Em todo o Tape, escreve na mesma carta, não ha um posto para reduzir nem sequer duzentas familias, porque, como

---

[20]) Ch. Calvo, Recueil Historique complet des Traités de l'Amérique. tom. XI pag. 206, 218. — Gabriel Soares e um autor anonymo em 1612 que vem citado no t. XXVI da Revista do Instit. Hist. Brasileiro esboçam o littoral do Rio Grande na occasião de descreverem a costa do Brasil. Do interior, porém, do seu systema orographico e potamographico, da extensão do paiz, da indole dos seus habitantes, do seu commercio com os portuguezes no Jacuhy, deu-nos Roque González as primeiras informações. Tambem as indicações e dados relativos ao Rio Grande no primeiro mappa do Paraguay que veiu á luz pouco depois da sua morte, fundam-se neste relatorio.

O mencionado mappa dá, segundo Alexandre von Humboldt, „a primeira vez" todos os grandes traços de boa parte da America do Sul.

antigamente devia ser muita gente, destruiram os mattos e acabaram com elles e agora só ha capueiras e assim lavram entre cerros e penhascos. Por isso acham-se distribuidos em aldeiinhas, da quaes as maiores são de cem indios."

Passa a dar-nos o P. Roque uma noticia preciosissima de nossa historia primitiva, asseverando que já naquelle tempo os portuguezes, deixando os navios fóra da barra, subiam pelo Iay (o nosso Jacuhy) para commerciarem entre os guaranis em roupa e chapéos.

Em seguida propõe ao provincial um plano para comprehender aquellas terras no ambito da actividade missioneira.

„Venhamos agora á substancia das cousas, como se ha de reduzir aquella gente e por onde cumpre entrar. Eu, como já disse, lá estive, examinei e quasi que cheguei a medir aquella terra, de modo que vi por onde temos que iniciar a conquista espiritual, e é pela banda de S. Nicoláo, porque do Piratiny, sobre a qual está S. Nicoláo, ha 20 leguas ao Tape, mas pelo Ibicuhy haveria a vencer 100 leguas, antes mais que menos, porque de S. Nicoláo até Reis, em frente da emboccadura do Ibicuhy, ha 40 leguas e de lá ao Tape 60."

Aponta mais um motivo para se preferir o roteiro recommendado, patenteando grande talento de organização. „Por esta via conseguiremos dispôr nossas reducções uma perto da outra, como já começamos, porque da Conceição a S. Nicoláo não ha mais de cinco leguas, de forma que se acodem mutuamente com facilidade e, o que é o principal, se coadjuvam em reduzir o gentio; porque é certo que uma reducção funda outra e esta a seu turno terceira, o que não se dará se estivessem separadas por 40 a 50 leguas."

Outra proposta poderia á primeira vista causar estranheza. Dá conta ao provincial de ter informado o governador que seriam necessarios dois nucleos hespanhoes, para servirem como de freio ás reducções, conservando-as em temor, sem o qual entre indios não se conseguia fructo de durar. Aquelle medo que tinham aos hespanhoes considerava ser traça da providencia divina, para levar os filhos das selvas ao conhecimento do Creador e seu divino serviço. Invoca neste ponto uma experiencia de quasi quarenta annos.

O papel dos hespanhoes desempenharam-n'o ao depois os portuguezes e mamelucos, por temor dos quaes não ousavam os neophytos deixar as reducções. Mas na nossa „Historia do Rio Grande do Sul", vol. I, cap. V, provamos como naquellas

Parte lateral da antiga igreja de S. Miguel, dos indios guaranis.

christandades succederam ao motivo do temor outros mais elevados.

Termina o P. Roque a citada carta com avisar-nos que nesta expedição duas vezes arriscou a vida e que póde affirmar que em todos os seus trabalhos e expedições apostolicas não soffreu tanto como nesta ao Tape.

XXIII

Trabalhos apostolicos na região das Sete Missões

Informado o P. Roque, em fins de 1627 ou inicio de 1628, por um morobixaba, que ao norte do Piratiny ficava uma região, chamada Caasapamini, muito propria para se fundar um aldeamento, e que seus habitantes estavam dispostos a acceitar a prégação do evangelho, para lá se dirigiu e fundou Candelaria,[21] assim chamada por celebrar a igreja na data da fundação a festa da Purificação de Nossa Senhora.

Naquelle mesmo dia houve baptismo solenne, conferindo-o o P. Roque em pessoa a 176 catechumenos, e no mesmo anno conseguiram reduzir tres mil indios, numero que mais tarde se elevou a sete mil.

Deixando o P. Romero á testa de tão auspiciosa christandade, continuou o P. Roque a devassar as terras vizinhas para preparar o terreno aos novos missionarios cuja chegada esperava. Entrou primeiro nas selvas do Caaro, onde as exhortações do P. Romero e o bom exemplo dos povos vizinhos já tinham produzido alguma inclinação á doutrina. Dos sessenta tuxavas que lá moravam, induziu a maior parte a não fazerem roça mui longe, removendo desta maneira um obstaculo para uma povoação futura.

Depois de lhes ter promettido um missionario, dirigiu-se aos extensos bosques que correm ao longo do Ijuhy, abrigando umas quinhentas familias sob tuxavas diversos, entre os quaes havia um, chamado Nheçum, que era respeitado como chefe

---

[21]) Não se confunda esta povoação com outra do mesmo nome sobre as margens do Ibicuhy, a qual não passou da phase inicial.

supremo pela eloquencia nativa de que dispunha e arte magica que exercia.

Rodeavam-n'o constantemente aduladores de diversas tribus, aos quaes exigia, em troca do alimento quotidiano, o venerassem como divindade. Este grupo, como é obvio, não podia deixar de odiar o missionario e oppôz-se á evangelização. Sem recear-lhe a ferocidade, foi ter com este chefe o P. Roque e com tamanha autoridade lhe falou que o sujeitou á lei de Christo.

Para separal-o da roda dos lisongeiros e confirmar-lhes as boas disposições, o levou a S. Nicoláo, onde lhe preparou recepção solemne. Nheçum, voltando ao Ijuhy, mandou levantar igreja e casa para os missionarios e até induziu os tuxavas, seus vizinhos, a lhe imitarem o exemplo; mas não largava as feitiçarias, nem despedia as concubinas.

Tendo, apezar de tudo, o P. Castillo dado informação favoravel a respeito deste individuo de duvidosa sinceridade, lançou o P. Roque no dia da Assumpção de Nossa Senhora de 1628 os alicerces duma aldeia e templo, ambos dedicados á Virgem, constituiu autoridade civil, presenteou a varios tuxavas e, tendo exhortado o povo em pratica fervorosa, lhe deu como cura d'almas e administrador temporal o P. Castillo.

Despediu-se deste seu companheiro com sentimento e magoa, por deixal-o tão só como cordeiro entre lobos. Quanto, de facto teve de soffrer naquelle posto avançado este padre, bem o revelou numa carta que dirigiu ao P. Boroa, dizendo: „Não se póde exprimir com palavras quanta virtude é necessaria para catechizar indios; já tinha eu reunido umas quarenta familias, quando uns homens indomitos começaram a pôr á prova minha paciencia, mas por nada me apartei do caminho que tenho que seguir. Oxalá tivera eu as virtudes do P. González, então não seria indigno de apascentar este rebanho."

O superior da missão do Uruguay e Paraná chegára entretanto ao Tabaty, affluente do Uruguay. Agradou-se daquelle sitio e prometteu aos indios um missionario, logo que o tivesse á disposição.

XXIV

Funda o P. Roque a reducção de Caaro

Neste comenos se soube que os novos missionarios vinham subindo o Paraná. Alvoroçado lhes foi ao encontro o P. Roque, esperando-os em Itapúa.

Recebeu-os com grande contentamento para recreal-os, fez por seus neophytos representar varios jogos scenicos. Em seguida os instruiu como deveriam tratar os indios e dividiu-os, enviando uns para Assumpção e outros para o Guayrá.[22]

Elle mesmo, em companhia do P. Rodríguez, se dirigiu ao Ijuhy e Caasapamini e, dando uma volta, entraram no Caaro em 31 de Outubro de 1628.

Era este o nome duma terra que, entestando com o Uruguay, se estendia dez leguas para o interior, não se distinguindo da vizinhança senão por uma população mais densa.

Era o torrão que havia de ensopar com o sangue o nosso infatigavel apostolo, logar tão caro a nós e até ha pouco inteiramente desconhecido, o qual á custa de repetidas pesquizas e não pequenos sacrificios conseguimos finalmente determinar. (cf. o mappa e o A. do appendice e o cap. 33 desta biographia).

Achando-se encravado entre aldeias já christãs, Caaro fecharia dum lado, depois de evangelizado, o baluarte contra os pagãos e do outro abriria o caminho para o Atlantico.

---

[22]) A desacertada traducção que fez D. M. Serrano y Sanz da „Historia Provinciae Paraquariae Soc. J." — diz que o seu autor, o P. N. Techo, estava entre os missionarios recem-chegados da Europa e recebidos pelo superior das missões, o P. Roque: „Mientras todo lo referido acontecía, llegaron nuevas de que diez misioneros venidos de Europa navegaban rio arriba por el Paraná, y estaban ya cerca del P. González, quien, alegre al saberlo, fué á Itapúa, donde lo vi por vez primera; nos recibió á todos con grandísimo contento, y nos recreó con varios juegos que hicieron los neófitos. En seguida nos instruyó de como debíamos tratar á los indios. . ." Que o P. Techo não estava presente na dicta recepção feita pelo P. Roque aos recem-vindos, nem o viu pela primeira vez nem jamais chegou a vel-o nesta terra, evidencía o respectivo texto original em latim que copiei da edição de Lovaina de 1673 que assim reza: „Itapuam celerrime properat (Gonsalvius), quo eodem ferme temporis momento, ipse et novi hospites convenere. . ." (liv. VIII, cap. 21). Nada se encontra aqui que se referisse ao P. Techo nem que visse ao P. Roque a primeira nem outra vez; era um impossivel, sendo que Nicol. de Toict (Techo) estava então na Europa tendo dezasete annos de idade.

Tendo-se ouvido o voto dos tuxavas e sobretudo de Quarabay sobre a nova fundação, arvorou-se uma cruz e nomearam-se corregedores para a nova aldeia, a que se deu a invocação de Todos os Santos, por ser o dia 1.º de Novembro. Começaram os missionarios a baptizar as crianças e instruir a gente, não suspeitando que estavam em vesperas de serem victimas de tremenda conjuração.

XXV

A conjuração

Quem urdiu a trama de maliciosa crueldade, foi, como já apontou acertadamente Southey, um certo Potirava, indio fugido das reducções, que votava aos padres um odio figadal e lhes tinha jurado a morte, como parece provar um attentado anterior contra o P. Aragón.

Procurando quem lhe servisse de companheiro na empresa infernal, encontrou-se com Nheçum.[23]) Reconhecendo nelle a indole soberba, fingia acreditar-lhe, como o vulgo nescio, no caracter divino e, para arraigar ainda mais tão desvairada opinião no animo, cuja vontade e sympathia procurava ganhar, lhe dizia que acharia obediencia no céo e no tempo, nas selvas e feras. Sujeitar-se a um sacerdote seria nelle aviltamento da sua soberania divina á condição de subdito e escravo; accrescentava que os padres lhe tirariam as concubinas para as darem em matrimonio á gente vil, deixando-lhe para maior confusão tão sómente a mais velha. Estimuladas desta sorte as paixões, o pagé soberbo e sensual determinou lavar no sangue dos missionarios o labéo de leviandade com que os tinha admittido.

Não admira tamanha crueldade em selvagem cujos costumes ainda nada tinham de christão e que bem sabia o alvo que tinha em mira o P. Roque, insistindo na unidade e indissolubilidade do matrimonio.

---

23) Não se deve com Charlevoix (liv. 7) e Southey (cap. 23) confundir este adivinho com o morobixaba Diego Nieza. Veja Append. crit. B.

O primeiro golpe havia de descarregar-se sobre tão incommodo prégador, que naquella occasião estava no Caaro, onde viviam dois tuxavas que tambem julgavam possuir algo de divino ou sobrehumano. A estes mandou o recado de assassinarem aos padres, emquanto elle, tendo dado sorte igual aos missionarios que lhe estavam mais á mão, reuniria os indios para um ataque contra as demais reducções, com cujos tuxavas tudo se achava combinado.

Desenvolveu Nheçum uma actividade de espantar para sublevar o povo no Ijuhy. Reprehendia os que já seguiam a lei de Christo ou vinham trazer os filhos ao baptismo e, enchendo-se de furor, ameaçava-os, como se regesse o mundo inteiro, com pavorosa esterilidade nos campos e medonhos temporaes.

XXVI

Martyrio do veneravel P. Roque e seus companheiros

Ainda no dia 15 de novembro, em que havia de deixar este mundo, escreveu o P. Roque uma carta ao P. Romero que nos mostra quão pouco se arreceava do perigo. Dizia nella que tudo ia em bom andamento e que pouco faltava para se reduzirem quinhentas familias.

Ouçamos agora a relação dos tristes successos no Caaro. Celebrára o P. Roque o santo sacrificio, sem suspeitar que seria o seu viatico, e feita a acção de graças costumada, mandou vir um neophyto, para guindar um sino a uma arvore. Acudira muita gente á praça e em frente á igreja.

Caarupe, um dos conjurados, julgando a occasião opportuna para executar o plano sanguinario, mandou alguns indios acercar-se do padre, armados de instrumentos que pareciam convenientes ao trabalho que se fazia. Cercaram a victima, para evitar que lhes escapasse ou lhe viesse auxilio de fóra. Nisto curvou-se o padre sobre o sino para prender o badalo, e a um aceno de olhos de Caarupe,[24]) um golpe de

[24]) Em Astrain (Historia de la Compañía de Jesús en la Asistencia de España), tomo V, p. 514 erradamente apparece presente ao martyrio, e como occupando o logar de Caarupe, o morobixaba Nheçum (ou Necú).

macana vibrado por Marangoa prostrou por terra, exanime, o sacerdote, emquanto outro indio, amiudando furiosamente os golpes, partia-lhe o craneo.

Foi assim que aquella generosa alma, livre já das peias do corpo, voou para as regiões da paz e luz eterna.

O dia memoravel em que a terra riograndense bebeu o sangue do seu primeiro apostolo foi o dia 15 de novembro do anno de 1628.

O alarido que levantaram os algozes, ebrios de alegria, attrahiu o P. Affonso Rodríguez, que numa cabana estivera a recitar as horas canonicas. Mal appareceu, rodearam-n'o os malfeitores, trucidando-o com a mesma sorte de supplicio. Contava o joven missionario 33 annos de idade e, segundo o provincial P. João Ferrufino, levou ao tumulo a tunica da innocencia baptismal. Era devotissimo da paixão de Christo, em cuja meditação tão copiosas lagrimas derramava, que por pouco não o cegaram.

Se eram numerosos os indios que se alegravam com o assassinio, não faltou tambem quem tivesse compaixão dos missionarios indefesos, que ainda depois de mortos eram alvo duma crueldade ferina. Despiram e esquartejaram-n'os, arrancando-lhes os intestinos.

Em seguida profanaram os paramentos, quebraram os vasos sagrados, derribaram o altar, rasgaram o missal e tambem aquelle quadro da Virgem, chamado a „Conquistadora", companheiro inseparavel do P. Roque, quando sahia a novas conquistas apostolicas.

Emfim atearam fogo na capella, lançando nelle todos os crucifixos.

Mas não eram estas as unicas corôas que havia de distribuir aquella perseguição. O velho sogro do tuxava Guarobay, já catechumeno e um daquelles que admittiram os padres, chegou á praça, ignorando completamente a conjuração e o crime que acabava de se perpetrar.

Vendo o que succedera, exprobrou aos assassinos tão cobarde attentado contra sacerdotes inermes, a quem eram mais devedores do que aos proprios paes, porque a estes só deviam uma vida semelhante á das feras, emquanto aquelles lhes tinham ensinado a viver como convinha a filhos de Deus. Passou a extranhar a sevicia exercida contra os despojos mortaes de pessoas de quem já nada tinham que temer.

Martyrio dos padres Roque González e Affonso Rodríguez

„Que loucura, terminou, darem-se os parabens por tão horrendo crime, como se fosse façanha gloriosa!"

Não podendo os malfeitores soffrer tão justa reprehensão, atiraram-se sobre o velho e o fizeram em postas. Tambem um dos rapazes que trouxera o P. Roque, para servirem de acolytos, reprovava corajosamente a crueldade cobarde dos conjurados, emquanto o companheiro escondia os santos oleos, para os subtrahir á profanação.

Só o receio da vingança dos paes e parentes impediu aquelles desatinados de matar tambem a estes intrepidos meninos que serviram, ao depois, de testemunhas do glorioso martyrio e dos acontecimentos que o acompanharam.

Quando, pouco depois, recebeu Nheçum a noticia do que se dera no Caaro, não cabendo em si de contente, vestiu um manto feito de pennas, convocou a sua gente e foram em busca do P. Castillo. Achando-o em casa, fingiram que vinham receber os presentes costumados e tão appetecidos. Mas apenas o padre lhes trouxe grande quantidade de cunhas de ferro e de anzóes que tinham pedido, traiçoeiramente lhe amarraram os braços e as mãos.

Suppondo a victima que era a cobiça motivo da aggressão, offereceu-lhes quanto tinha em casa e mais a propria pessoa em escravo. Porém os verdugos lhe tornaram: „Matar-te-emos, como já foram mortos Roque e Affonso."

„Não me tirareis a vida, contestou o P. Castillo; tal morte é principio de vida melhor." Mal pronunciára estas palavras, ataram-lhe uma corda grossa e o arrastaram para fóra da aldeia por pedras e sarças, apupando a victima com gritos de escarneo. Feriam-lhe o rosto e o corpo com golpes de espada e atravessaram-lhe os olhos com settas. Finalmente o acabaram, esmigalhando-lhe a cabeça, já toda enlameada, com uma saraivada de pedras.

Deixando no bosque o corpo do martyr, como pasto aos tigres, entre exclamações de regosijo voltaram á aldeia.

A morte do P. Castillo se deu no dia 17 de novembro, dois dias depois do martyrio dos padres González e Rodríguez.

XXVII

Actividade ulterior de Nheçum

Nheçum poz immediatamente saque á capella e, reservando para si os paramentos ou por zombaria ou em signal de triumpho, apresentou-se ao povo revestido de casula. Mandou lhe fossem apresentados os meninos baptizados, para os desbaptizar, como elle dizia.

Inventando um rito para este effeito, lavou-lhes a cabeça com areia, rapou-lhes a lingua e peito com uma concha, como para dar a entender que lhes apagava na alma o effeito do sacramento. Emfim para ser a ceremonia bem differente da que usavam os padres, rebaptizou os meninos, deitando-lhes sobre os pés agua duma cabaça, que trazia escondida, inculcando ao nescio vulgo uma origem magica do liquido.

„Não vos parece, perguntou finalmente com estolida presumpção, que sou um deus a valer e sei baptizar bem?“ Terminou, exhortando a todos deixassem a doutrina prégada pelos padres e voltassem ao teor da vida antiga.

Para o dia seguinte estava marcado marchariam sobre o Piratiny para dar a morte aos missionarios lá residentes. O P. Affonso de Aragón, informado do que se tramava, já se ia preparando em fervorosa oração para o sacrificio da vida.

Em S. Nicoláo, primeira fundação do P. Roque em terras do Rio Grande, só se achavam alguns jovens, porque o mais da gente andava fóra, occupada nas lavouras; porém estes poucos, enchendo-se de coragem, dispuzeram tudo para uma resistencia valorosa. Os padres, não querendo desamparar os neophytos, postaram-se á porta da igreja, mas estes não lh'o consentiram, dizendo que deste modo todo o povo arriscava a perder os paes espirituaes.

Nisto apparecem os indios de Nheçum, pintados para a guerra á maneira pagã, e dando gritos selvagens, lançaram-se sobre a pouca gente que viam de fronte. Esta sustentou o combate desigual com galhardia, mas emfim venceu o numero e os aggressores, já senhores da aldeia, procuravam por toda a parte os padres Aragón e Clavijo, esquadrinhando o templo e casa de residencia. Não os achando, para obrigal-os a sahir do esconderijo, lançaram fogo sobre o colmo da igreja, arrancando e accendendo folhas dos livros do P. Affonso, os quaes traziam sobre a cabeça como adorno triumphal.

Morte do P. João del Castillo, martyrizado pelos guaranis a 17 de novembro de 1628

Corria o mez de novembro e os calores eram intensos. mas com pasmo geral não se ateava o incendio.
Neste entrementes, cobrando animo, voltaram os jovens á carga. Reaccende-se a peleja, são mortos uns 60 pagãos e muitos feridos, emquanto os christãos escapam com poucos e insignificantes ferimentos.
Os padres tinham-se retirado para Conceição, aonde o P. Alfaro, a cujo cargo estava aquella reducção, tinha chamado o chefe Nicoláo Nienguiri, que acudiu com varios tuxavas e muita gente.
Ao saber dos acontecimentos, declarou com seus companheiros que não havia outro meio de salvação senão a guerra aberta aos infieis e, sem perda de tempo, dirigiu-se, á testa de 200 homens escolhidos e bem armados, para o Piratiny, com o fito de tolher o passo ao invasor que de poucas forças dispunha.

XXVIII

Castigo de Nheçum e mais conjurados

Chegando a noticia da morte dos padres Roque e Rodríguez ás outras reducções, grande foi o temor dos missionarios, o qual ainda cresceu com os boatos adrede assoalhados pelos infieis, para exaggerarem a extensão do levante.
A inquietação, porém, tocou ao auge, quando soou pela terra ser morto o P. Castillo e ter Nheçum, conforme se dizia, assalariado as tribus costeiras do Atlantico para dar cabo das reducções.
Entretanto tinham-se juntado sobre as margens do Uruguay uns 800 guerreiros para fazer frente ao inimigo.
Dirigiram-se ao Ijuhy, onde só encontraram o irmão Antonio Bernal, que, não tendo onde encerrar os ossos do P. Castillo, os levava numa batina para Piratiny. No dia immediato chegaram á vista do inimigo e, mandando-lhe mensageiros, exigiram a extradição de Nheçum e dos demais assassinos, se quizessem voltar em paz.
Responderam os infieis com um chuveiro de settas. Avançaram pois os christãos com denodo e, desbaratando os

contrarios, juncaram o campo de cadaveres, emquanto o exercito vencedor não teve outras baixas senão tres mortos e trinta feridos.

Nheçum conseguiu evadir-se, pois antes de travar-se a lucta já passára o Uruguay numa balsinha feita de ramos. Por muito tempo não se soube ao certo do seu paradeiro: correu o boato que succumbira victima dum troço de indios errantes, noticia que emfim acalmou o sobresalto em que viviam os indios reduzidos de uma nova aggressão da parte de inimigo tão encarniçado. De facto só em 1644 foi preso pelos paulistas no salto grande de Uruguay.

Mas voltemos aos successos do Ijuhy. Toda a população se rendeu ao victorioso Nienguiri, que destruiu as casas de Nheçum, tão numerosas como as concubinas, e deu-se pressa em alcançar S. Nicoláo, onde encontrou um reforço valioso. Acabara de apparecer um esquadrão de cavallaria hespanhola que o cavalheiro portuguez Manoel Cabral, residente em S. João de Corrientes, armara á propria custa.

Tambem os padres franciscanos Gregorio Osuna e João Gomarra tinham mandado uma tropa auxiliar de 400 neophytos. Outra força trouxera Arepizandú e alguns tuxavas das reducções vizinhas.

A alma de toda aquella resistencia bem organisada fôra o reitor do collegio de Assumpção e vice-provincial, o P. Diogo de Boroa que, não tendo alcançado nada do governador, não poupara esforços para reunir as tropas mencionadas, e em pessoa as acompanhara até S. Nicoláo.

E viera a tempo. Pois já no dia seguinte investiram contra a aldeia 500 indios do Caaro, sem suspeitarem que se achava occupada por tanta gente de escol.

Tanto maior foi o assombro, ao verem cavallaria hespanhola, e cegos de terror se metteram pelos bosques, onde os esperava Nienguiri, dizimando-os sem piedade. Cabral, conseguindo fazer juncção com esta tropa, decidiu a victoria. Entre os 58 prisioneiros tambem se achavam os assassinos do P. Roque, cuja morte vingaram no dia immediato, quando se apossaram de Caaro.

Sob a presidencia de Cabral e Nienguiri, deliberaram os tuxavas sobre o castigo que convinha infligir aos rebeldes. Houve tres pareceres. Uns pediam a pena capital para todos, outros queriam restringil-a só aos autores do levante e emfim dese-

javam os padres se poupasse a vida a todos, porque não queria a Companhia vingar com sangue a morte de seus filhos.

Prevaleceu a sentença de Cabral, que condemnava á morte os cabecilhas da sedição e mais doze dos conjurados captivos.

Caabure e Caarupe morreram enforcados. Marangoa foi sentenciado no mesmo sitio onde tirara a vida ao P. Roque. Só Caabure terminou a vida blasphemando, os demais receberam o baptismo.

Potirava, tendo escapado da batalha, mas entregue por um dos companheiros, foi tambem executado.

Todos os prisioneiros declararam a uma que o movel da rebellião não fôra outro senão o odio á religião de Christo e o apego ás crenças antigas.

Marangoa declarou que ouvira o P. Roque falar depois de morto e referiu as palavras que sahiram do coração já arrancado do corpo. Passemos a relatar este facto. (V. Append. crit. B e N. X.).

XXIX

O coração do P. Roque

Os leitores estarão lembrados que os assassinos lançaram os despojos dos martyres no fogo que devorava a capella. Muitas testemunhas oculares depuseram no inquerito juridico que, ao voltarem os indios, acharam os corpos quasi illesos do fogo e para maior confusão dos criminosos ouviram uma voz que parecia sahir do coração do P. Roque, dizendo-lhes o que varias testemunhas substanciaram nestes termos:

„Ternamente vos amei e em paga de tanto affecto me déstes morte cruel, mas não tivestes poder senão no corpo, minha alma gosa da gloria do céo. Muitos serão os castigos que soffrereis pelo parricidio, pois filhos meus vingarão o desacato com que tratastes a imagem da Mãe de Deus.“

Alguns accrescentavam ainda ter-lhe ouvido que novamente lhes havia de acudir e trazer auxilio.

Palavras dignas de discipulo de Christo, — que ainda na cruz perdoou aos verdugos, — e sentimentos proprios de martyr, pois já o proto-martyr S. Estevão orara pelos perseguidores.

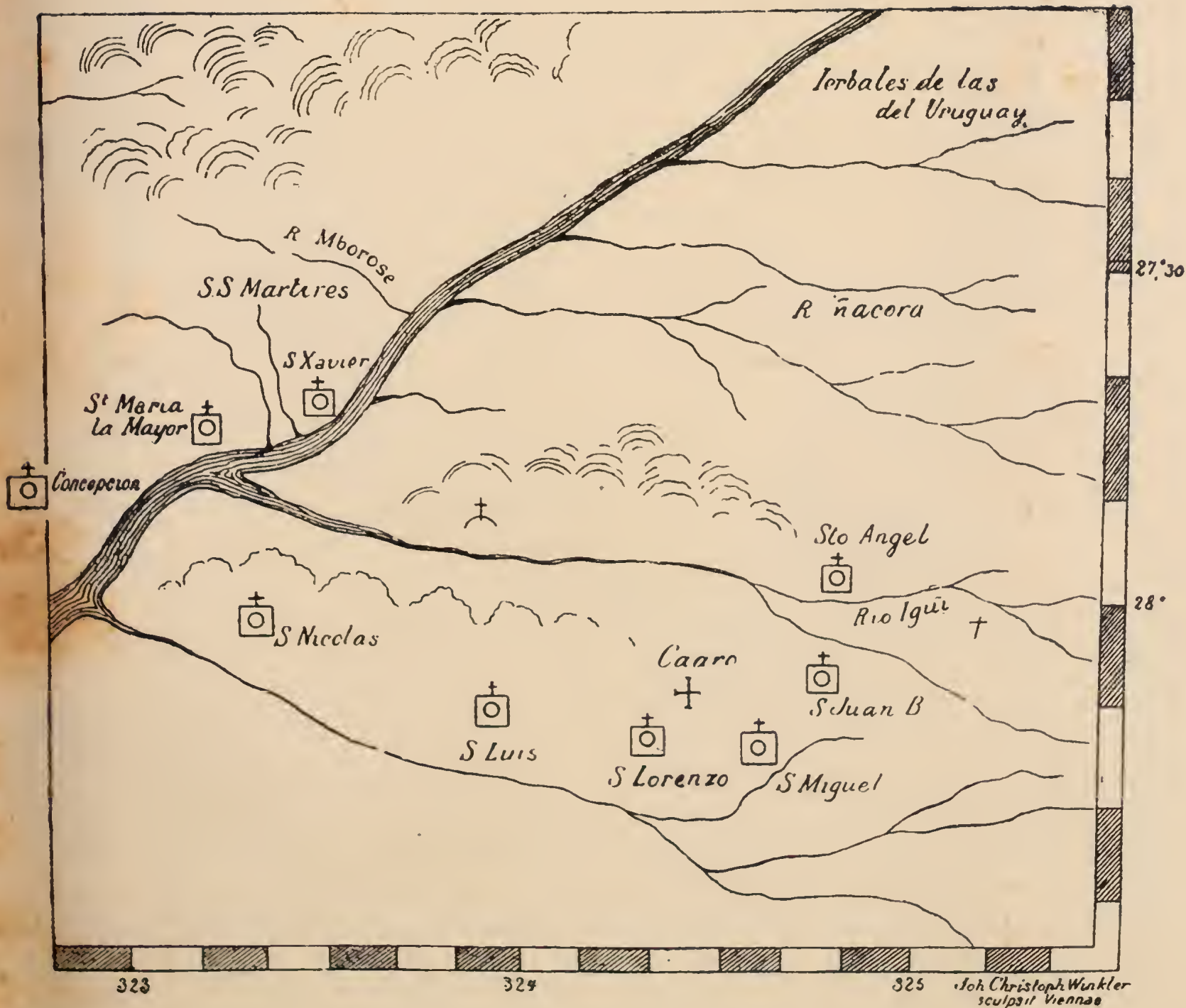
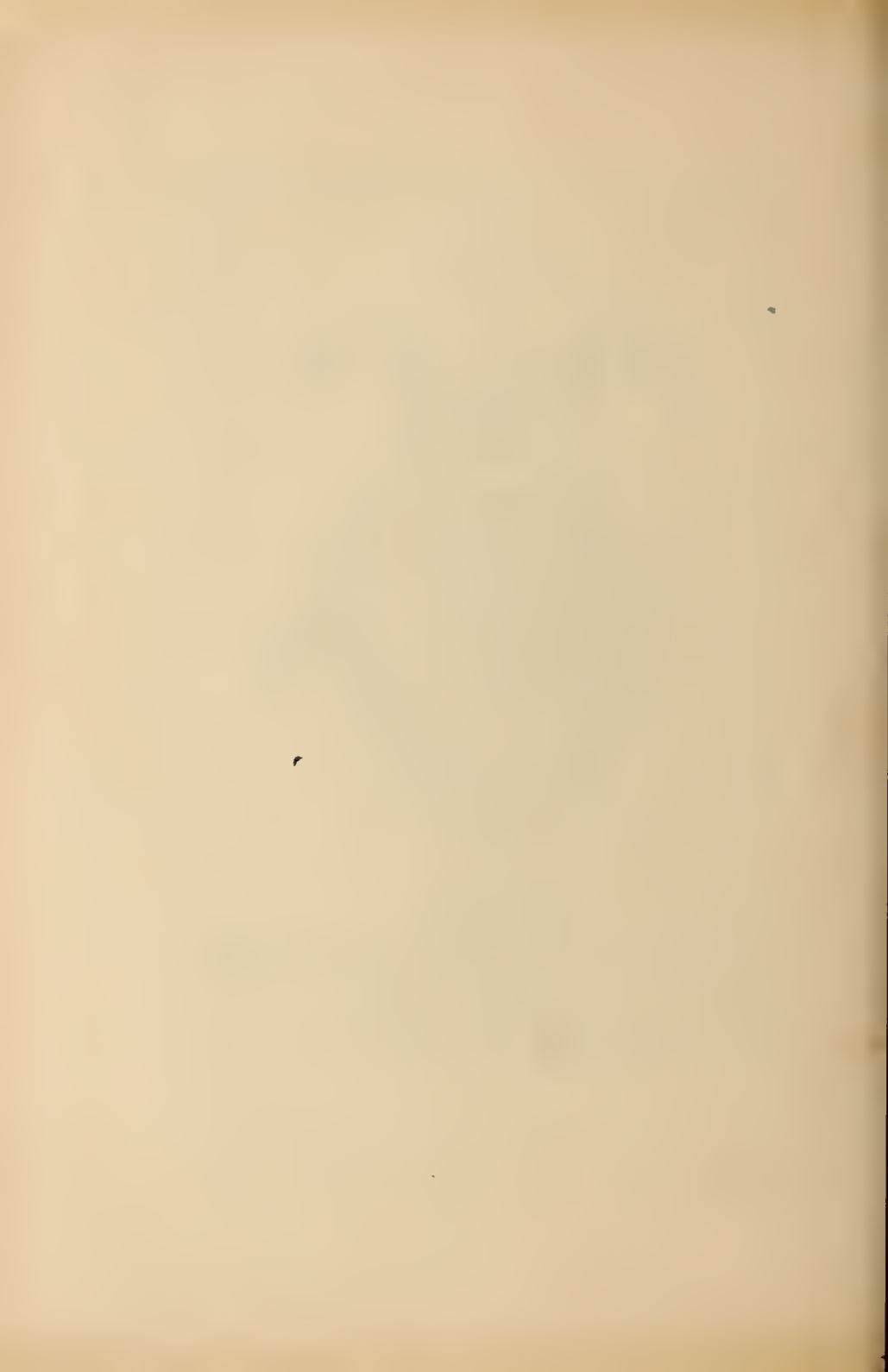
Mas os indios de Caaro bem longe estavam de tomar a peito doutrina tão commovente; enchendo-se de furor, investiram Caarupe e Marangoa contra aquelles despojos do martyr como quem queria suffocar a voz maravilhosa.

„E ainda fala o embusteiro!" exclamou um delles. Mas notando Caarupe que os labios já desfeitos pelos golpes reiterados não podiam articular palavra alguma, mandou ao algoz abrir o peito á victima. Mas nem assim calou a voz. Buscando donde partisse, emfim se convenceram que sahia do coração. Cheio de sanha cruel, atravessou-o então Caarupe com uma flecha que terminava em ponta de ferro. E, atiçando a fogueira meio apagada, tornaram a lançar nella os membros truncados, mas o fogo, que reduzira a cinzas a capella e casa de residencia, não os consumia.[25])

Além do que temos referido, asseveram as testemunhas que todos a quem tingiu o sangue do P. Roque as mãos, as tiveram depois cobertas de uma especie de pustulas, as quaes, em se abrindo exhalavam cheiro tão insupportavel aos proprios criminosos que não podiam deixar de reconhecer o castigo de Deus, (Southey cap. 23), que este era o mal que o coração do P. Roque tinha dito lhes havia de vir.

---

[25]) Agradeço aqui ao Ex.^{mo} Sr. General Bartholomeu Mitre (já fallecido) a gentileza com que durante alguns mezes me franqueou o accesso á rica bibliotheca americana que possuia. Foi lá que encontrei o texto latino de Techo, hoje tão raro que nem se acha nos maiores collegios da Companhia. O exemplar que consultei pertencera ao noviciado em Bordéos, pois acham-se no frontispicio os seguintes dizeres: „Domus Prob. Burdigal. Soc. Jesu Cat. inscript." A edição é de 1673. „Leodii ex-offic. typogr. Math. Hovii. Sub signo Paradisi Terrestris 1673." O trecho citado enche quasi o cap. 25 do livro VIII e reza assim: „Interim accidit res mira dictu: quippe Rochi Gonsalvi cor ex ipso cadavere gravi et articulata oratione in hunc modum carnifices perstrinxit": „Occidistis corpus meum et ossa mea confregistis, non spiritum, qui jam inter Beatos regnat. Ob id magis ac (maiores?) vos manent calamitates; nam filii mei (Neophytos intelligebat) injuriam Dei Matris imagini illatam ulturi convolabunt." Unanimes hoc asseruere auriti et oculati testes captivi, quorum aliqui addidere alias voces ex eodem corde fuisse auditas, quae dicerent, *se illis denuo adfuturum opemque laturum;* adeo nihil vindictae spirant Martyres in suos occisores, etiam post mortem benevoli. Prodigii raritas non mansuefecit, sed exasperavit obstinatos. Quare Caarupe Marangoa tortori rursum mandat ut Rocho pectus aperiat, scruteturque unde voces emittat. Is dissecto pectore cor cum eripuisset: Illo, illo, inquit, praestigiator loquitur continuatoque furore sagittam, ferro cuspidatam in illud collimat transadigitque. . ."

Iorbales de las
del Uruguay
R Mborose
S.S Martires
R ñacora
S Xavier
St Maria
la Mayor
Concepcion
Sto Angel
Rio Igui
S Nicolas
Caaro
S Juan B
S Luis
S Lorenzo
S Miguel
27°30
28°
323
324
325
Joh Christoph Winkler
sculpsit Viennae

O relicario que contém o coração do P. Roque, ainda bastante bem conservado, e que foi levado a Buenos Aires em setembro de 1928 pelo R. P. Thomaz Travi S. J., postulador da causa da beatificação do martyr, depois de ter estado em Roma 295 annos

Voltando ás reliquias dos martyres, temos que dar primeiro noticia sobre o coração do P. Roque. Foi trasladado para Roma e nesta occasião assevera o P. Nieremberg tel-o visto, bem como a ponta da flecha, que tambem se salvara do incendio. Ainda hoje após tres seculos, existe a reliquia preciosa, inclusa numa capsula de metal dourado que imita a forma de coração. Por duas vidraças de cristal apparece o coração do martyr, enchendo quasi todo o interior e mostrando de um lado a ferida feita pela flecha. Remata o relicario uma coroa encimada por uma cruz, a cujo pé se cruzam duas palmas.

A bem lavrada peanha traz a seguinte inscripção:

Cor prodigiosum
Ven. P. Rochi González
A Sta. Cruce. S. J. pro X^to necati
in Paraq.^a 15 Nov. 1628

Quer dizer: „O maravilhoso coração do veneravel P. Roque González de Santa Cruz, morto por Christo no Paraguay, em 15 de novembro de 1628."

Fiz a descripção supra segundo uma photographia que devo á gentileza do Rev. P. Carlos de Souza Gomes S. J., então residente em Roma.

A authentica que acompanha a reliquia é de 9 de outubro de 1696. Foi nesse dia que, na presença de notario e testemunhas se mudou da caixinha antiga para o actual relicario. Ella era de madeira, de forma oval e de um palmo de comprimento. Estava fechada e trazia cinta côr de rosa, duas vezes sellada com lacre em que ia expresso o nome de Jesus.

Assim fôra conduzida para Roma em 1633 pelo P. J. B. Ferrufino, procurador eleito e enviado da Provincia do Paraguay, o qual celebrou tambem o coração do martyr em sentenças novas e sublimes que começam pelas palavras: *„Cordi omnium cordatissimo"* e terminam pela phrase: *„Nemo invulneratus amat."*

Tendo verificado o notario que estavam intactos os sellos, quebrou-os, abriu a caixinha e achou o coração com duas legendas que diziam ser o do P. Roque González. Entregou-o ao P. Ant. Rego, então assistente da provincia de Portugal, que o encerrou em um crystal de rocha, o qual, a seu turno, foi incluido

na capsula de metal dourado acima descripta. Fechou-a em seguida e a ligou com uma fita cor de rosa. marcando-a com o sello do seu cargo. (Cf. Mss. ined. n. XI. do Appendice).

Essa preciosa reliquia foi levada a Buenos Aires em fins de setembro de 1928.

XXX

A „Conquistadora"

Reservamos para este logar alguns pormenores sobre o quadro da Virgem, chamado a Conquistadora. do qual já por vezes fizemos menção.

Refere Lozano que, antes de passar ás mãos de quem tanto o prezava, já alcançara este titulo. Trazido pelo provincial Diogo de Torres em 1610 para S. Ignacio-guaçú. fôra exposto á veneração dos fieis na igreja da aldeia.

Ora tinham chegado das margens do Paraná dois tuxavas pagãos, attrahidos pelo desejo de verem o provincial. Os padres, acolhendo-os o melhor que puderam, aconselharam-lhes a miude ficassem residindo em S. Ignacio, para que, apprendendo a lei de Deus, recebessem o baptismo. Mas os dois hospedes, negando-se a tudo, insistiam em voltar para a terra natal. dizendo que, acostumados ao peixe quotidiano, não poderiam passar sem elle em S. Ignacio. Os padres lançaram mão do ultimo recurso e rogavam aos jovens ao menos pedissem á Mãe de Deus, representada naquelle formoso quadro, as luzes precisas para reconhecerem o que lhes convinha. Annuiram os selvagens.

No dia immediato, sem entender-se um com o outro, vieram ambos ter com o provincial, para lhe declarar que a Virgem os tinha alumiado e já estavam resolvidos a acceitar a religião christã e juntamente pediam desculpa de sua tão aturada resistencia.

Por ter vencido a obstinação dos selvagens, chamavam os padres a Virgem do quadro „A Conquistadora". A devoção que lhe tinha o P. Roque era extraordinaria. Em todas as viagens apostolicas levava-o comsigo. Tinha o costume de recommendar-lhe as almas dos selvagens, em cujo territorio penetrava, e a ella attribuia todos os triumphos que obtinha.

Foi portanto Maria Santissima que, já nos inicios da historia do nosso Rio Grande, o abençoou e cumulou de graças. E como se quizessem mostrar-se reconhecidos os filhos desta terra por tão especial favor, deram a uma extensa região o nome de *Terra da Mãe de Deus,* que é o que quer dizer *Tupaceretan,*[26]) denominação geographica que não tornamos a encontrar em todo o Brasil.[27])

E' esta como que a unica lembrança que ainda nos resta daquelle quadro formoso, consumido pelas chammas do incendio, que reduziu a cinzas o templo de Caaro no dia do martyrio do P. Roque, o qual, como vimos, ainda depois de morto, prophetizou seria vingada a injuria irrogada á Mãe de Deus.[28])

XXXI

O cavallo do P. Roque

Outro incidente que acho nas fontes não o julgo dever calar, porque, apezar de causar estranheza a muitos, não deixará de despertar um que de sympathia no riograndense, filho da região dos campos.

Um dos tuxavas conjurados levara o cavallo do P. Roque, mas o animal de abatido não pastava. Por mofa disseram os indios que o vieram ver: „E' que chora a morte do amo Roque".

---

[26]) Theodoro Sampaio. „O Tupi na geographia nacional", esreve no Vocab. Geogr. Brasilico: „tupã-ci-retama, terra da Mãe de Deus, o paiz de Nossa Senhora; Rio Grande doSul."

[27]) Moreira Pinto, Diccionario geographico do Brasil. 3 tom., Rio de Janeiro, 1899.

[28]) Ignorando este facto, diversas pessoas, sobretudo os habitantes de Itaty, na Republica Argentina, affirmam que uma estatua que lá se acha era a que levava o P. Roque. De mais a mais, é demasiadamente pesada para ter sido transportada tão frequentemente a grandes distancias e atravez de mattas invias Cf. o artigo do P. Pablo Hernández S. J. no periodico ecclesiastico de Buenos Aires de 1904. — Num relatorio que passa por obra do P. Ferrufino, se diz claramente que era *pintura* (Pastells II. p. 514). — Frei Pedro J. de Parras, franciscano, que visitou Itaty em meados do sec. 18, escreve que „es una imagen de María Santísima aparecida en aquel sitio, muy milagrosa." (Diario, na Rev. de la Bibl. de Buenos Aires, t. 4, por Trelles, p. 283). Nada sabe do P. Roque nem da „conquistadora." — „... la „conquistadora". . . la *rasgaron* con sacrílega impiedad." (carta do P. Vásquez Trujillo ao P. Mucio Vitelleschi, Buenos Aires 22 dez. 1629).

Ouvindo este nome, começou o animal a relinchar tristemente e toda a vez que ouvia o nome do amo dava este e outros signaes de pesar. Debalde tentavam nelle cavalgar, cuspindo a todo cavalleiro, até que afinal um indio se lembrou de vestir a batina do martyr. Eis que o animal lhe obedece, mas só enquanto o selvagem trazia aquelle despojo; mal largava a batina, não achava meio de subjugal-o.

Convencendo-se assim todos de que de nada lhes serviria tal cavallo, o qual, ainda pelo pesar que mostrava, parecia exprobrar-lhes constantemente o crime, a frechadas o mataram.

O lucto deste irracional, diz Eusebio Nieremberg, não deixou de impressionar um ou outro dos assistentes e o tuxava que o tivera em seu poder chegou a converter-se, chamando-se Diogo de Tambabe. De perseguidor que antes fôra, veiu a ser defensor acerrimo dos christãos e propagador zeloso da fé.

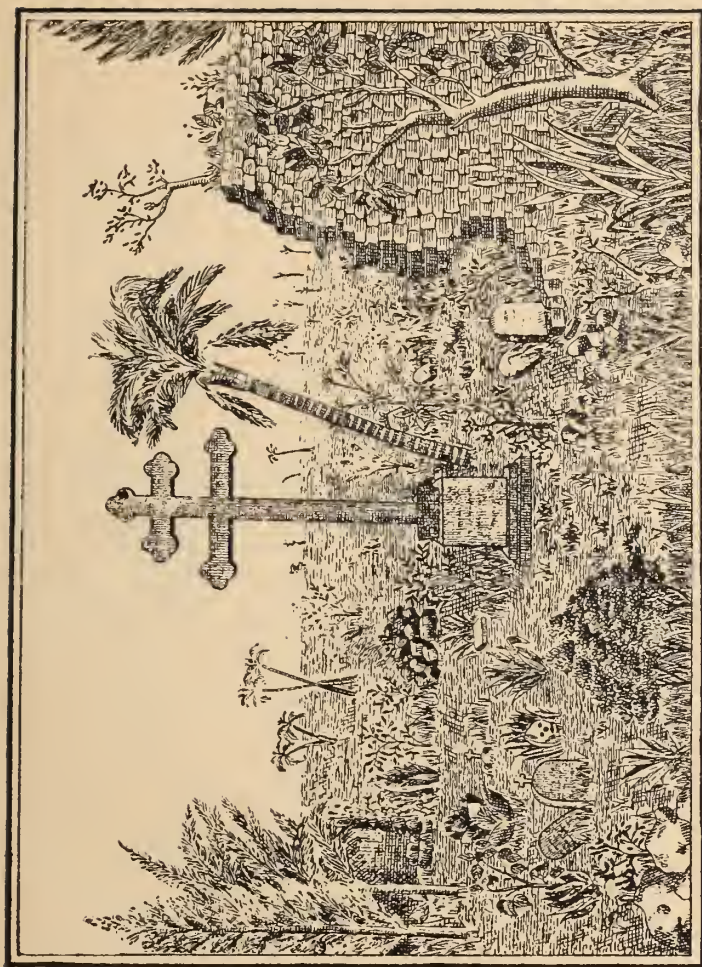
Quando um missionario se dispunha a entrar por terra de infieis, offerecia-se Diogo para o acompanhar e auxiliar.

Nessas excursões exhortava os fieis com viva e efficaz eloquencia. Succumbiu martyr de caridade, pois, servindo aos enfermos em tempo de peste, foi victima do contagio. Quando já se debatia nas vascas da morte, invocava ainda o nome do glorioso martyr, pedindo-lhe entre lagrimas perdão, dizendo que não soubera o que fazia, quando deu morte a quem lhe vinha trazer a vida. (V. B. n. II).

XXXII

Honras feitas ás reliquias

Desbaratada a conjuração, voltaram os vencedores ao povo de N. Sra. da Conceição em procissão que mais tinha de triumphal que de funeraria.

E' o protestante Southey que nol-a descreve: „Erigiram-se, diz o autor, pelo caminho arcos festivaes e accenderam-se fogos de alegria. Os ataudes em que iam os santos restos eram alternadamente levados por morobixabas e officiaes hespanhoes, marchando de um e outro lado jesuitas, que de toda a parte affluiam a assistir á solennidade. Seguia-se o exercito em ordem de batalha e no meio os prisioneiros; após vinham as crianças da reducção, depois as mulheres, logo atraz os homens e por fim os tuxavas."

Cruzeiro sepulcral monólitho, nos arredores de S. Lourenço, muda testemunha das florescentes Missões dos „Sete Povos“ do Rio Grande do Sul.

Outro amostra architectonica da igreja de S. Miguel, antes de começadas as obras de conservação.

Inhumaram-se os despojos mortaes em Conceição, menos o coração do P. Roque que, com a frecha do supplicio, foi mandado para Roma, como acima referimos.

Quando chegou a Assumpção, não foi facil salval-o da devoção importuna dos seus patricios, que todos a uma pediam uma particula da reliquia que tanto prezavam.

No officio solenne que se celebrou em acção de graças pela corôa do martyrio, foi cantado o *Te-Deum* por um irmão do martyr que era conego da cathedral. „Outro tanto, diz o P. Techo, fizeram os noviços da Companhia e de S. Francisco e solicitaram alguma reliquia dos martyres. O bispo do Paraguay poz-se de joelhos ante os seus despojos e disse que si carecia de autoridade para conceder-lhes culto publico, sempre os veneraria privadamente. Mucio Vitelleschi, geral da Companhia de Jesus, ficou com o coração do Padre González, atravessado por uma setta. Celebraram a memoria dos victimados religiosos a Academia de Córdoba em um certame ou concurso literario, Nieremberg com um panegyrico, o P. Ferrufino em uma *synopsis* dedicada ao rei catholico e Alegambe com eloquente elogio."

Diz o citado historiador Southey que o regosijo publico pela sorte dos que tinham sido exaltados ás honras do martyrio (regosijo em que todas as classes tomaram parte), bem como a confiança com que não só os jesuitas e os conversos, mas todos os hespanhoes descançaram no patronato e intercessão destes novos santos, tudo isto os impressionou tanto pela sua estranheza como pela sua sinceridade.

Nem elles podiam contemplar, sem admiral-o, o procedimento dos jesuitas, seu desinteressado enthusiasmo, infatigavel perseverança e as privações e perigos a que se sujeitavam sem nenhum respeito mundano. Aos que só tinham ouvido falar destes homens portentosos, ganhava a curiosidade de vel-os e os que uma vez cahiam sob a influencia destes espiritos superiores. . ." (Southey, Hist. do Brasil, cap. 23) sujeitavam-se ao suave jugo de Christo.

Existem ainda os restos mortaes do P. Roque e dos seus companheiros e qual será o seu paradeiro?

Perguntas são estas que de sobra se justificam com a destruição vandalica das reducções. Escapariam as reliquias na destruição dos templos e edificios, ou acaso se lhes perdeu tão sómente no olvido dos posteros a memoria do jazigo?

E' o que não sabemos, mas segundo parece, ainda não

temos que renunciar a toda a esperança de podermos um dia responder a estes quesitos.

Trata destas reliquias, como existentes na sacristia da igreja de N. Sra. da Conceição, em 1754, o P. João Escandón, affirmando que vinham os indios veneral-as.

Quasi ao mesmo tempo escreveu o P. Bernardo Nusdorffer a sua extensa relação inedita sobre a transmigração dos Sete Povos Orientaes. Nella se refere que os outros da Banda Oriental fizeram uma romaria á Conceição, para honrarem as reliquias do veneravel martyr Roque González, tendo-se retirado nesta occasião a caixa que as continha da sacristia, para as poderem venerar os indios.

Na bibliotheca nacional de Buenos Aires acha-se um manuscripto de Azara, do anno de 1784, no qual menciona encontrarem-se na dita sacristia os ossos do P. González e de seus companheiros.

Vemos, portanto, que a memoria do veneravel P. Roque ficou viva entre os indios e se lhe veneravam as reliquias até o ultimo quartel do seculo 18.º

Sobreveiu o barbaro assolamento das reducções, monumentos da acção civilizadora da Europa, e hoje mal se conhece o local occupado outrora pela igreja do povo da Conceição, pois os alicerces se escondem sob grossa camada de escombros.[29])

XXXIII

Restauração

Nienguiri e Cabral, conforme tinham assentado em conselho, deram liberdade aos prisioneiros não envolvidos na conjuração, e aos demais culpados concederam amnistia geral, para

---

[29]) O P. Hernández, residente em Buenos Aires, devidamente autorizado pelo internuncio e o bispo do Paraná, D. Rezende de Lastro y Gordillo, formou, em 1904, uma commissão para indagar do paradeiro das reliquias nas ruinas da antiga igreja da Conceição, servindo de notario apostolico o P. Frederico Vogt S. V. D. Mas como ficassem sem resultado todas as pesquizas, foram suspensas as formalidades canonicas até constar o logar que occupára a antiga sacristia. O mencionado P. Vogt, vigario em Posadas, pretende levantar sobre as ruinas da antiga igreja outra nova; pouco a pouco ha de remover-se, portanto, o entulho que esconde os alicerces tanto do templo como da sacristia.

que os indios dispersos voltassem tranquillos a seus pagos [30]) ou se juntassem ás reducções.

A fé nos feiticeiros soffreu abalo geral, pois tudo succedeu ao envez do que tinham annunciado estes embusteiros e, vendo os indios que, além de enganados, tiveram que passar por serios perigos, converteu-se-lhes o antigo respeito em aversão e rancor. Tal disposição, de per si já favoravel á prégação do evangelho, aproveitaram-na os missionarios com todo o desvelo, esmerando-se em reparar os prejuizos causados pelo levante de Nheçum.

Tambem os habitantes do Caaro, desejosos de verem restabelecida a missão, significaram a um amnistiado de nome Tabaty que a elles fôra enviado, o arrependimento sincero de que se achavam possuidos; e em prova de sinceridade devolveram um fragmento do calix de que se servira o P. Roque na ultima missa. O P. Romero, successor do martyr no cargo de superior da missão e que o havia de ser tambem um dia no martyrio, logo se aprestou para corresponder aos desejos dos caaroanos, levando por socio ao P. Alfaro.

Oppuseram-se, porém, os neophytos. Acaso não bastavam victimas, diziam pesarosos; a colera dos malvados ainda não estava extincta, ainda fumegavam as macanas tintas de sangue: malbaratassem embora a vida, mas tivessem piedade das almas que, em lhes fallando os pastores, não tinham quem lhes valesse.

Os missionarios, porém, seguiram avante e bem depressa se convenceram que não os enganava a gente de Caaro. Daquelle madeiro do qual o P. Roque quizera suspender o sino, fizeram uma grande cruz que expuseram á veneração dos fieis.

Quando chegou de Tucumán o provincial, P. Vásquez, para visitar os jesuitas do Uruguay, julgou conveniente entrar no Caaro com alguma solennidade.

Sahiram-lhe ao encontro os homens mais grados da aldeia e Guarobay dirigiu-lhe a palavra nestes termos:

„Oh! padre, a vossos pés depomos as armas; castigae o delicto que commettemos, comtanto que não seja a pena de vermo-nos privados dos missionarios e da doutrina."

Terminou pedindo perdão, que tambem imploraram com lagrimas as mulheres para os maridos e as crianças para seus paes.

---

[30]) No Rio Grande, o mesmo que lares ou habitações.

Commovido respondeu o provincial: „Bem o sabia, havia de interceder por vós no céo o P. Roque, que tanto soffreu na terra para vos fazer bem.“ Passou em seguida a exprimir-lhes a consolação que sentia em ver nelles arrependimento tão sincero, effeito da graça divina, que os illuminava, desenganando-os da falsidade e malicia das suggestões dos feiticeiros, que os tinham arrastado a tamanho crime. A fuga de Nheçum bastara para que voltassem a melhores sentimentos, signal evidente de que não peccaram por malicia, mas por fraqueza como victimas de seducção.

„Perseverai, disse por fim, inabalaveis; eu vos restituo as armas e convencei-vos que vos amo de todo o coração.“ Quando lhes foi traduzido este discurso, romperam todos em pranto tão desfeito, que mal se podia fazer ouvir o interprete.

No dia immediato celebrou o padre provincial uma missa de desaggravo no sitio onde padecera martyrio o P. Roque. Restituiu tambem os captivos que trouxera comsigo, e presenteou os morobixabas com peças de fato bordadas e outros mimos. Retirando-se para a margem do Uruguay, designou como chefe da aldeia a Guarobay e prometteu-lhes um missionario.

De facto não tardou em chegar o P. Oreghi, o qual acceitou esta penosa missão com maior alegria do que seu irmão, que era cardeal, recebera o barrete vermelho das mãos de Urbano VIII, grande fautor da familia Oreghi.

O novo cura era homem de acrisolada virtude. No mesmo anno em que chegou, reduziu seiscentas familias e baptizou setenta e nove crianças. Como consta dos livros authenticos da Companhia, diz Techo, foram baptizados no Caaro mais de nove mil pessoas.“

Quem não reconhece em colheita tão inesperadamente copiosa a intercessão do martyr?

Sim, não podemos duvidar, nunca ha de esquecer esta terra do Rio Grande, regada, nos annos da juventude e virilidade, com o suor dos trabalhos e peregrinações apostolicas e emfim fecundada com o sangue do martyrio, quando elle contava 60 annos de idade.[31])

[31]) Techo, Hist. Parag. Liv. VIII, cap. 34.

XXXIV

O local do martyrio

Hoje em dia levantam estatuas e monumentos, não só a benemeritos da patria e da humanidade, mas tambem a homens de merecimentos duvidosos. Nos tempos antigos tratavam mais de executar obras louvaveis do que celebral-as. Quantos benemeritos e abnegados servidores da patria não ha, cujo nome é olvidado e cujo tumulo nenhuma lapide commemora! Quem sabe hoje o paradeiro dos ossos do apostolo do Brasil, o ven. P. José de Anchieta? Quem conhece os sitios, onde derramaram o sangue aquelles heroes que penetraram as florestas dos selvagens para levar-lhes as luzes do evangelho e da civilização?

Só no Rio Grande do Sul, não ha menos de cinco desses homens heroicos que ensoparam esse torrão com o seu sangue para bem dos seus primitivos habitantes. Não venho perguntar, onde se encontram suas estatuas ou os monumentos que a gratidão levantasse a esses sapadores da civilização e iniciadores do christianismo nessa terra; só pergunto: Quem sabe onde se acham os seus tumulos? Ninguem os conhece.

Só depois de muitas e penosas pesquizas me foi dado verificar um vestigio do local do glorioso martyrio do primeiro apostolo do Rio Grande do Sul. Procurei nas fontes, em documentos ineditos e nos historiadores; uns calavam-se, outros falavam em Caaro, mas sem accrescentar a latitude ou o territorio, se era em terras do Brasil ou do Paraguay. Augmentavam até a difficuldade, dando a denominação de Caaro ora a um povo ora a uma localidade. Consultei os mais antigos mappas da America do Sul; nem estes forneciam informação satisfactoria. Depois de mezes de improbas investigações já quiz dar por desesperado o caso, quando na ultima hora, antes de deixar a cidade de Buenos Aires, onde tambem fizera diversas indagações, achei os mappas que vêm copiados neste livro. Em ambos acha-se bem marcado o logar do martyrio, entre os actuaes povos missioneiros de S. Lourenço e S. Miguel, que ficam entre os rios Piratini ao sul e o Ijuhy ao norte, ambos tributarios da margem esquerda ou oriental do Uruguay, no Estado do Rio Grande do Sul.

Para determinar o local de Caaro ou do martyrio, vê-se no mappa de 1744, que uma cruz, encimada da palavra *Caaro*, está um pouco ao norte de S. Miguel e S. Lourenço, mais perto deste povo, approximadamente a 28° 10′ de latitude sul e 54° 42′

de longitude occid. de Greenw. Uma nota na margem inferior, a qual não vem aqui, diz que este signal, a cruz, indica o local onde os padres Roque Gonzáiez e Affonso Rodríguez foram martyrizados pelos indios guaranis, na occasião da sua primeira conversão.

Ainda em 1789 existiam lá duas capellas, uma de S. José e a outra dedicada a S. Carlos, na margem do arroio Carogué. Na capella de S. Carlos venerava-se um quadro que representava o martyrio do P. Roque e seus companheiros.[32] O nome do arroio Carogué dá testemunho da antiga reducção Caaro; pois o nome Carogué, traduzido da lingua guarani significa: Aqui foi Caaro.

Hoje nem nos mappas nem na região se acha vestigio desta denominação do arroio ou da capella.

O dito arroio passava por entre os povos de S. Lourenço e S. Miguel rumo norte, desemboccando no rio Ijuhy pela margem esquerda.

Esta mesma direcção toma hoje um arroio de nome Urupuá que tambem desagua no Ijuhy e parece identico com o antigo Carogué.[33]

Outros conheciam-lhe outro nome, o de Iribú-carú e conforme sua interpretação indica que corvos comeram lá um missionario que foi morto pelos indios guaranis. Bartholomeu Mitre diz a este respeito: „Porém eu creio que o dito nome vem do facto que o P. Roque González, jesuita, e o seu companheiro Aff. Rodríguez foram comidos pelos passaros ou tribus depois que os mataram os indios do povo que elles fundaram com o nome de todos os Santos entre S. Miguel e S. Lourenço: depois de perdoado o crime commettido, fugiu aquelle povo para o Paraná por terem sido atacados pelos mamelucos que captivaram parte delles e o resto incorporou-se a outro povo.“[34]

Quanto aos corpos do P. Roque e dos seus companheiros, não é verdade que os comeram os corvos, como já dissemos;

---

32) Diario do commissario de limites, chefe da 2. partida de demarcação em 1788, D. Diego Alvear, dia 13 de abril de 1789.

33) Vide o mappa do Rio Grande do Sul, organizado pelo major de artilharia Maria José C. Jaques de 1891 e outro editado por C. Echenique, Porto Alegre 1902. Diz, porém, o dr. Hemeterio J. Velloso da Silveira, conhecedor como poucos da região missioneira, ser outro *Uruguá* o hodierno nome do antigo arroio Carogué. (*Missões Orient.* Porto Alegre 1909, pag. 265).

34) Revista del Rio de la Plata, 1873, n. 188.

mas dahi vemos como o nome daquelle arroio ficou ligado á memoria do seu martyrio.

Assim como não sabemos ao certo onde param os ossos do primeiro apostolo do Rio Grande do Sul e protomartyr da antiga provincia do Paraguay; nem siquer ha uma lapide ou uma simples pedra que nos lembre o lugar santo, onde sellou com o sangue a fé de nossos avoengos. Passei pelo sitio, em principio de 1892, sem suspeitar que era tão memoravel e tão digno de ser visitado e assignalado ao menos por um cruzeiro ou uma simples lage que informasse o viandante sobre o importante facto.

XXXV

Successos de Caaro

O provincial Diogo Boroa escreveu, em 1637, umas *Noticias* sobre as reducções do Paraná e Uruguay. Num fragmento que dellas nos resta lê-se o seguinte sobre Caaro: „Só desta reducção poderia tecer-se longa narração que muito interesse despertaria."

De quanto nos relatam Boroa e Montoya na sua *Conquista Espiritual*, se collige que o P. Roque cumpriu a promessa dada depois da morte, mas que primeiro fez passar seus protegidos pelo cadinho das provações e, segundo parece, tinha pressa em ver grande numero delles reunidos comsigo na gloria eterna. Pois declarou-se entre os caaroanos uma doença terrivel, que o P. Jeronymo Porcel descreveu, em carta dirigida ao provincial, da qual extrahiu o P. Boroa o que segue:

„Acommettia os doentes dor de cabeça tão violenta que os olhos se lhes injectavam de sangue e se lhes tolhia o uso da razão.

Os proprios indios diziam que eram como peixes em agua á qual se lançára herva *tingui*.[35]) Tumores na garganta impediam qualquer alimentação e, em se abrindo, exhalavam

[35]) *Tingui* — nome generico de diversas especies de vegetaes pertencentes ao genero *Phaecarpus Magonia* que, lançados ao rio, entorpecem ou matam o peixe, de sorte que vem á tona d'agua.

cheiro insupportavel. Todo o corpo se cobria duma como lepra, cousa nunca vista naquellas terras. Padeciam dores como de colicas cruciantes e criavam-se nos intestinos, com espanto geral, gusanos cheios de pelles. As inchações e tumores no rosto, além de medonhos para a vista, torturavam os pacientes a fazer dó.

O contagio foi tão activo que, ao cabo de oito dias, já não havia entre adultos e crianças quem gozasse saude, de maneira que ao missionario nem ficou moço que lhe alliviasse os trabalhos de enfermeiro duma aldeia inteira. As casas estavam repletas de doentes e não havia quem buscasse agua e lenha ou preparasse comida além do infatigavel sacerdote. Elle mesmo se espantava de ver como podia com peso tão descommunal de fadiga, o que attribuia a um auxilio especial de Deus.

Apesar de morrerem diariamente 6 a 10 pessoas cujo enterro ficava a cargo do padre, não se ouviam na aldeia os lamentos funebres outrora tão ruidosos, tanto lhes calára n'alma a doutrina de que taes demonstrações de pesar de nada valiam aos finados.

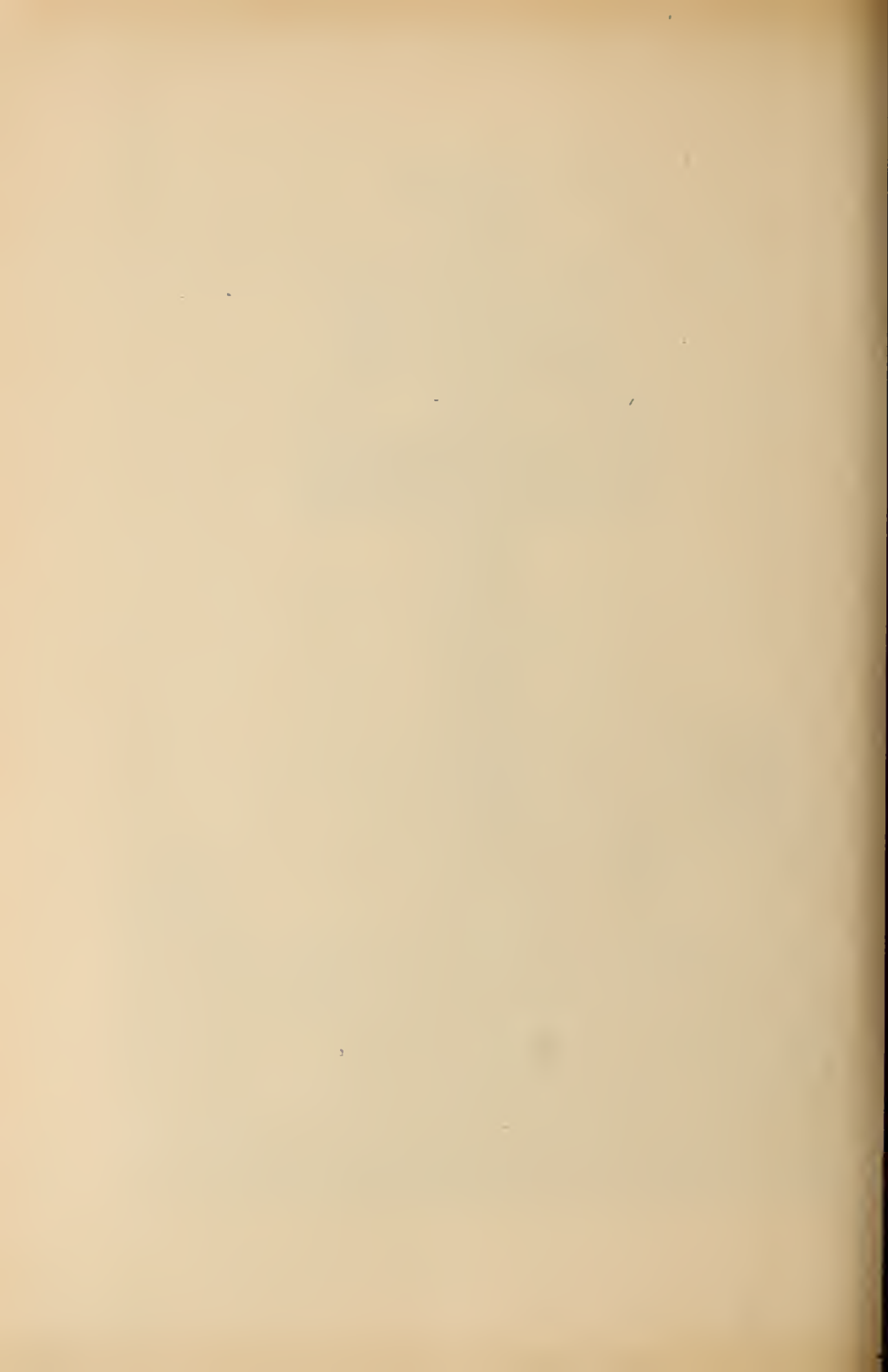
Morreram ao todo 852 pessoas, entre as quaes 352 crianças.

Os doentes preparavam-se com muito fervor para a morte e alguns sararam, logo depois de sacramentados ou ungidos.

Quebrado, emfim, o primeiro impeto da peste, restavam ainda muitos enfermos que soffriam de desarranjo dos intestinos; accommodou-os o padre num' hospital que mandára levantar.

Offereceram-se para enfermeiros alguns membros da congregação mariana que, com admiração e contentamento geral, se sujeitaram a serviço tão humilde e penoso. E accrescentam aqui o dito autor e Montoya, no livro citado, que a devoção a Maria Santissima se desenvolveu cada vez mais naquella reducção, parecendo que a Mãe de Deus pagava em bençãos as injurias que recebera.

Celebravam-se as festas da Virgem com especial fervor e em sua honra havia cada sabbado missa cantada, e não passava dia em que os indios não recitassem o rosario, por mais cansados que estivessem.

Outra Cruz monólitha, reliquia das Missões guaraniticas, actualmente no cemiterio da villa de S. Angelo, Rio Grande do Sul.

Passemos a narrar alguns casos edificantes que se deram em Caaro:

Um grande devoto da Virgem tinha duas filhas, uma de cinco e outra de tres annos, ás quaes ensinára a rezar o terço e a visitar uma devota imagem na igreja. A maiorzinha dava mostras duma piedade tão encantadora que a todos causava admiração. Sózinha em casa ia ajoelhar-se a miude, não largando esta pratica, por mais que lh'a censurassem.

Ora, estando um dia a porta da rua as duas irmãs, entretidas a rezar, appareceu uma mulher que, trazendo ao collo um menino, disse á menorzinha não receasse, porque logo lhe havia de restituir a irmã. Palavras não eram ditas, já levava nos braços a menina de cinco annos. Correu logo a que ficara, para dentro de casa a avisar a mãe, que sobresaltada acudiu, porém já não se via a senhora, nem a filha respondia aos brados afflictivos.

Nisto voltou o pae e ambos apressaram-se a dar busca ás casas proximas e por toda a vizinhança. Mas debalde; com noite cerrada voltaram tristes e chorosos, sem ter achado vestigio de quem com tanta ancia tinham procurado. Eis quando menos o esperavam, entra-lhes a filha, toda radiante de prazer, dizendo que uma senhora mui formosa a levara, em companhia do filho, que era um lindissimo menino. Foram ter a um jardim ameno, onde se regalaram com manjares deliciosos. Dissera-lhe a senhora que, em logar de contas ou outros adornos do collo, usasse o rosario, e lhe ensinara um canto em honra della (e dizendo isso, o cantou com graça encantadora).

Aquella senhora não era como as demais, resplandecia-lhe a roupa que nem o sol e a fala era sobremodo doce e terna. „Não sei, assim rematou a narração, porque me tornou a trazer cá, sinto-me tão só, longe della e de seu filho: depois de os ter visto, já nada me deleita.“

Pasmaram os paes entre attonitos e satisfeitos. Deram de comer á filha, mas depois do manjar que provara nem podia tocar no alimento que lhe offereciam. Quando no dia seguinte foi levada pelos paes á igreja, em vendo a imagem de Maria Santissima, exclamou: „E' aquella a senhora que me tratou com tanto mimo.“ O povo, sabendo do caso, muito se edificou e a menina levou sempre vida exemplar.

Clandestinamente vivia em peccado uma viuva, não tendo, além do cumplice, outra testemunha a não ser uma filha de dois annos. Porém a criança, apesar de tão tenra idade, re-

prehendia respeitosamente os desvarios da mãe. E como nada conseguisse, emfim lhe declarou: „Desejo morrer, para não continuar a presenciar os teus peccados; emenda-te, senão vou ter com Deus para lhe pedir perdão por ti."

Effectivamente adoeceu a menina e chegou a fallecer. Convenceu-se então a mãe de que foram ditas muito a serio aquellas palavras, que tivera em conta de palração infantil. Foi quanto bastou para a peccadora purificar a alma com os santos sacramentos e levar adeante vida irreprehensivel, esperando que a filhinha tambem cumprisse a outra promessa que fizera de lhe alcançar o perdão divino.

Os caaroanos tambem eram grandes devotos das almas, valendo-lhes com toda a sorte de suffragios e não menos com penitencias, mórmente nas sextas-feiras.

Ora um dia se ateara violento incendio e um vento forte lançava as chammas sobre o colmo das casas, que todas a uma começaram a arder. Soccorro humano já não o havia. Lembrando-se, então, das almas, lhes prometteram uma novena e no mesmo instante mudou o vento de rumo e se extinguiu o fogo.

XXXVI

Nienguiri

Ainda nos resta dar alguma breve noticia sobre o chefe indio que venceu o levante dos pagãos. Não obstante passar Nienguiri algum tanto o nivel intellectual dos seus conterraneos, comtudo bem nos póde mostrar de quanto seria capaz a raça indiana, se os inimigos concedessem aos missionarios os seculos precisos para lhes fazer entrar a civilização européa em succo e sangue, como diz o rifão.

Não só sobre as margens do Uruguay, mas tambem na região do Tape, gosava Nienguiri fama de fervoroso christão, valente guerreiro e chefe sabio e experimentado.

Longe de se guiar pela apparencia das cousas, seguia as luzes que lhe dava uma aprofundada meditação dos factos passados, indagando-lhes os porques do exito favoravel ou desfavoravel.

Sua piedade e zelo de propagar a fé valeram-lhe, da parte dos christãos de Piratiny, Caarupe e Caaro, o titulo honroso de Propagador do Christianismo, nome honorifico que os missionarios gostosamente ratificaram. Até Guaimica, talvez o mais influente dos morobixabas da Serra do Mar, costumava dizer que tambem os indios do Taquary e Jacuhy e terras contiguas deviam a Nienguiri o beneficio de ter a Companhia de Jesus iniciado a civilização daquella região.

Como os grandes heróes que na Europa fundaram os reinos christãos, tambem elle sabia empunhar a espada contra os inimigos da fé, que o temiam e admiravam.

Quando os chefes contrarios já não viam meio de impedir a debandada, propagavam ter sido morto o temido general. Por mais de uma vez os proprios neophytos, ao ouvirem tão fatal noticia, recuaram até que tornasse a apparecer o chefe venerado, em cujos scintillantes olhos se lhes reaccendia a apagada coragem.

A's qualidades de guerreiro alliava grande affabilidade de trato e distincção de maneiras. Tinha tal perspicacia em conhecer as differentes indoles e genios e juntamente eloquencia tão persuasiva que, quer em palestra, quer em conselho, levava a todos aonde queria, até quando se tratava de sacrificios extraordinarios, como se viu na transmigração para a banda occidental do Uruguay, no intuito de escapar aos mamelucos de S. Paulo. Antes queriam os indios afastar-se dos pagos e terras do que da vontade do chefe, o qual, vendo-os resolvidos a dar um passo que naturalmente tanto lhes custava, procurou alliviar-lhes o quanto poude as fadigas da longa e penosa marcha, fortalecendo-os com louvores e donativos. Deste modo conseguira reter a muitos do louco intento de voltarem á patria que os enchia de saudade, mas onde os esperava a morte ou escravidão.

Occupando posição tão elevada e influente, houve-se de modo, tanto em solteiro como no matrimonio, que sempre deu a todos o exemplo de pureza christã. E para fugir ao ocio, que bem sabia ser almofada da luxuria, lavrava o campo ou exercia o officio de carpinteiro.

Comquanto fosse chistoso e muito amigo de graças e dictos agudos, nem elle proferia nem consentia qualquer termo mais livre e duvidoso. Tambem como chefe do povo era zelador da moralidade, não conhecendo temor algum ou con-

descendencia. Marchava contra os paulistas, quando soube que um sub-chefe levava tres concubinas. Exigiu que as despedisse, dizendo que os christãos deviam vencer o inimigo mais pela virtude que pelas armas.

O intimado tinha que commandar a ala direita na batalha que se ia travar, mas despeitado deixou-se ficar inactivo, dizendo: „Vamos ver se o general não só sabe desacoroçoar mulheres, mas tambem paulistas."

Nienguiri em vista disso teve que retirar-se, o que fez com tanta pericia que salvou toda a sua gente.

Sabendo todos quanto era irreprehensivel a vida do chefe, muito podiam as suas reprehensões em subditos que se entregavam a costumes desregrados: mas, se depois não se corrigiam, punia-os com toda a severidade.

Sempre foi sobremaneira affeiçoado á Companhia, cuja fama, mórmente quando atacada por calumnias ou aleives, defendia corajosamente, provando com factos em contrario a falsidade das accusações. Nada prezava tanto como a fé e a graça de Deus que a ella o chamara.

Quando se extinguiu este luzeiro da nascente civilização, grande foi o lucto em todo o Rio Grande. Juntaram-se os missionarios, tanto os da vizinhança como os que residiam a grande distancia: até da fronteira affluiram morobixabas, guiando grupos de subditos — trouxera-os a todos o desejo de honrarem, ainda depois de fallecido, quem em vida por tantos titulos o merecera. Disputavam-se os chefes a honra de levar o esquife e o orador sacro exaltou os merecimentos do finado pela propagação da fé e civilização christã.

Sem duvida não é só ao antigo continente que o americano ha de ir procurar os exemplos de civismo e virtude: vultos como o de Nienguiri o provam.

XXXVII

Epilogo

Depois de falarmos da ultima fundação do P. Roque, lancemos um rapido olhar retrospectivo sobre a sua vida e obras.

Os vinte annos do seu lidar apostolico apresentam uma serie ininterrupta de fadigas e soffrimentos e um exercicio continuo das mais abnegadas virtudes. Converteu milhares de almas no Paraguay e Rio Grande, fundou nada menos de dez reducções,[36]) dando a estas e nellas ás futuras, organização adaptada ao caracter e indole dos selvagens, no que foi imitado pelos seus successores. Deixou a seus confrades um methodo excellente de tratar proficientemente com os indios, em cujo idioma, nada facil, compoz a primeira doutrina completa.

Sendo elle o primeiro que nas mattas do Rio Grande do Sul abriu brecha á cultura christã, merece com razão o titulo de primeiro civilizador e apostolo desta parte da União Brasileira.

De indole ao mesmo tempo austera e benigna, sabia tão bem temperar o rigor da autoridade com a condescendencia de affavel doçura, que a todos ganhava a affeição. Para vencer difficuldades e supportar fadigas por amor de Christo, parecia

---

[36]) Para commodidade do leitor segue aqui uma tabella chronogica das povoações fundadas pelo P. Roque González.

I. *Na bacia do rio Paraná.*

1. N. S. da Incarnação ou Itapúa 1615.
2. Santa Anna ou Apupe 1615.
3. N. S. da Candelaria ou Jaguapúa 1616.

II. *Na bacia do rio Uruguay.*

4. N. S. da Conceição ou Ibitacua 1619.
5. S. Nicoláo sobre o Piratiny 1626.
6. S. Franc. Xavier ou Jaguarity 1626.
7. N. S. da Candelaria sobre o Ibicuhy 1626.
8. N. S. da Candelaria ou Caasapamini 1628.
9. N. S. da Assumpção sobre o Ijuhy 1628.
10. Todos os Santos de Caaro 1628.

Não foi incluida a reducção de S. Ignacio-guaçú, levantada pelo P. Lorenzana e transferida e reconstruida pelo P. Roque. Montoya attribue-lhe a fundação do povo de Corpus Christi e Techo a de Japeyú, ambos creados pelo P. Pedro Romero.

de ferro. Sua abstinencia não se limitava ao deleitoso, passava ao necessario, sobretudo no que diz respeito ao somno e alimento.

A uma actividade espantosa sabia alliar união tão estreita e constante com Deus e tal dom de oração, que poucos o igualavam.

Emquanto superior das missões do Paraná e Uruguay, governava mais com o exemplo que com palavras. Era obedientissimo, até quando com isso lhe perigasse a fama. Sempre era o mais que podia ser humilde e com ter feito tanto, mostrava a grandeza de sua alma, evitando toda a especie de arrogancia ou presumpção.

Não é, pois, de admirar que tanta virtude, merecendo-lhe o premio celeste, grangeasse tambem a veneração dos coevos e o assombro dos posteros.

No meio de tantos trabalhos, andava o P. Roque como que numa fragoa de soffrimentos physicos e moraes. Um achaque chronico do coração taes ancias lhe causava, que por vezes temia perder o juizo. Mas incomparavelmente mais lhe pesava a cruz constante de escrupulos pungentes, aridez d'alma, desamparo e tristeza interior.

Escreveu um dia ao provincial: „Trago a cabeça fatigada e como que partida com tão continua afflicção.“ Mas accrescenta: „Comtudo estou resolvido a perseverar aqui, ainda que morra mil mortes e perca mil vezes o juizo, pois não serão para mim prejuizos, mas grande lucro; portanto, meu padre Provincial, disponha V. Rev.^ma^ de mim, como mais conveniente achar, nem peço estar ahi ou alli.“ (Lozano, Hist. da Prov. do Parag., Liv. VIII, cap. 16).

Quanto não estimava o martyr os padecimentos desta vida, quando supportados com paciencia e resignação!

Refere o biographo do P. Ruíz de Montoya (Dr. Franc. Jarque, Vida do P. Montoya) que este sacerdote, sendo victima de duas calumnias levantadas por pessoas que lhe eram muito chegadas, reconheceu nesta provação o martyrio com „espada de pau“ que lhe tinha prophetizado o P. Roque, chamando-o não menos heroico que o do sangue.

Creio que não haverá leitor que, ao recordar a vida e morte do proto-martyr e apostolo do Rio Grande, não concorde com a opinião de Techo o qual declara:

Sete estatuas, encontradas num casebre a tres leguas da cidade de S. Luiz de Missões, venerandas reliquias das florescentes Missões jesuiticas no Rio Grande do Sul, victimas do furor pombalino.

„Se um dia o P. González fôr canonizado, deverá ser eleito padroeiro deste paiz." (Liv. 18, cap. 8). Se este autor nutria já em seu tempo algumas esperanças de lhe ver concedida a honra dos altares, hoje são muito mais fundadas.

Já o P. Boroa, autor do dicto auspicioso: „*Um dia será Roque venerado como santo e velará pelo continente americano*",[37]) ordenara aos reitores dos collegios da sua provincia, escrevessem ao Summo Pontifice, pedindo a instauração do processo. Igual supplica dirigiu á Sé Apostolica Felippe IV por intermedio do seu embaixador em Roma.

De facto correu o processo que se chama de informação e ha muito que terminou.

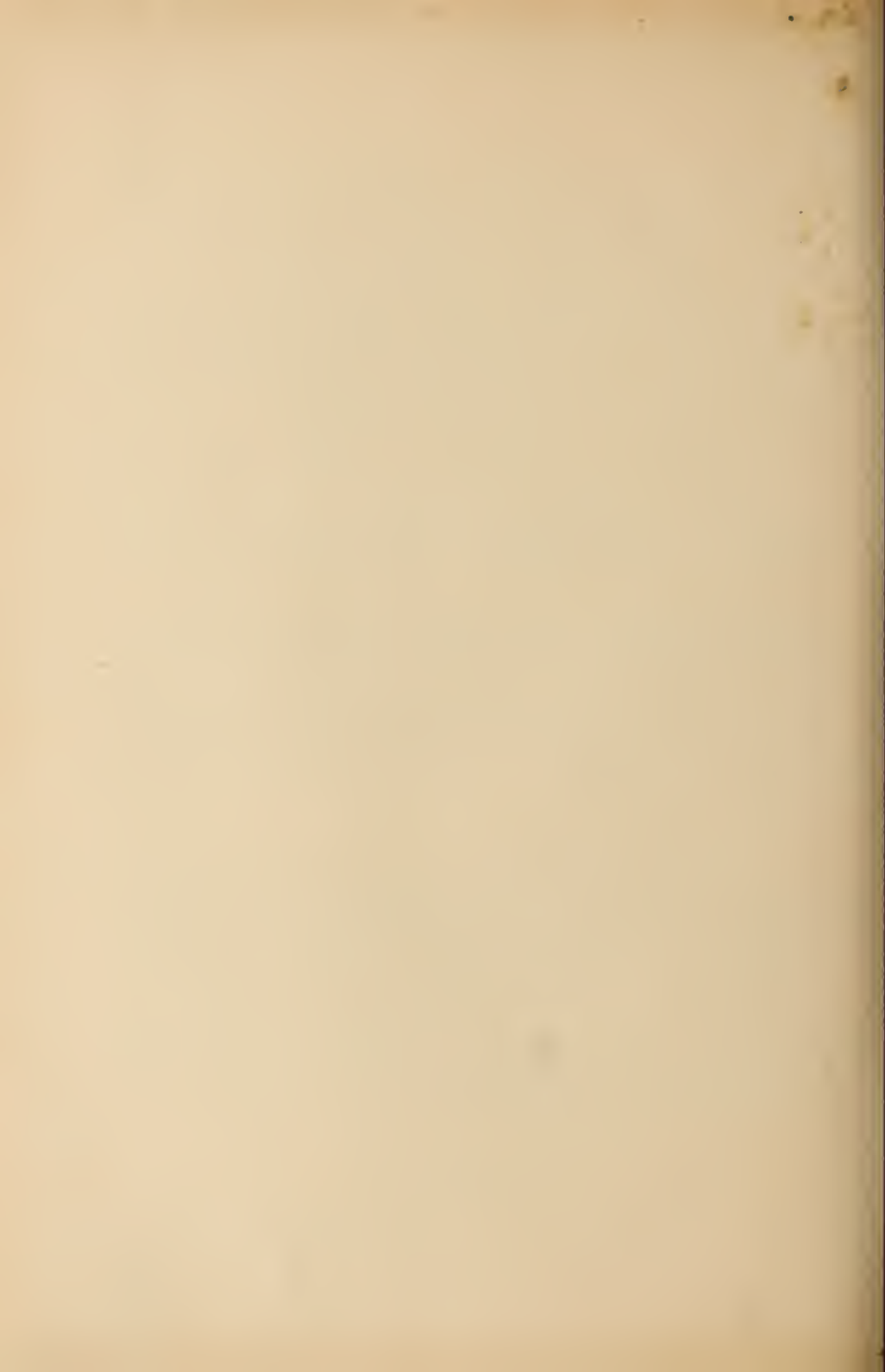
Depois de um longo intervallo, reassumiu-se ultimamente, por occasião do tricentenario do martyrio do P. Roque, a causa da sua beatificação, sendo postulador da mesma o R. P. Thomaz Travi S. J.[38])

Terminando, fazemos nossas as bellas palavras que o provincial dirigiu ao padre geral Vitelleschi em necrologio do nosso apostolo:[39]) „Que vida tão feliz em seu decurso e desfecho! Não será este o cumulo da ventura derramar o sangue no desempenho do encargo apostolico, como remate de suas infinitas fadigas e em abono da verdade que prégamos, entregando a vida por nossa vez A'quelle que primeiro e sem hesitar a entregou por nós!

---

37) Techo, liv. VIII, cap. 33.

38) Em 1671 fizeram pedidos a S. M. o rei catholico, em ordem de promover a beatificação, o cabido ecclesiastico de Tucumán, o governador, o bispo de Tucumán e a cidade de Santiago del Estero (Pastells, Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay, t. III., pag. 36 e 37), o vicerei do Perú em 1672, o Conselho de Indias. O embaixador hespanhol, cardeal Nidardo, responde que na primeira audiencia porá o negocio nas mãos de S. Santidade. (Ibid. p. 41-42).

39) E' este o texto latino: O felicissimum vitae decursum atque exitum! Quid amplius etiam optari potest, quam in Apostolico munere, multisque in eo laboribus exantlatis, sanguinem pro ea quam annuntiamus veritatem profundere, eique vitam nostram vicissim offerre qui suam pro nobis prius ponere non dubitavit! (Rançonier, S. J., Litt. Ann. Prov. Parag., Antverpiae 1636).

Appendice critico

A.

Determinação do logar do martyrio do P. Roque González

Sendo assaz desconhecida a vida do primeiro apostolo e fundador das Sete Missões do Rio Grande, muito mais o será o logar do seu glorioso martyrio. Emprehendendo a tarefa de achal-o e determinal-o, bem conscio estou das difficuldades que se me oppõem. Se consegui vencel-as, esclarecendo mais um ponto obscuro da nossa historia, que o decida o criterioso leitor.

Desde já cumpre indigitar uma fonte de equivocos. Os antigos autores ou suppunham conhecida a posição das reducções, como bem o podiam, ou, indicando-a, faziam-no de modo que hoje até nos mappas antigos se torna quasi impossivel qualquer verificação. De mais a mais, deixaram de existir muitos povos antigos e, se não foram substituidos por novos, levantaram-se outros na mesma região, de data portanto muito mais recente. Já se vê logo que, conforme a epoca em que escrevia o autor, hão de faltar necessariamente indicações geographicas a respeito de muitas reducções.

Igualmente causa não pouco embaraço a variedade na graphia dos nomes geographicos. Por Ijuhy, por exemplo, escreve Charlevoix (liv. VII pag. 231 e 241, ed. de Paris) *Yyri;* o brigadeiro Alvear, *Iguy* (Relat. geograf. e hist. Angelis IV); Lozano, *Iyui* (Conq. I pag. 34); de L'Isle (Delisle), mappa de 1703 (na „Exposição" pelo barão do Rio Branco vol. V) *Iuri;*

Techo (VIII cap. 19) *Liri;* Euseb. Nieremberg (Varones ilustres, tom. IV, pag. 360, 2.ª ed. de Bilbáo) *Yuy*.

Emfim difficulta as verificações a identidade ou repetição dos mesmos nomes para logares diversos. No mappa de *Carafa* encontram-se ao oeste e leste do Uruguay dois povos *St. Martyres*, em outras cartas ha outras taes coexistencias.

Felizmente em nosso caso está fóra de duvida: 1.º que o logar do martyrio é Caró ou Caaro, e 2.º que Caaro fica á margem esquerda ou oriental do Uruguay, na região missioneira dentro da circumscripção do Rio Grande do Sul.

O que ainda não foi apurado, é a localidade que corresponde ao antigo Caaro.

O povo de Caaro como local do martyrio designam unanimemente os mais antigos autores, como *Montoya*, Conquista espirit. n. 58, *Techo*, Hist. de 1.ª Prov. del Paraguay liv. VIII cap. 23; *Eusebio Nieremberg*, Varones ilustres t. IV pag. 368, 2.ª ed., Bilbáo 1889; *Charlevoix*, Hist. du Parag. I. VIII pag. 239 e 234 (Paris 1757).

Achar-se o logar que corresponde ao antigo Caaro no ambito da região missioneira do Rio Grande, evidencía-se pela vizinhança do rio Ijuhy, affluente da margem oriental do Uruguay e pela circumstancia de ter sido escolhido pelo P. Roque González como proprio para estabelecer communicação com o oceano por meio do rio Igay, o actual Jacuhy. Assim *Techo* liv. VIII cap. 21, *Charlevoix* liv. VII pag. 232.

Para remover um equivoco que podia originar embaraço, notamos que pelo nome Caaro designam tambem a região de maior ou menor extensão, em que estava o povo do mesmo nome. Assim fala *Techo* (liv. VIII, cap. 19) nas florestas do Caaro, em que havia sessenta tuxavas, e no cap. 21 descreve a terra de Caaro, que se extende por dez leguas para o interior do Rio Grande.

Charlevoix faz penetrar ao P. Roque nas vastas florestas de Caaro e diz que é um paiz limitrophe com todas as partes da provincia do Uruguay (liv. VIII pag. 230 e 232); *Southey* (Hist. of Brazil, cap. 23) chama-o o paiz possuido pelos caaroanos. *Alvear* diz: „Iguy (o rio Ijuhy) en la provincia del Caro." (Angelis IV).

A maneira de escreverem este nome é algo differente. Escrevem no „Processo del P. Roque González:

Caró	Montoya Techo Eusebio Nieremberg P. Diego Boroa, (Trelles, Arch. IV)
Caro	Charlevoix Southey
Caaro	Nos mappas O ms. „Razón de las Reducciones" O P. Bern. Nusdorffer, ms. O Barão do Rio Branco, Expos.

Ao consultarmos, pois, os autores para nos indicar a posição do povo de Caaro, os antigos ou contemporaneos não nos dão resposta directa nem indirecta, com excepção de Techo.

Este diz que o P. Roque, deixando Caaro, marchou a Livi(Ijuhy), passando pelos campos de Piratiny (tiv. VIII pag. 19); conforme esta indicação, estaria Caaro ao menos entre os dois rios mencionados, caso não ficasse mais ao Sul. A segunda vez que fala da posição de Caaro é no cap. 23, onde nos revelou a razão porque se empenhou González pela conversão de Caaro, a saber pela vizinhança com Caasapamini e desta com Livi (Ijuhy) que a seu turno confinava com Piratiny (S. Nicoláo). Ora achando-se, como insinúa, Caasapamini ou Candelaria ao N. do Ijuhy, ficaria Caaro tambem ao N. do Ijuhy, supposição esta que implica com o texto anterior no cap. 19, de fórma que nada adiantamos e continúa duvidosa a procurada posição.

Restou-nos um fragmento ms. de 1637, do P. Boroa, em que vêm relatorios sobre diversos povos do Uruguay oriental, entre elles o da „Reducción de los Martyres del Caró", depois de ter falado, em trechos anteriores, duas vezes do *posto do Caró*. Quando fala na reducção do Caaro, não se póde duvidar que se refira ao logar do martyrio de González, tanto pela observação introductoria, dizendo que desta unica reducção podia tecer longa historia mui deleitosa de ouvir, como pelo episodio que traz do cavallo de González. (Trelles, Rev. do Arch. Nac. de Buenos Aires IV, pag. 68).

Sendo o proprio titulo de Caaro dado por González, Caró de todos os Santos, podia-se perguntar como lhe deu o pro-

vincial Boroa o de Martyres do Caró? Seria em honra dos martyres Roque e seus companheiros?

Não encontrando outros autores antigos que tratassem desse ponto, peçamos informações aos mais recentes, entre os quaes só Charlevoix e Southey promettem satisfazer a nossa curiosidade. Charlevoix nos dá uma indicação geral no livro VII pag. 232 (ed. Paris 1757) que não adeanta a questão, e Southey segue Techo. Umas 30 paginas mais adeante diz Charlevoix que o provincial Trujillo em 1629 fundou sobre as ruinas de Caaro outra reducção e prometteu enviar um missionario que veio a ser o P. José Oreghi. Este erigiu lá uma igreja com a invocação dos tres martyres do Japão, canonizados havia pouco.

Ao mesmo tempo fundou o P. Boroa outra igreja no Caaro, lá onde o Tabaty entra no Uruguay. Donde tirou Charlevoix estas noticias que os autores antigos não parecem conhecer? Ou quizera Boroa, na sua relação acima mencionada, exprimir o mesmo, quando disse Martyres do Caró? Deve existir aqui um equivoco, porque no mesmo anno e pelo mesmo P. Oreghi faz Lozano fundar um povo de Martyres do Japão na banda *occidental* do Uruguay (Conquista I, p. 39).

Techo concorda com Charlevoix quanto a domiciliar neste tempo ao P. Oreghi no Caaro; mas nada diz a respeito de uma mudança do orago daquella igreja. Só affirma que os martyres do Japão são os protectores do Uruguay (Liv. IX, cp. 8). Até aqui, portanto, ainda não conseguimos sahir do dedalo de duvidas e incertezas.

Consultemos agora os mappas.

Os mais antigos calam-se. O primeiro da provincia do Paraguay, offerecido ao P. Geral Vic. Carafa, traz diversos nomes de regiões antigas nas vizinhanças dos rios Ijuhy e Jacuhy, como Caapi, Caamo, Caaguas, mas não ha vestigios de Caaro. Tão pouco o segundo mappa do Paraguay levantado por jesuitas de 1722, nem os posteriores a estes.

Só a carta do Paraguay por G. de L'Isle (Delisle) de 1703, que aliás é muito resumida na nossa região missioneira, traz entre o grão 28 e 29 de latit. merid. e a éste e ao sul de Caasapamini (Candelaria) o nome de *Caaroas,* designando assim o Caaro por seus habitantes.

Não é para desprezar esta indicação em tal geographo e tem valor particular, por não contradizer, mas sim confirmar as cartas que se referem directamente ao nosso assumpto.

Na obra de Lozano — *La descripción corográfica del Gran Chaco,* Cordoba 1733. acham-se tambem delineadas as Sete Missões do Rio Grande. Lá, quasi no centro dos cinco povos, entre o Piratiny e o Ijuhy, avista-se uma cruzinha e por cima della lê-se *Caaro* com esta legenda: „Hic occisi sunt a Barbaris PP. S.ta Cruz, Rodrig. Castillo." („Aqui foram mortos pelos barbaros os PP. S.ta Cruz, Rodrig. Castillo.")

Por serem de escala reduzida as distancias, os povos não guardam o rigor das proporções: porém *se distingue perfeitamente Caaro entre os dois povos de S. Lourenço e S. Miguel.* Com a autoridade de Pedro Lozano podiamos dar por decidida a questão.

Mas tenho ainda outras provas que nos confirmam a opinião pela qual optei. Entre estas não é desattendivel a que se baseia em o P. Nusdorffer, que numa obra ainda manuscripta sobre as Sete Missões orientaes, diz na P. V, n. 67, que, mudando-se os Juanistas para a outra margem occidental do Uruguay, passaram por Caaro, logar do martyrio do P. Roque, onde um Miguelista buscava uns bois perdidos. Tudo isso quadra muito bem, se Caaro está no logar que dá Lozano.

Temos ainda um mappa de 1744, de um autor que se occultava sob o pseudonymo de „Missionario Veterano" que trabalhou na provincia do Paraguay. Foi impresso em Vienna d'Austria, conforme se lê no mesmo mappa: „Joh. Christoph Winkler — sculpsit Viennae".

Se não é obra d'arte, comtudo mostra o progresso da cartographia moderna pela exactidão dos gráos, mórmente dos de latitude. Neste mappa, ao sul do Ijuhy, um pouco ao norte de S. Lourenço e de S. Miguel, na prolongação de uma linha que passaria quasi a igual distancia delles, está este signal † e em cima delle lê-se *Caaro* com caracteres bem legiveis. Uma nota na margem inferior diz que este signal † „signat loca quibus Guarani occasione primae conversionis sequentes PP. S. J. morte violenta affecerunt: *In Caaro inter oppida S. Michaelis et S. Laurentii Patres Rochum González et Alphonsum Rodríguez,* etc." (marca os logares onde os guaranis por occasião da primeira tentativa de os converter mataram os seguintes padres da Companhia de Jesus: em Caaro entre os povos de S. Miguel e de S. Lourenço os Padres Roque González e Affonso Rodríguez, etc.")

Tenho mais uma prova independente das anteriores. E' um manuscripto autographo posterior ao anno de 1766, cujo

autor tambem não está averiguado. Tem passado este documento por autographo do ultimo chronista da provincia do Paraguay, o P. José Guevara; mas abandonei esta opinião.

O titulo geral começa assim: „Razones de las Reduziones“: um sub-titulo reza assim: „En el Uruguay e Tape: „Pueblo del Caaro“. Immediatamente segue este texto: *Fundô el V. P. Roque González en el Caaro, entre San Lorenzo y San Miguel* que son aora, un Pueblo, llamandolo Todos los Santos. Mataron al P.e y a su Comp.o P.e Alonso Rodrig. 2º.“

Por este documento inedito vemos, pois, outra vez corroborado o facto que foi entre os povos de S. Lourenço e S. Miguel das nossas Missões do Rio Grande que se deu o glorioso martyrio do P. Roque González. (Vide os mappas de 1733 e 1744).

[Legajo Misión del Paraguay]
[Carpeta Misiones Guaranis. Estatisticas]
[Aº. 6 f.]

Em confirmação, transcrevo o seguinte trecho tirado do „Diario del Comisario de límites iefe de la 2ª partida de demarcación en 1788, D. Diego de Alvear“ que escreve, em 13 de Abril de 1789, no seu diario: „San Lorenzo y San Miguel: Pasamos al pueblo de San Lorenzo... Otras dos capillas de San Josef y San Carlos, sobre las tres piernas del Carogüe, separan las pertenencias de San Lorenzo y San Miguel, que dista muy cerca de diez millas... Martyrio de tres jesuitas... Este arroyo del Carogüe desagua en el Ygui (Ijuhy) con dirección al N. y es celebre en la historia de Misiones, por el martyrio de tres jesuitas, Roque González de Santa Cruz. Alonso Rodríguez y Juan del Castillo, acaecido sobre su márgen hacia los años de 1628. El cuadro de estos ilustres misioneros se venera en la referida capilla de San Carlos.“

O arroio *Carogüé*, se ainda tem este nome, ainda hoje nos diz: „Aqui foi Caró“ (Caro-cué), „aqui esteve o povo de Caró.“

B.

Nheçum [40])

Nheçum não é o mesmo morobixaba que acompanhou ao P. Roque a Buenos Aires.

Não se póde negar que a personalidade de Nheçum, como a representa Charlevoix e ao depois Southey, desperta vivo interesse, mórmente pelo contraste que assim se estabelece entre os seus antecedentes e o seu procedimento sub-sequente. Primeiro apparece o chefe indio ao lado de González como alvo de honras militares e civis na occasião da recepção solenne em Buenos Aires, promettendo fidelidade em nome dos povos do Uruguay ás autoridades politicas e ecclesiasticas, e emfim a apostasia e infidelidade que attinge seu auge no assassinio de González.

Mas a inexoravel critica tira-lhe muito do encanto dramatico, sendo que não é uma pessoa, mas sim duas as que figuram nesta historia sob nome semelhante, porém em circumstancias differentes.

„Niezú, o cacique que em Buenos Aires fôra festejado com tanta adulação e distincção andava já cansado das suas relações com os jesuitas," escreve Southey (Hist. do Brasil cap. 23) e em seguida narra como mandou assassinar o seu amigo González. Não é exacto. *Nieza*, nome confundido com o de Nheçum, é o chefe indio que acompanhou o P. Roque a Buenos Aires, e nunca chegou a trahil-o nem a apostatar do

---

40) Adoptei a graphia phonica por asim sobresahir a differença dos dois nomes confundidos. O ñ corresponde ao nosso nh e o z hespanhol é parecido com o nosso ç.

As graphias dos autores são bastante differentes:

Necú escreve Montoya.

Nezú escreve Eusebio Nieremberg, Proceso del P. Roque González.

Ñeçu (Nheçûm) escreve O guarani da Conquista.

Niezú escrevem Techo, Charlevoix e Southey.

Almeida Nogueira, no vocabulario que compoz para o „Manuscripto guarani", que é propriamente uma traducção da „Conquista" de Montoya para o guarani, escreve sob ñeçú: „Como nome do chefe Neçu ou antes yñeçú póde ser o que se inclina, o cortez"; emquanto Montoya interpreta este nome por „reverencia". O nome completo era Nheçum retanque.

christianismo. *Nheçum* foi o autor do assassinio de González e nunca chegou a ver Buenos Aires.

Charlevoix já antes de Southey tinha sustentado a mesma opinião erronea. Tambem Pfotenhauer *(Die Missionen der Jesuiten in Paraguay I. 137)* cahiu no mesmo erro.

Ser o morobixaba que foi a Buenos Aires diverso de quem mandou assassinar ao P. Roque evidencía-se pelas razões seguintes:

I) Nieza era morobixaba da banda occidental do rio Uruguay, na reducção denominada da Conceição; Nheçum era chefe principal de Caaro, no districto do rio Ijuhy, tributario da margem oriental do Uruguay. (Techo, Hist. de la Prov. del Parag. liv. VII, cp. 32 — liv. VIII, cp. 19).

II) Os nomes dos dois chefes indios, apesar de semelhantes — circumstancia esta que explica o equivoco — são bastante diversos e distinguiveis: *Diego Nieza* — é este o nome completo — era o chefe da Conceição; e *Nheçum*, o chefe de Caaro. Em Techo (Hist. do Paraguay, l. c.) é que se encontram as duas pessoas e os dois nomes bem discriminados. Este autor, quando fala a primeira vez de Nheçum, descreve-o como pessoa que o leitor ainda não conhece, o que não poderia fazer, se fosse o mesmo Nieza já mencionado.

III) Não só os nomes, tambem os caracteres dos ditos chefes são inteiramente diversos.

O primeiro, Nieza, era baptizado, como seu nome christão o prova e era conhecido como homem de bem. O outro era feiticeiro que aspirava a honras divinas entre seus conterraneos; era homem devasso que nunca largou seu harem de concubinas nem seus ritos e abominações pagãs; continuava pagão, entregue á sua vida dissoluta e supersticiosa, não menos, como nota Techo, quando construiu a capella do seu povo, como quando mandou matar a González. E como não houvera abjuração do paganismo e baptismo de Nheçum, assim não houve nelle apostasia do christianismo (Techo l. c., l. VIII, cp. 19 seg).

IV) Os outros autores antigos não mencionam a Nieza ou por resumidos (Montoya, Nieremberg) ou por não terem occasião nem motivo de a elle se referirem, como Lozano.

O logar para isso era a Hist. da Prov. do Paraguay; porém esta não alcança a epoca de Nieza (termina Lozano com 1615 exclus). E na sua Hist. da Conquista do Paraguay não fala

em nenhum dos dois chefes por não ter motivo, visto que foi composta como introducção para a Hist. da Provincia, descrevendo o paiz, as tribus, a conquista pelos hespanhoes e dando a historia dos governadores.

V) Que Montoya não identificou Nieza com Nheçum, está patente pela maneira como o introduz na historia, na occasião da morte do P. Roque. Se fossem uma só pessoa Nieza e Nheçum, devia Montoya mencionar esta circumstancia ou ao menos deixal-a transparecer; entretanto não o fez. (Conquista Espirit., 2.ª edição, Bilbao 1892, n. 57).

C.

O verdadeiro nome do 3º governador do Rio da Prata

E' este governador quem durante os ultimos annos do P. Roque exercia certa influencia na actividade deste missionario. Por figurar nos autores com nome identico a outro governador contemporaneo, podia esta circumstancia dar occasião a duvidas e desagradaveis equivocos. Por isso é que vou deslindar aqui este ponto.

Charlevoix (Hist. do Parag. l. VII, anno 1625) e até *Techo* (liv. VII, cap. 32) e depos delles *Southey* (Hist. do Brasil, cap. 23) e outros dizem que o 3.º governador de Buenos Aires ou do Rio da Prata foi D. Luiz de Céspedes. Ao governador do Paraguay, o 2.º depois da separação dos dois governos, dão todos os autores o mesmo nome e com razão. *Lozano* (Hist. de la Conquista, t. III, cap. 13) accrescenta-lhe ainda o de Feria, e Zinny (Hist. de los Gobernadores del Paraguay) chama-o Luiz de Céspedes García Xeria.

Apezar de tudo, o nome do 3.º governador do Rio da Prata não é Luiz de Céspedes, mas sim *Francisco de Céspedes*. Assim vem na citada Conquista de Lozano, tomo III cap. 16, onde lemos: *„Succedióle pues, en el gobierno del Rio de la Plata, a 19 de Setiembre de 1624, don Francisco de Céspedes: natural, etc.“*

Outrosim existem dois officios manuscriptos do mesmo governador, ambos datados de Buenos Aires e do anno de 1626,

que começam assim: *Don Francisco de Céspedes, Gobernador e Capitán General de la provincia del Rio de la Plata.*" (Bibl. Nac. MSS. Collecção Angelis VII — 24, Rio de Janeiro.) (Ib. Collecção Angelis VII — 26). De ambos os documentos mss. possuo copias authenticas. (Cf. o Append. dos Documentos justific.)

Explica-se o erro para Charlevoix e os que o seguiram por não conhecerem a Hist. de la Conquista de Lozano, que só em nossos tempos foi publicada. Entretanto M. de Moussy, que escreveu uma — *Description de la Confédération Argentine* — dez annos (1864) antes da publicação da Historia da Conquista de Lozano, não cahiu no mesmo erro, provavelmente por ter á disposição outros documentos. (V. N.ª V e VI.)

D.

Rectificação chronologica

Os chronistas e historiadores que escreveram sobre o Paraguay dizem ser o anno de 1620 o da separação dos dois governos do Paraguay e do Rio da Prata e fazem entrar o seu primeiro governador no mesmo anno. Houve engano chronologico. Foi no anno de 1617 que uma cedula real dispoz a divisão dos dois governos; outrosim foi no anno de 1618 que se realizou a solenne recepção do primeiro governador, D. Diego Góngora, em Buenos Aires. Assim o testemunham os documentos descobertos e a primeira vez publicados por Ricardo Trelles. Vide documentos N. 1 e n. 2, dos *Anexos de la Memoria sobre Cuestión de límites entre la República Argentina y el Paraguay por Man. Ricardo Trelles, Buenos Aires 1867.*

A desmembração ecclesiastica é que fel-a em 1620 o papa Paulo V, encarregando a D. Pedro de Carranza, primeiro bispo de Buenos Aires, de estabelecer os limites de sua diocese com a do Paraguay. Carranza tomou posse do novo bispado em Janeiro de 1621. V. Documentos N. 11 dos citados Anexos.

Transcrevo aqui o principio e mais um trecho do citado documento N. 2:

„Recepción del Gobernador D. Diego de Góngora — Cabildo de 17 de Noviembre de 1618.

„En la ciudad de la Trinidad, puerto de Buenos Aires, en diez y siete dias del mes de Noviembre de mil y seiscientos y diez y ocho años, con el señor D. Diego de Góngora, Caballero del hábito de Santiago, que viene proveido por Gobernador y Capitán General destas Provincias, para el recibimiento de Su Señoria, se juntaron en las casas del Cabildo — la Justicia y Regimiento desta ciudad...

„Y juntos en este Cabildo, Su Señoría del dicho señor Don Diego de Góngora, presentó una Real Providencia y Cédula de Su Majestad, sellada con su real sello y librada por los señores del Real Consejo de Indias, por el cual le nombra y provee por su Gobernador y Capitan General destas Provincias del Río de la Plata y pueblos del Gobierno que se ha separado, y manda sea recibido á el dicho cargo...“

„Documento N. II. *Testimonio de la Toma de posesión del nuevo obispado del Río de la Plata por su primer obispo D. Fray Pedro de Carranza, en 19 de Enero de 1621.*

„En la Ciudad de la Santísima Trinidad, puerto de Buenos Aires, Provincia del Rio de la Plata, á diez y nueve días del mes de Enero de mil seiscientos veinte y un años.

„A hora de las cinco de la tarde, poco mas ó menos, teniendo noticia el P. Gabriel de Peralta, Vicario de esta dicha ciudad, como el Ilustrísimo y Reverendísimo Señor D. Fray Pedro Carranza, Obispo de este nuevo Obispado del Río de la Plata, hoy dicho dia, quiere tomar la posesión de él, fué al Fuerte y Casas Reales donde al presente posa S. S. Ilustrísima...

„. . . vino Su Señoría á la dicha Iglesia Mayor, donde fué recibido con palio, y estando dentro de ella, se arrodilló é hizo oración delante del altar mayor y sagrario donde está el Santísimo Sacramento, y hecha en presencia del dicho Vicario, Clero, Prelados y Religiosos, Gobernador y Cabildo y demás personas que presentes se hallaron: el dicho Señor obispo dijo: que, habiendo aceptado la dicha dignidad y recibido las Bulas de Su Santidad y egecutoriales reales de Su Majestad, se embarcó y vino a esta dicha ciudad de la Trinidad, donde está erigida e señalada la Iglesia Catedral, y presentó sus bulas y egecutoriales ante el dicho Gobernador.“

Notas bio-bibliographicas

sobre os autores que foram com preferencia consultados

Montoya (P. Antonio Ruíz de) Conquista Espiritual, hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. Bilbao, 1892. Imprensa del Corazón de Jesús.

O padre Montoya, mais conhecido por suas obras linguisticas, a grammatica, o catecismo e o thesouro ou vocabulario da lingua guarani, escreveu tambem uma pequena obra historica de muito valor, em que descreve o que viu e ouviu nas celebres reducções do Paraguay. Era muito rara esta obra até que ha pouco se tornou mais accessivel por uma impressão feita pela typographia do S. Coração de Bilbao.

Nasceu Antonio Ruíz de Montoya em Lima, no anno de 1582, de pae sevilhano, proximo parente do conhecido theologo jesuita Diego Ruíz de Montoya.

Entrou na Companhia de Jesus em 1606. O primeiro provincial da provincia do Paraguay levou-o ainda noviço para Cordoba de Tucumán, onde fez os estudos.

Desde 1620 foi superior das reducções, das quaes dá aqui breves apontamentos historicos, que trazem o sello de testemunha ocular. Negocios da sua provincia o levaram á côrte de Madrid. Lá publicou, em 1639, as obras acima mencionadas. Voltando para a America do Sul, deram-lhe os superiores por domicilio o collegio de Lima, onde residiu até á sua santa morte, em 1652. Seus restos mortaes foram trasladados para Assumpção.

A *Conquista* foi traduzida para a lingua guarani. Para facilitar a leitura desta traducção, escreveu Almeida Nogueira um extenso e erudito vocabulario, como tambem um esboço grammatical do guarani, obras publicadas sob a direcção do notavel riograndense e ex-bibliothecario da Bibliotheca Nacional, o Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, nos volumes VI e VII dos Annaes da mesma Bibliotheca. Rio 1879.

Techo P. Nicoláo del *Historia Provinciae Paraguariae Societatis Jesu.* Leodii ex offic. typograph. Malh. Hovii 1673 in fol.

O P. du Toict — é este o nome proprio belga de Techo — nasceu em Lille, em 1611, veiu para a America pelo anno de 1640 e morreu em 1685.[1] Conforme um officio ainda inedito que lhe foi dirigido por D. Felipe Regis Gorbalán (F. Rege Gorvalán apud Lozano), governador do Paraguay (1671-1681), foi reitor do collegio de Assumpção.

Andrés Lamas e outros enganam-se, fazendo-o chegar da Europa em 1649, visto que já funccionava como cura de Apostolos em 1648, conforme ms. de Angelis (Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, Mss. de Angelis, lal. X, 22); tão pouco teve o cargo de provincial, como quer Lamas, mas sim o de superior das Missões."[2]

A excellente obra de Techo dá o desenvolvimento historico da missão e provincia do Paraguay desde os inicios até á metade do seculo XVII, pouco mais ou menos.

Para esta época é o autor mais completo e de grande autoridade. Segundo nos informa Lozano no prologo da sua historia da Companhia de Jesus, valeu-se Techo duma obra do provincial P. Juan Pastor que ficou manuscripta.

Não poude ter fonte melhor; pois com grande cuidado costumava o P. Pastor investigar e revolver os monumentos antigos. Lozano é de opinião que uma das causas de se não continuar a obra do P. Pastor foi o receio que a continuação tambem tivesse a sorte pouco invejavel de ficar num archivo entregue ás traças e ao esquecimento.

Houve da obra de Techo por muito tempo só uma traducção ingleza e ha uma dezena de annos tambem uma hespanhola, que bem se póde chamar mallograda, porque, além de ser feita por pessoa incompetente, traz um extenso prologo devido á mão não menos inhabil de quem pretende supprir o que entende faltar na obra.[3]

E' verdade, Techo não deu como outros autores posteriores um esboço da organização das reducções; tambem as indicações chorographicas são por vezes deficientes ou duvidosas. Parece que escrevia para os missionarios e contemporaneos que estavam a par de tudo isto.

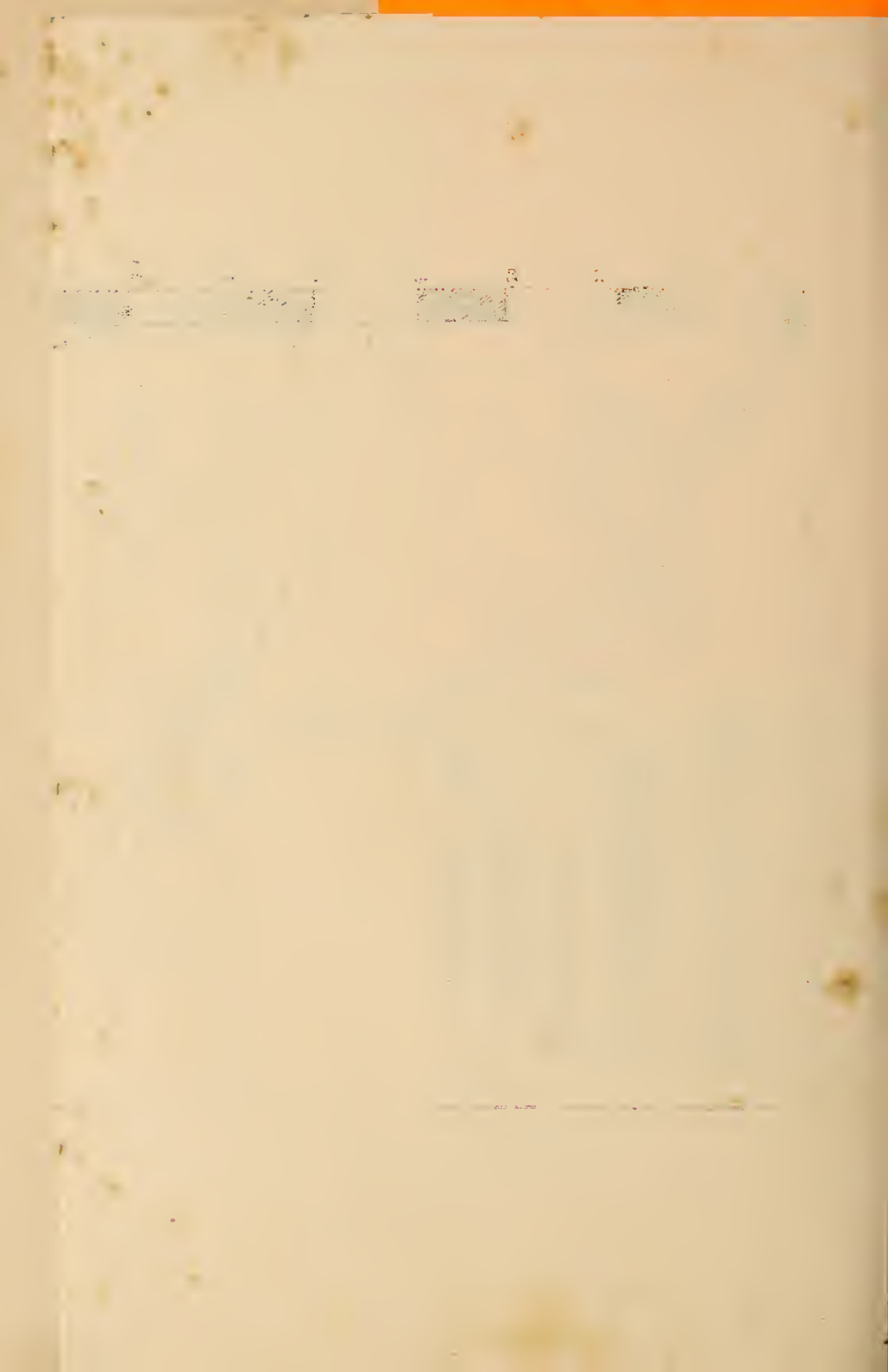
Egualmente desconheceu as constituições do synodo de Assumpção, cuja publicação é de data muito recente. Explica-se portanto o seu silencio a respeito do catecismo do padre Roque González.

Que não compoz sua valiosa obra sem espirito critico, como quer um autor moderno, é bem patente por ex. no 6.º cap. do liv. XI, em que rejeita um milagre attribuido ao P. Christovam Arenas, fundamentando sua opinião, ou no cap. 22 do mesmo livro, onde nega um facto maravilhoso contado no *Compendio historico* do P. Santiago Da-

[1] O P. Diego González em Faenza escreveu erroneamente 1680. Techo morreu só em 1685. Mss 34. p. 44.

[2] Vide MS. Catalogi Paraguariae.

[3] Cf. „Declaración de la Verdad." Introducción por el P. Pablo Hernández S. J. I e II. Buenos Aires 1900.

Missiones Soc. Jesu
Paraguayens.
desumptae ex carta P Lozano
Gran Chaco
Cordoba 1733
R V R V G V A Y
S. Carlos
S Maria
S Xavier
Apostoles
Concepcion
R. Yjuy
S Angel
S. Nicolas
Caaro
Toma
S. Luis
S. Juan
S. Miguel
S. Lorenzo
R Aquapey
R Piratini
S. Borja
Cruz
Yapegu
R Ybiruy
R Mirinay
Yru
R Negro
S. Dom. Soriano
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

mián, porque tem contra si testemunhas oculares que o P. Techo examinou. Destôa sim, uma observação feita sobre o caracter do governador Hernandárias, assacando-lhe o ter subordinado a utilidade publica á ambição de fama e gloria!

Do citado cap. 22, vemos tambem que o P. Techo escreveu, sinão toda a obra, ao menos uma parte de sua historia no Rio Grande do Sul, passando pelo povo *Jesus Maria*, que ficava no actual municipio de Santa Cruz do Rio Pardo.

Lozano (P. Pedro S. J.) *Historia de la Compañia de Jesús en la Provincia del Paraguay*. 2 tom. em fol. Madrid 1754 e 1755.

O P. Pedro Lozano tinha entre seus contemporaneos a fama de homem douto e de historiador consciencioso e erudito. E esta opinião, longe de diminuir, cresceu com a publicação de outras obras suas, a ponto de ser tido hoje por uma das mais graves autoridades na historia da America do Sul. Citam-no frequentemente historiadores, viajantes, geographos, naturalistas de diversas nações e linguas. Tanto mais é de extranhar sabermos tão pouco sobre a vida de homem tão notavel.

Até os ultimos decennios ignorava-se-lhe o logar e data do nascimento, bem como o anno em que falleceu.

Graças ás investigações de Andrés Lamas, sabemos hoje que nasceu em Madrid em 16 de setembro de 1697 e que entrou na Companhia de Jesus em 7 de dezembro de 1711. Mas apesar de muitas pesquizas não conseguiu determinar o anno do fallecimento.

Quem encheu esta lacuna foi o P. Pablo Hernández S. J., o erudito e incansavel investigador de fontes historicas. Podemos hoje affirmar, que morreu o eminente historiador em 8 de fevereiro de 1752 em Humaguaca (ou Humahuaca, Moussy) viajando para Sucre.

Humaguaca, ultima cidade ao norte da Republica Argentina, é estação obrigada de transito para quem se dirige ao Perú ou Bolivia; apesar de se achar entre os tropicos, tem o clima frio, devido á sua altura de 3000 metros.

Residia habitualmente no collegio maximo em Cordoba de Tucumán; suas obras, porém, dão testemunho de frequentes viagens. Esteve nas Missões do Paraguay; chegando até Santa Fé, desceu o Paraná em jangada. Em outra viagem chegou até o Alto Uruguay e, novamente embarcado da mesma forma, seguiu rio abaixo. Nas margens deste rio e de seus tributarios, o Quarahy e o Rio Negro, recolheu petrificações. Subiu tambem os Andes. Examinou os archivos de Santiago del Estero, de Tucumán e Salto.

Os dois tomos da sua historia contem 1607 paginas em folio. Começa pela entrada da Companhia de Jesus no territorio de Tucumán e alcança o anno de 1614. E' pena não ter levado mais adiante esta importantissima obra, para a qual estava preparado como poucos, tanto

mais que elle mesmo a isso allude (1.º cap. do livro I desta historia). O erudito Techo cita os acontecimentos até o anno de 1644, mas a falta de documentos o obrigou a uma concisão por vezes destituida da desejavel clareza.

A segunda obra de Lozano que aqui mais nos interessa é a *Historia de la Conquista de la Provincia del Paraguay, Rio de la Plata y Tucumán*, publicada por Andrés Lamas em 5 tomos em 8º, Buenos Aires 1873.

E' a bem dizer a historia civil e ecclesiastica da antiga provincia do Paraguay.

O primeiro tomo de 464 pag., commentado por um douto prefacio de 148 paginas da lavra do Dr. Andrés Lamas, forma introducção, contendo uma chorographia que é de grande valor para a geographia historica e um esboço da historia natural com excepção da mineralogia. Tambem a ethnologia teve ahi o seu desenvolvimento. O 2.º e 3.º tomo contêm a serie dos governadores e bispos com os successos principaes desde o descobrimento do Rio da Prata até ao anno de 1745.

O 4.º e 5.º tomo contêm o descobrimento, conquista e governo civil e ecclesiastico de Tucumán; é obra original em que Lozano não tem antecessor.

Esta insigne obra historica foi composta só para servir de introducção á historia da Comp. de Jesus de que acima demos noticia.

Quanto á historia natural, contem os erros do seu tempo, deixando-se tambem por vezes seduzir pela autoridade dum autor a contar uma fabula. Entre os lapsos historicos talvez seja o mais extranho o que se acha no vol. I, pag. 37 e no vol. III, pag. 430, dizendo que na batalha de Araraguay em 1641 foram derrotados os paulistas de sorte que *nunca mais* ousaram infestar a provincia do Uruguay, emquanto elle proprio affirma no dito vol. III, pag. 324 que em 9 de março de 1652 voltaram e apresentaram batalha aos indios das reducções do Uruguay, em que outra vez foram batidos os paulistas. Bauzá cahiu no mesmo erro de dizer que não tornaram a voltar mais. (*Dominación españ.* I, pag. 372, 2.ª ed.)

Autores hespanhoes perguntaram, porque seria que uma obra, com razão aquilatada de monumental, teve que esperar tanto tempo pela publicação.

Azara acha a razão num certo azedume contra os hespanhoes, que aparece no livro. Creio que a explicação é pouco satisfactoria, 1.º porque o tal azedume não é senão independencia e imparcialidade exigida em historiador serio, e 2.º acha-se muito mais pronunciado na obra publicada em 1755.

Deve-se, pois, procurar a solução em outras circumstancias, particularmente nas da imprensa daquella epoca.

Eram proverbiaes as difficuldades que encontravam em geral os autores daquelle tempo em editar os seus livros, mórmente se diziam respeito á America. Causa-nos certa extranheza este facto, pois o grande interesse que dedicava o publico europeu ao novo continente, parece que devia animar escriptores e livreiros, vendo garantida a publicações desta natureza uma acceitação geral. Obstava, porém, o

governo que tinha demasiado empenho em supprimir tudo quanto pudesse dar idéa de suas colonias ultramarinas aos extrangeiros, que procurava afastar das suas colonias.

Na America mesma eram muito procurados taes livros, bem ao envez do que succedia na Hespanha, onde eram *olvidados e tão pouco apreciados*. Porém as despesas da importação os encareciam demasiadamente. Além disso nenhum autor estava seguro de que se não vedaria a circulação do livro na America, até depois de impresso.

Assevera Lamas que foi devido a estas circumstancias que até o fim do seculo 18.° deixaram de imprimir as tres quintas partes dos escriptos sobre a America, sendo não raro de autores de renome e de reconhecido merecimento.

Não tiveram melhor sorte os chronistas-móres das Indias, cujo titulo encerrava uma dupla garantia da acceitação, já pela competencia que tal cargo suppunha, como pela riqueza e variedade dos materiaes authenticos que tinham á mão. Comtudo ficaram ineditos, para citar só dois exemplos, os estudos feitos por ordem de Felippe II sobre a Nova Hespanha, e grande parte dos trabalhos da expedição scientifica enviada ao Perú e Chile, em 1777.

Se tal sorte coube ás elucubrações de chronistas-móres e commissões enviadas por ordem regia, bem se comprehende porque não se imprimiram varias obras de jesuitas.

Tomando em conta os ligeiros apontamentos que apresentámos, o leitor não estranhará porque dentre as obras de Lozano foi preferida para a publicação a Historia da Companhia á Historia Civil ou da Conquista.

Além de não exigir a primeira obra impressão tão dispendiosa, continha a ultima noticias e informações por demais abundantes e minuciosas, para não despertar os zelos dum governo cioso em extremo dos pingues emolumentos que tirava de suas colonias.

As obras de Lozano, entre publicadas e ineditas, orçam por 21. Mencionamos ainda *Descripción corográfica del gran Chaco, Gualamba*, etc., Cordoba (Hespanha) 1733; é o primeiro livro monographico e ainda hoje de valor.

Ha pouco sahiu á luz outra obra de Lozano, *Historia de las Revoluciones de la Provincia del Paraguay*, 1721-1735. Buenos Aires 1905. O ms. foi annunciado como autographo de L. nos conhecidos catalogos de Hiersemann em Leipzig, de quem o comprou depois de verificada a autenticidade o Dr. Parodi em Buenos Aires pelo preço convencional de 2014 marcos.

Deve-se a conservação de tão precioso escripto á circumstancia de ter vindo á mão dum soldado flamengo que serviu na guerra da triplice alliança contra o Paraguay.

Foi publicado com o auxilio da *Junta de Historia y Numismática Americana* e sob a direcção do amigo D. Samuel A. Lafone Quevedo, em 2 tomos, cada qual de umas 500 paginas. O 1.° leva o nome de „Antequera“ e termina com a execução deste audacioso e astuto caudilho; o 2.° intitula-se „Los Comuneros“, contando a sublevação desses revolucionarios e a sua derrota.

A narração dramatica destas revoluções manifesta quanto lavravam já naquelles tempos as idéas de independencia na America meridional. Estas sublevações não foram senão preludios dos movimentos que um seculo mais tarde determinaram a definitiva separação da Hespanha.

Gay (conego João Pedro) *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay*, Rio de Janeiro 1863.

O vigario Pedro Gay trabalhou com muito interesse e nobre dedicação. Transluz por toda sua obra volumosa o sincero esforço de achar a verdade e uma imparcialidade rara no tempo em que escrevia.

Sua *Republica Jesuitica* é uma densa silva de documentos, tratados, traducções e notas por vezes preciosas, na qual o leitor curioso, porém menos experimentado, póde errar o caminho.

Falla a critica necessaria: copia p. ex. (pag. 39) sem discernimento as povoações phantasticas de Azara, as quaes este audacioso affirmador diz terem sido fundadas pelos hespanhoes no Guayrá, em 1555.

Se Gay tivesse consultado sómente a *Conquista Espiritual* de Montoya, testemunha de vista, teria evitado este e outros equivocos.

A verdade é que até 1610 não houve no Guayrá povoação alguma das ditas de Azara, com o que se dissipam em fumo todas as suas gratuitas e aereas affirmações. *(Cf. Declaración de la verdad. Introducción por Pablo Hernández, n. XII.)*

Não se póde, porém, negar que Gay alcançou ainda muitos restos de ruinas que hoje já não existem e tambem muitos indios testemunhas dos successos que descreve. Muitas observações são portanto de relativa autoridade e grande valor.

Resente-se esta obra tambem da mão do corrector, o conego Pinheiro, introduzindo uma das suas idéas e invenções predilectas, aberração em que o cura de S. Borja não teria cahido. Nas paginas 131 e 132 distingue duas epocas na historia dos jesuitas, sendo a segunda marcada pelo predominio censuravel de intenções politico-economicas.

Não pretendo aqui dar uma resenha completa do livro de Gay, cinjo-me ao que diz respeito ao P. Roque González, onde não faltam inexactidões e desfigurações.

A narração traz o cunho duma traducção mal feita dum original guarani ou duma relação oral de indios menos bem informados a respeito do martyr. De facto confessa algures o conego Gay que seguiu um manuscripto composto em S. Borja.

Conta por ex. como o P. Roque, depois da missa, fez soar uma porção de peças de moeda de prata, que tinha collocado por detraz do calix e ao redor da pedra d'ara, para excitar a admiração dos

indios que nunca tinham visto moeda cunhada e para os dispôr a mais facilmente acreditarem na palavra de Deus e que disso com effeito muito se agradaram os neophytos. Nada disto contêm os authenticos documentos.

Ha mais os seguintes erros: Que Nheçum estava presente á morte de Roque González, que esta se realisara na hora da comida, que Nheçum e outros se converteram. Em geral o livro de Gay não conhece a posição superior que occupa o fundador das Missões. Quanto a outras inexactidões, veja a nossa *Historia do Rio Grande do Sul dos dous primeiros seculos.*

Bauzá, (Francisco), *Historia de la Dominación Española en el Uruguay*, 2ª ed. Montevideo 1895.

D. Francisco Bauzá nasceu em Montevidéo em 7 de outubro de 1849. Seu pae foi o general D. Rufino Bauzá, imperterrito servidor da causa da independencia do Uruguay.

Fez Bauzá os estudos preparatorios na escola allemã de Montevidéo e cursou depois no Lyceu latim, mathematicas e philosophia. Alistara-se no exercito que seguia para a guerra do Paraguay; porém, uma enfermidade que o acommetteu na viagem, o obrigou a regressar e a desistir do seu intento. Na guerra civil de 1870-1872 foi tenente da guarda nacional e tomou parte no combate da União. Ao mesmo tempo batia-se em brilhante campanha jornalistica.

Em 1875 acceitou do seu governo o cargo de agente confidencial ante o governo argentino para reatar as relações interrompidas no momento critico em que se preparava uma revolução dos emigrados. Não só conseguiu aquillo de que vinha incumbido, mas ainda celebrou o importante tratado de neutralidade entre ambas as republicas do Prata. Mais tarde foi deputado e senador e representou duas vezes o seu paiz no Brasil.

Nas campanhas parlamentares revelou-se verdadeiro orador de parlamento. Na sua carreira politica soube salvar illesa a reputação duma integridade irreprehensivel.

Escreveu diversas obras, entre ellas *Estudios Literarios*, 1885 — *Estudios constitucionales*, 1887 e outras. *La Historia de la Dominación Española* é um dos poucos livros que nunca perdem os seus attractivos; apreciação em que estão de accôrdo pessoas das mais diversas posições e condições. Manifesta-se nelle profundo amor á verdade, solida e sincera investigação para a achar, subtil sagacidade em descobril-a e proval-a, e emfim imparcialidade a toda prova, a qual nem o patriotismo consegue declinar do prumo.

Além disso encantam e captivam uma critica fina, os horizontes largos da intuição historica, uma arte de narração que faz reviver os caracteres historicos e seus tempos. Em uma palavra, possue o illustrado estadista todos os dotes de genuino historiador.

Ha questões na historia da America do Sul que, quanto mais discutidas, tanto mais parecem envolver-se em trevas. Mas B. sabe ás vezes cortar e dissipal-as com a luz intensa e rapida do raio, de maneira que gregos e romanos a uma devem ceder á irrecusavel evidencia. Que energia ha por exemplo no seguinte apophthegma: „Entre os que exterminam uma raça e aquelles que a conservam, a religião, a philosophia e a historia se decidirão pelos ultimos." (t. I, 382). Eis como refuta a opinião quasi universal, que os missionarios pretenderam escravizar os indios: „Introduzindo a civilização, mostram que não pretendiam escravizar os indios." (I, pag. 384).

Nota-se este masculo vigor duma apreciação verdadeiramente historica, sobretudo no que diz sobre a politica sul-americana na Hespanha, durante o seculo 18.°, nos traços com que pinta o vulto de Carlos III e no parallelo que estabelece entre Carlos II e Fernando VI.

Tambem o appendice critico do tomo II revela uma independencia e penetração admiraveis.

Não admira, pois, que poucos e menos relevantes sejam os erros que se encontram nesta obra, por ex. quando diz que dá no mesmo descender o genero humano duma familia ou de diversos troncos humanos (I, p. 140); ou quando fala em duas civilizações oppostas, sendo uma a aborigene uruguaya (I, p. 185) ou quando colloca a fundação de S. Borja no primeiro quartel do seculo 17. (I, p. 368) etc.

Divide-se esta Historia em 3 tomos, todos ornados de retratos.

Tomo I. Desde o descobrimento do Rio da Prata até á fundação de Montevidéo (1730) 560 pag. com um mappa.

Tomo II. Desde o estabelecimento do governo hespanhol no Uruguay até á revolução de Maio (1730-1810) 798 pag.

Tomo III. Desde os successos precursores da revolução no Uruguay até á invasão e consolidação da conquista portugueza contra os esforços da diplomacia da Hespanha (1810-1821) 844 pag.

Com razão diz um patricio de Bauzá: „Não só os orientaes, mas os sul-americanos em geral pódem ufanar-se de tal historia que se torna um factor da nacionalidade, pondo-lhe em relevo o merito."

INDICE

ILLUSTRAÇÕES

MAPPAS